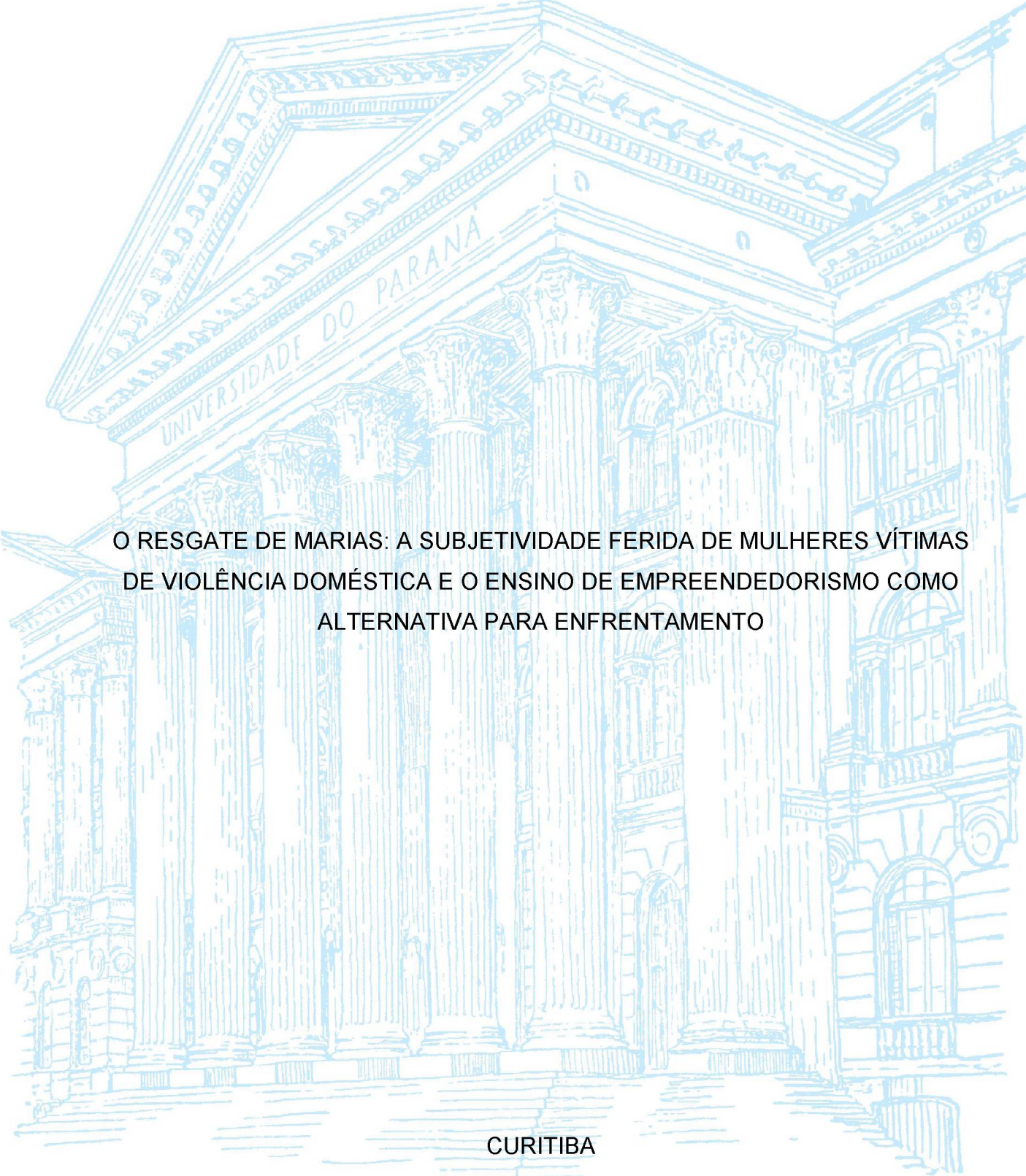


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VICTOR RODRIGO AMARAL



O RESGATE DE MARIAS: A SUBJETIVIDADE FERIDA DE MULHERES VÍTIMAS  
DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO COMO  
ALTERNATIVA PARA ENFRENTAMENTO

CURITIBA

2023

VICTOR RODRIGO AMARAL

O RESGATE DE MARIAS: A SUBJETIVIDADE FERIDA DE MULHERES VÍTIMAS  
DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO COMO  
ALTERNATIVA PARA ENFRENTAMENTO

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em Gestão de Organizações, Liderança e Decisão (PPGOLD), Escola de Administração, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná como requisito à obtenção do título de Mestre, Linha de Competências Organizacionais e Decisão.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jane Mendes Ferreira Fernandes.

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

Amaral, Victor Rodrigo

O Resgate de Marias : a subjetividade ferida de mulheres vítimas de violência doméstica e o ensino de empreendedorismo como alternativa para enfrentamento / Victor Rodrigo Amaral. – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Gestão de Organizações, Liderança e Decisão.

Orientadora: Profa. Dra. Jane Mendes Ferreira Fernandes.

1. Violência familiar. 2. Empreendedorismo - Mulheres. 3. Empreendedorismo - Estudo e ensino. I. Fernandes, Jane Mendes Ferreira. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Gestão de Organizações, Liderança e Decisão. III. Título.

Bibliotecária: Maria Lidiane Herculano Graciosa CRB-9/2008



## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação GESTÃO DE ORGANIZAÇÕES, LIDERANÇA E DECISÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **VICTOR RODRIGO AMARAL** intitulada: **O RESGATE DE MARIAS: A SUBJETIVIDADE FERIDA DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO COMO ALTERNATIVA PARA ENFRENTAMENTO**, sob orientação da Profa. Dra. JANE MENDES FERREIRA FERNANDES, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 28 de Abril de 2023.

Assinatura Eletrônica

03/05/2023 12:52:16.0

JANE MENDES FERREIRA FERNANDES

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

03/05/2023 09:49:38.0

FERNANDO ANTONIO PRADO GIMENEZ

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO GERAL E APLICADA)

Assinatura Eletrônica

05/05/2023 19:16:01.0

SIMONE CRISTINA RAMOS

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

*Dedico esta pesquisa à minha mãe, Maria Helena, mulher batalhadora, e que é fonte de inspiração em toda a minha vida!*

*À minha avó (in memoriam) Magdalena, mulher forte, humilde, à frente de seu tempo, e que trabalhou no pesado (diriam “como homem”, mas digo como uma grande mulher) para criar os filhos do ventre e do coração.*

*E a todas as Marias que emprestaram a própria história para que esta pesquisa se realizasse.*

## AGRADECIMENTOS

A conclusão de uma pós-graduação *stricto sensu* é um desafio enorme. Acredito que cada estudante tem uma trajetória muito particular e que precisa conciliar muitas questões pessoais, emocionais, familiares, acadêmicas e profissionais. Independentemente de que o custo para lidar com essas questões possa variar de pessoa para pessoas, de uma coisa tenho certeza, essa jornada não é possível de se transpor sozinho.

Muitas são as pessoas que nos auxiliam, nos ensinam, nos incentivam, nos suportam. Por isso, primeiramente não poderia deixar de agradecer à minha família pelo amor e pelo apoio incondicional, minha mãe Maria Helena, meus irmãos Vagner e João Pedro, e o meu pai, Wilson, o qual infelizmente nos deixou nesse período do curso. Meus pais sempre foram incentivadores do meu estudo e fizeram de tudo ao que estava ao alcance deles para que não me faltassem as oportunidades.

A docência não é uma tarefa fácil, ainda mais quando se precisa conciliar sala de aula com o trabalho de orientação acadêmica e outras funções burocráticas de coordenação de curso. Com certeza eu não teria chegado até esta etapa se não fosse pela insistência, dedicação, paciência e competência da minha orientadora, professora Doutora Jane Mendes Ferreira Fernandes. A ela devo a evolução na escrita, a definição do tema/problema, do método, a profundidade das entrevistas, e a vontade de propor algo capaz de efetivamente ajudar mulheres em situação de violência doméstica a saírem da condição de dependência financeira através do empreendedorismo. Professora, muito obrigado!

Agradeço aos estimados professores doutores que fizeram parte das minhas bancas de qualificação e de defesa desta dissertação, Simone Cristina Ramos e Fernando Antônio Prado Gimenez, pelos valiosos comentários e sugestões. Suas contribuições permitiram agregar muito valor e cientificidade para o texto. A vocês o meu respeito e admiração.

À professora Simone, em especial, por também ter me recebido no programa de mestrado e ter ministrado duas das disciplinas que mais contribuíram para o meu desenvolvimento acadêmico e profissional. Aproveito também para agradecer ao professor Farley Simon Mendes Nobre pelas discussões na disciplina de Organizações Sustentáveis e Inovadoras; em suas aulas pude aprofundar o conhecimento sobre os objetivos do desenvolvimento sustentável, e descobrir que

sustentabilidade também engloba ações de redução das desigualdades sociais e, em especial, o enfrentamento da violência contra mulheres. Também agradeço pelos ensinamentos e contribuições dos professores Acyr Seleme e Guilherme Francisco Frederico nas suas disciplinas de organizações e estratégia, e de metodologia da pesquisa.

Ainda no PPGOLD, preciso agradecer a todos os colegas de mestrado que ingressaram em 2020, período de pandemia, e que compartilharam este momento comigo, além de dividir tarefas e trabalhos. Meu agradecimento especial à Denise Gomes Vieira, parceira de disciplinas, trabalhos e orientação. Você foi um dos maiores presentes que recebi nesse período! Muito obrigado por dividir comigo as inseguranças e preocupações, mas principalmente pelo companheirismo, pelo incentivo, e por se tornar um irmã para toda a vida.

Além disso, devo a concretização das entrevistas à colaboração das minhas amigas Aline Reis e Denise Gomes Vieira. Graças a elas pude superar a barreira de gênero para que as mulheres em situação de violência entrevistadas pudessem se sentir mais confortáveis para contar suas histórias. Muitas vezes precisaram deixar de lado os próprios compromissos para encaixar os dias e horários em que as entrevistadas estavam disponíveis. Não tenho palavras para agradecer tamanha amizade. Espero que a oportunidade de fazer parte disso tenha sido tão transformador e gratificante quanto foi para mim.

O meu obrigado também aos professores e colegas do programa de pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná, no qual tive a oportunidade de fazer duas disciplinas isoladas na linha da Sociologia do Esporte e do Lazer, como aluno externo, com os Professores Doutores Fernando Renato Cavichioli e Fernando Marinho Mezzadri. Com eles aprendi conceitos e as teorias de Norbert Elias, Norberto Bobbio e Pierre Bourdieu, o que abriu minha mente sobre temas sociais e políticas públicas, e despertou a vontade de neles direcionar a minha pesquisa, mesmo antes de conhecer o PPGOLD.

Sou grato à Polícia Militar do Paraná, instituição que escolhi para atuar profissionalmente, e que abriu as portas para que eu pudesse me desenvolver profissionalmente e academicamente. À PMPR e aos meus comandantes devo a oportunidade de estudar, atuar e desenvolver cursos e atividades relacionadas ao enfrentamento à violência contra a mulher. No meu trabalho eu pude ver a pesquisa e produção acadêmica fazer sentido e produzir resultados práticos.

Meu muito obrigado aos amigos e colegas de trabalho que fizeram parte da minha jornada acadêmica para conclusão deste mestrado, desde o incentivo para inscrição, sugestões, discussões: os oficiais (capitães) Dênis Wellinton Viana, Marcos Roberto de Souza Peres, Rodrigo Hoinatski, Milton Isack Fadel Neto, Luiz Rodrigo Larson Carstens, Luciano Blasius, Valdir Goedert Filho, Caroline Costa, Íncare Correa de Jesus, Francielle Hoflinger, Rafael Gomes Sentone e outros mestres e doutores da PMPR. Vocês ajudaram a abrir as portas das universidades públicas para que nossa instituição pudesse produzir conhecimento, sem vocês terem mostrado o caminho eu não acreditaria que ele era possível.

Seguindo na menção aos colegas de trabalho, aproveito para agradecer a todos os demais integrantes da turma Aspirantes 2007 da Polícia Militar do Paraná, os quais me acompanharam desde o início da trajetória profissional e muitas vezes acreditaram mais na minha capacidade do que eu mesmo. Por fim, agradeço ainda aos membros da Câmara Técnica da Patrulha Maria da Penha da PMPR, da qual passei a fazer parte durante o mestrado e o desenvolvimento da pesquisa, em especial ao Tenente-Coronel Janata, Tenente-Coronel Pitz, Major Márcia, Capitães Carolina e Pegorini, Tenente Patrícia, Sargento Alexandra, Soldados Abiane, Luana e Juliane.

Conta, Maria!  
Revela o segredo que roubou a tua alegria  
Que dói no meu peito olhar e te ver tão aflita  
Por trás do sorriso que esconde teu pranto, Maria

Canta, Maria!  
Quebra o silêncio e levanta tua voz, minha amiga  
Que o medo não deve calar o teu canto, Maria  
E só Deus conhece o tamanho da tua agonia

Denuncia!  
Que tua voz é poder de lutar contra essa covardia  
E nada no mundo supera o valor de uma vida  
Lembra que não tá sozinha

Confia!  
Lembra do amor desse homem gentil que dizia:  
Eu não te condeno, Maria, Eu te dou minha vida.  
Aquele que veio do ventre de outra Maria

Denuncia!  
Que tua voz é poder de lutar contra essa covardia  
E nada no mundo supera o valor de uma vida  
Lembra que não tá sozinha...

Anuncia!  
Vem encher de esperança o destino de tantas Marias  
Lembra que não tá sozinha  
E conta comigo, Maria!

Denuncia!  
Que tua voz é poder de lutar contra essa covardia  
E nada no mundo supera o valor de uma vida  
Lembra que não tá sozinha

Anuncia!  
Vem encher de esperança o destino de tantas Marias  
Lembra que não tá sozinha  
E conta comigo, Maria!

**(Conta Comigo, Maria; Joel Mozart)**

## RESUMO

A violência doméstica contra a mulher é um problema social complexo, atual, e que ocorre silenciosamente, no interior das residências e nas relações familiares. A dependência financeira é um dos motivos apontados na literatura que impedem que as vítimas abandonem a relação abusiva. A abordagem metodológica utilizada é qualitativa, através da primeira etapa da pesquisa-ensino (derivada da pesquisa ação); a coleta de dados se deu por entrevistas semiestruturadas e a seleção dos participantes foi intencional, pois foram convidadas a participar como respondentes mulheres em situação de violência doméstica de Curitiba e região metropolitana. Como etapa inicial de pesquisa-ensino, este trabalho se propõe a investigar como a violência pode afetar a subjetividade da mulher vítima, na constituição da própria identidade enquanto pessoa capaz de gerar renda para o próprio sustento. Os achados convergem com outros estudos no sentido de que mulheres que dependem financeiramente do agressor tem menor propensão a empreender; mostram que o fato da mulher ser empreendedora não garante que estará imune à violência, já que não há controle sobre a ação do outro-agressor; mas permitem inferir que a mulher que se identifica como empreendedora sente-se mais capaz para quebrar o ciclo da violência. Diante disso, esta pesquisa propõe programas de ensino de empreendedorismo como alternativa para o enfrentamento da violência doméstica, uma vez que pode permitir a geração da própria renda e melhora da autoestima da mulher.

Palavras-chave: violência doméstica; empreendedorismo feminino; ensino de empreendedorismo.

## **ABSTRACT**

Domestic violence against women is a complex, current social problem that occurs silently, inside homes and in family relationships. Financial dependence is one of the reasons mentioned in the literature that prevent victims from leaving the abusive relationship. The methodological approach used is qualitative, through the first stage of research-teaching (derived from action research); data collection was carried out through semi-structured interviews and the selection of participants was intentional, as women victims of domestic violence from Curitiba and the metropolitan region were invited to participate as respondents. As an initial research-teaching stage, this work proposes to investigate how violence can affect the subjectivity of the woman victim, in the constitution of her own identity as a person capable of generating income for her own livelihood. The findings converge with other studies in the sense that women who are financially dependent on the aggressor are less likely to be entrepreneurs; show that the fact that a woman is an entrepreneur does not guarantee that she will be immune to violence, since there is no control over the action of the other-aggressor; but they allow us to infer that the woman who identifies as an entrepreneur feels more capable of breaking the cycle of violence. In view of this, this research proposes entrepreneurship teaching programs as an alternative for coping with domestic violence, since it can allow the generation of one's own income and improve the woman's self-esteem.

Keywords: domestic violence; female entrepreneurship; entrepreneurship teaching.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - TRABALHO INTERDISCIPLINAR: EDUCAÇÃO, SEGURANÇA PÚBLICA E ADMINISTRAÇÃO .....	24
FIGURA 2 - EIXOS ESTRUTURANTES DA POLÍTICA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES.....	37
FIGURA 3 - MAPA DA REGIÃO ABRANGIDA PELAS VISITAS DA PATRULHA MARIA DA PENHA.....	42
FIGURA 4 - CICLO DA VIOLÊNCIA TÍPICO (A); CICLO DA VIOLÊNCIA MODIFICADO (B); CICLO DO RISCO DE VIDA (C); CICLO DO RISCO DE VIDA QUANDO A MULHER ACREDITA QUE PODE MORRER A QUALQUER MOMENTO (D).....	45
FIGURA 5 - VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E INICIAÇÃO DE NOVOS EMPREENDIMENTOS.....	53
FIGURA 6 - COMPETÊNCIAS COMO FONTE DE VALOR PARA O INDIVÍDUO E PARA A ORGANIZAÇÃO .....	62
FIGURA 7 - CICLO DA PESQUISA-AÇÃO.....	70
FIGURA 8 - CICLO DA PESQUISA-AÇÃO EM 8 ETAPAS.....	71
FIGURA 9 - RELAÇÃO PERCEBIDA ENTRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E DEPENDÊNCIA EMOCIONAL E FINANCEIRA.....	119

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA REDE DE ENFRENTAMENTO E DA REDE DE ATENDIMENTO ÀS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA .....	38
QUADRO 2 - SÍNTESE DOS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO EM DAR ES SALAAM .....	54
QUADRO 3 - SÍNTESE DOS ESTUDOS SOBRE A RELAÇÃO EMPREENDEDORISMO x VIOLÊNCIA .....	55
QUADRO 4 - SÍNTESE DOS TERMOS QUE CARACTERIZAM A IDENTIDADE SOCIALMENTE CONSTRUÍDA DAS MARIAS.....	104
QUADRO 5 - SÍNTESE DOS TERMOS QUE CARACTERIZAM A IDENTIDADE EMPREENDEDORA.....	108
QUADRO 6 - SÍNTESE DOS TERMOS QUE CARACTERIZAM O POTENCIAL EMPREENDEDOR.....	110
QUADRO 7 - RESUMO DAS RESPOSTAS SOBRE METODOLOGIAS PARA O ENSINO.....	111

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - REINCIDÊNCIA DE CASOS EM CURITIBA, RMC E LITORAL.....	32
TABELA 2 - METODOLOGIAS E TECNOLOGIAS PARA O CURSO.....	65
TABELA 3 - HISTÓRIAS DE EMPREENDEDORAS DE SUCESSO.....	66

## LISTA DE SIGLAS

- ABRASEL - Associação Brasileira de Bares e Restaurantes.
- BMRS - Brigada Militar do Rio Grande do Sul.
- BPM - Batalhão de Polícia Militar.
- CAPE - Centro de Análise, Planejamento e Estatística.
- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
- CF/88 - Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.
- COD - Linha de pesquisa de Competências Organizacionais e Decisão.
- CPB - Código Penal Brasileiro.
- CRPM - Comando Regional de Polícia Militar.
- DSM - Dar es Salaam.
- FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública.
- GEM - Global Entrepreneurship Monitor (Monitor Global de Empreendedorismo).
- IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística.
- IS - Interacionismo Simbólico.
- LMP - Lei Maria da Penha.
- MEI - Microempreendedor individual.
- MP - Mestrado Profissional
- MPUs - Medidas Protetivas de Urgência.
- ODS - Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.
- ONG - Organização Não Governamental.
- ONU - Organização das Nações Unidas.
- OPM - Organização Policial Militar.
- PM - Polícia Militar ou Policial Militar.
- PM/3 - 3ª Seção do Estado Maior Geral (Seção de Planejamento e Doutrina da Polícia Militar do Paraná)
- PMBA - Polícia Militar da Bahia.
- PMMG - Polícia Militar de Minas Gerais.
- PMP - Patrulha Maria da Penha.
- PMPR - Polícia Militar do Paraná.
- PPGOLD - Programa de Pós-graduação em Gestão de Organizações, Liderança e Decisão.

PPRVD - Política de Prevenção e Repressão à Violência Doméstica da Polícia Militar do Paraná.

PPVD - Patrulha de Prevenção à Violência Doméstica.

PR - Estado do Paraná.

PRONASCI - Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania.

RH - Recursos Humanos.

RMC - Região Metropolitana de Curitiba.

RMP - Ronda Maria da Penha.

SENASP - Secretaria Nacional de Segurança Pública.

SESP - Secretaria de Estado da Segurança Pública e Administração Penitenciária.

TEA - Transtorno do Espectro Autista.

UFG - Universidade Federal de Goiás.

UFPR - Universidade Federal do Paraná.

UOp. - Unidade Operacional.

VD - Violência Doméstica.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>18</b>
1.1 TEMA DE PESQUISA.....	21
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA.....	21
1.3 OBJETIVOS.....	22
1.3.1 Objetivo Geral.....	22
1.3.2 Objetivos Específicos.....	22
1.4 CONTEXTUALIZAÇÃO DA RELAÇÃO PESQUISADOR/PROBLEMA DE PESQUISA.....	22
1.5 A ADERÊNCIA DO TEMA NO PROGRAMA E NA LINHA DE PESQUISA.....	24
1.6 APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO.....	26
<b>2 SUSTENTAÇÃO TEÓRICO-EMPÍRICA</b> .....	<b>28</b>
2.1 RETRATO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.....	28
2.1.1 A violência doméstica contra mulheres.....	28
2.1.2 Mortes de mulheres por razão de gênero - o Femicídio.....	34
2.2 A REDE DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA ÀS MULHERES..	37
2.3 A PATRULHA MARIA DA PENHA.....	39
2.4 A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E A DEPENDÊNCIA FINANCEIRA.....	44
2.4.1 O ciclo e os tipos da violência doméstica.....	44
2.4.2 “Ela (não) gosta de apanhar”! Da construção social do papel da mulher à dependência financeira.....	46
2.5 PROGRAMAS DE EMPREENDEDORISMO PARA REDUÇÃO DE VIOLÊNCIA.....	50
2.6 IDENTIDADE EMPREENDEDORA.....	57
2.7 METODOLOGIA DO ENSINO DE EMPREENDEDORISMO.....	59
2.7.1 Fundamentos para a aprendizagem.....	59
2.7.2 O ensino enquanto desenvolvimento de competências.....	61
2.7.3 O uso das tecnologias educacionais.....	63
2.7.4 O uso de metodologias ativas para o ensino de empreendedorismo.....	64
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>69</b>
3.1 PROCEDIMENTOS DE COLETA.....	73
<b>4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>75</b>
4.1 HISTÓRIAS DAS MARIAS DEPENDENTES FINANCEIRAMENTE.....	75

4.1.1 Maria das Dores .....	75
4.1.2 Maria Esperança .....	78
4.1.3 Maria do Céu .....	81
4.1.4 Maria do Socorro .....	82
4.2 HISTÓRIAS DAS MARIAS INDEPENDENTES FINANCEIRAMENTE .....	86
4.2.1 Maria Vitória .....	86
4.2.2 Maria Amélia .....	91
4.2.3 Maria Francisca .....	95
4.2.4 Maria Valentina .....	98
<b>5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>102</b>
5.1 CARACTERIZAÇÃO DAS RESPONDENTES .....	102
5.2 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE DAS MARIAS .....	103
5.3 PERCEPÇÕES SOBRE O EMPREENDEDORISMO .....	107
5.4 OBSERVAÇÕES SOBRE METODOLOGIA DO ENSINO DE EMPREENDEDORISMO .....	111
5.4.1 Tecnologias e Metodologias .....	111
5.4.2 O teste com o uso do Storytelling - Histórias de empreendedoras de sucesso .....	112
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>115</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>121</b>
<b>APÊNDICE I .....</b>	<b>130</b>
<b>APÊNDICE II .....</b>	<b>131</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Maria da Penha é uma mulher brasileira, nordestina, nascida em Fortaleza, Ceará, em 1945, e que se formou biofarmacêutica pela Universidade Federal do Ceará em 1966. Foi vítima de violência doméstica e duas tentativas de homicídio, o que hoje poderíamos considerar como tentativas de feminicídio, pelo então companheiro. A primeira tentativa de feminicídio, em 1983, foi utilizando uma espingarda para atingi-la à queima roupa nas costas enquanto ela dormia, o que a deixou paraplégica (FERNANDES, 2012; UCHOA, 2016; IMP, 2022).

A versão do agressor à Polícia foi de que o caso se tratava de uma tentativa de assalto, a qual num primeiro momento foi aceita, já que ela não estava acordada no momento da agressão. Porém, num segundo ato de violência, ela foi mantida em cárcere privado e foi vítima de uma segunda tentativa de feminicídio por eletrocussão enquanto tomava banho. Posteriormente a perícia realizada desmentiu a versão do agressor referente à primeira tentativa de assassinato. (UCHOA, 2016; IMP, 2022).

Apesar das provas e do processo criminal que foi instaurado, a tentativa de colocar o agressor atrás das grades levou cerca de vinte anos. Muitos crimes cometidos na época por homens no âmbito das relações conjugais tinham como estratégia de defesa a alegação de que se tratavam de atos passionais, como ciúmes, pelo fato de “amarem demais”. Houve a necessidade de se recorrer aos tribunais internacionais, e em 2001 a Comissão Interamericana da Direitos Humanos interveio para que a justiça brasileira prendesse o agressor, o que acabou ocorrendo somente em 2002, pouco antes do crime prescrever (AZEVEDO, 2011; UCHOA, 2016).

Em 2006, impulsionada pela repercussão internacional do caso, foi sancionada a Lei nº 11.340, pela qual foram criados mecanismos para se coibir a violência doméstica contra a mulher, e como homenagem a lei foi batizada de Lei Maria da Penha. Infelizmente a Maria da Penha não é a única Maria vítima de violência doméstica ou do crime de feminicídio, seja na sua forma tentada ou consumada, no Brasil. Azevedo (2011) aponta que em média uma mulher é agredida no território brasileiro a cada quinze segundos. A violência doméstica já era, em 2011, a maior causa de morte e invalidez de mulheres na faixa de 16 a 44 anos (AZEVEDO, 2011).

No contexto internacional houve um avanço importante para as ações de enfrentamento à violência contra as mulheres a partir de setembro de 2015. Chefes de Estado e de Governo, além de outros representantes de alto escalão dos 193 Estados-membros reuniram-se na sede da Nações Unidas (ONU), em Nova York, comprometendo-se com os objetivos e metas do desenvolvimento sustentável (ODS), numa ação global para melhorar nosso mundo até 2030. As ações previstas no documento produzido no encontro, conhecido como Agenda 2030, envolvem ações tanto no setor público, quanto no privado, e contemplam uma visão de sustentabilidade que vai além da preservação ambiental. Isso porque estabelece metas para um desenvolvimento econômico sustentável, para melhorias na legislação e nas instituições, para a saúde e bem-estar, e para o desenvolvimento social e diminuição das desigualdades (ONU, 2015).

No aspecto social, as metas estabelecidas visam “*promover sociedades pacíficas, justas e inclusivas, livres do medo e da violência*” (ONU, 2015, p. 6). Mais especificamente, o ODS nº 5 trata da igualdade de gênero e empoderamento feminino, com alguns objetivos específicos, dos quais destaca-se “*eliminar todas as formas de violência contra todas as mulheres e meninas nas esferas públicas e privadas, incluindo o tráfico e exploração sexual e de outros tipos*” (5.2), além de outras políticas e mudanças legislativas para promoção da igualdade de gênero e empoderamento das mulheres (ONU, 2015, p. 22).

Os objetivos ainda tratam do enfrentamento à discriminação do gênero feminino, do desenvolvimento de ações para que as mulheres possam ter os mesmos direitos que homens em relação ao acesso aos recursos econômicos e serviços financeiros. Sobre o uso de tecnologias, o objetivo estabelecido pretende estimular que haja um aumento entre as mulheres, particularmente o uso de tecnologias da informação e comunicação, como forma de empoderamento feminino.

Desta forma, já pode ser percebida a relevância social de projetos que tenham como foco estudar a violência contra a mulher e propor soluções para que as organizações públicas e privadas possam agir em consonância com a Agenda 2030, e mais, especificamente, para atingirem o objetivo 5. O interesse em investir capital privado na questão existe, pode refletir na reputação e legitimidade das empresas perante seu público consumidor e ainda resultar na criação de valor sustentável ao negócio. Da mesma forma, no ramo público existe o interesse de que sejam efetivadas políticas públicas nesta temática, como forma de diminuição das

desigualdades sociais, diminuição dos índices de criminalidade e violência, e conseqüentemente melhoria na imagem e reputação do poder público.

A violência doméstica (VD) contra a mulher é um problema complexo, por suas causas diversas (ANDRADE e FONSECA, 2008; PEREIRA e PEREIRA, 2011; SIGNORELLI, AUAD e PEREIRA, 2013), e, conseqüentemente, não existe uma solução única e fácil que resolva todos os casos. O fenômeno também se caracteriza por certo silêncio, por certa invisibilidade social, já que ocorre na grande maioria das vezes dentro dos próprios lares das mulheres em situação de violência e em relações familiares, afetivas (SILVA, 2007; ALVAREZ, 2017).

Além disso, há uma grande dificuldade em provocar uma mudança no comportamento do agressor, o qual muitas vezes é qualificado como pessoa de bem, trabalhador e/ou pai de família (SANEMATSU, 2019). Ele pode demonstrar ser uma pessoa completamente diferente, não violenta, no ambiente de trabalho e convívio com parentes e vizinhos, o que pode contribuir para fragilizar ou descredibilizar o relato da vítima.

Uma das discussões que se apresentam quando o assunto é violência doméstica contra a mulher é a permanência delas junto ao agressor. Trata-se de uma questão complexa que pode ter variadas causas. Uma delas é a ciclicidade dos eventos de violência conforme apontado por Walker (2009). Os agressores intercalam os momentos de aumento da tensão, da violência propriamente dita, seguida do arrependimento, com promessas de mudança de comportamento, também conhecida como fase da lua de mel (ALVAREZ, 2017). Outra razão possível para permanecer na relação abusiva é a dependência financeira. Com isso, percebe-se que há uma dificuldade no rompimento do ciclo de violência, fazendo com que a mulher permaneça em situação de vulnerabilidade e precise acionar os órgãos de segurança pública por inúmeras vezes (reincidência dos casos).

O que se pretende neste trabalho é enfrentar um dos fatores que torna difícil à mulher vítima conseguir romper com o ciclo da violência e deixar a condição de vulnerabilidade, que é o da dependência financeira em relação ao agressor. A forma proposta para enfrentar esse problema, e que será avaliada no decorrer do trabalho, é através do estímulo ao desenvolvimento de uma identidade empreendedora. Ao trabalhar as questões identitárias e o conhecimento sobre gestão de pequenos negócios, espera-se que as mulheres vítimas se percebam capazes de gerar a

própria renda, melhorem a autoestima, e consigam sair da relação de dependência e dos abusos.

A identidade pode ser estudada por diversos prismas, e um deles se baseia no Interacionismo Simbólico (IS). Neste caso, a teoria escolhida encontra respaldo no fato de que a violência doméstica (VD) se apresenta em relações assimétricas de poder, e o IS pode contribuir para a compreensão de como as mulheres vítimas significam e interpretam o papel que desempenham socialmente, e como isso se revela na construção da própria identidade. Ao desempenhar uma atividade em que ela esteja em situação de protagonismo (como empreendedora), poderia haver uma ressignificação do seu papel social e da sua identidade.

Apesar de identidade e subjetividade serem categorias analíticas diferentes e estudadas por diferentes ramos da ciência, em especial áreas da psicologia, pode-se considerá-las intercambiáveis para fins deste estudo. Enquanto a identidade é constituída a partir da interação social, considerar-se-á como subjetividade a forma como a mulher percebe e pensa a própria identidade, ou seja, o caráter interpretativo dado ao que ela é. E ela se torna sujeito consciente de quem ela é nas relações sociais (FERREIRA, 2012).

## 1.1 TEMA DE PESQUISA

O tema da pesquisa é voltado ao enfrentamento da violência doméstica contra a mulher através do ensino de empreendedorismo. Faz-se importante esclarecer que a violência doméstica pode se dar entre parceiros, entre pais/mães e filhos, ou outras configurações familiares com ou sem coabitação. Entretanto para fins desta pesquisa, o foco são os casos em que a mulher está em situação de violência pelo próprio parceiro.

## 1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Como subjetividade e a constituição da identidade de mulheres são afetadas pela vitimização por violência doméstica?

### 1.3 OBJETIVOS

A seguir serão apresentados o objetivo geral e os específicos estabelecidos para esta pesquisa.

#### 1.3.1 Objetivo Geral

Analisar como a violência doméstica afeta a subjetividade e a constituição da identidade de mulheres em situação de violência.

#### 1.3.2 Objetivos Específicos

- a. Verificar a situação atual das mulheres em situação de violência doméstica;
- b. Analisar os aspectos subjetivos do processo de constituição da identidade de mulheres em situação de violência doméstica;
- c. Identificar os sentidos e significados atribuídos pelas participantes da pesquisa no processo de significação da atividade empreendedora e dos papéis sociais representados;
- d. Comparar o medo do fracasso e o potencial para empreender percebido entre mulheres em situação de violência doméstica com e sem dependência financeira.

### 1.4 CONTEXTUALIZAÇÃO DA RELAÇÃO PESQUISADOR/PROBLEMA DE PESQUISA

Para Ferreira (2012, p. 18), em se tratando de pesquisas qualitativas não há neutralidade na realização das análises, uma vez que passam pelo indivíduo pesquisador, enquanto um dos sujeitos de pesquisa, e “a partir de uma condição social e historicamente localizada”. Assim, torna-se relevante compreender o ponto no qual o pesquisador está situado, para que haja sentido na forma como compreende e analisa o fenômeno estudado.

A relação deste pesquisador com a temática se deu, primeiramente, por ter nascido de uma mulher policial militar, a qual, mesmo estando numa profissão bastante empoderada, em casa foi vítima de violência doméstica pelo companheiro

alcoolista por mais de uma década. Já no final da adolescência, no ano de 2005, como escolha profissional, seguiu os passos da mãe ao ingressar na Polícia Militar do Paraná, na carreira de Oficial de Polícia. Ainda no período de formação (no segundo ano do Curso de Formação de Oficiais), teve a oportunidade de aprender a recém-criada Lei Maria da Penha.

Depois de anos de experiência profissional, trabalhando em diversos setores da corporação, no ano de 2020 acabou recebendo a incumbência de coordenar um projeto piloto da Patrulha Maria da Penha na Região Metropolitana de Curitiba e litoral paranaense. Da atuação das equipes componentes do projeto surgiu a demanda de mulheres vítimas que mencionavam a dificuldade de deixar a relação, por não terem a própria renda. Ao apresentar o problema à professora Jane, orientadora no programa de mestrado profissional, solicitando auxílio para as mulheres, surgiu a ideia deste trabalho.

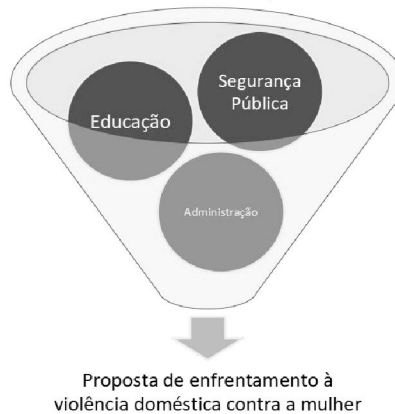
Neste ínterim, também passou a compor, na qualidade de membro, a Câmara Técnica da Patrulha Maria da Penha da Polícia Militar do Paraná (PMPR), contribuindo para a elaboração dos protocolos de atuação das equipes de Patrulha Maria da Penha (PMP), especialmente nas Unidades Operacionais (UOp) de Curitiba, Região Metropolitana (RMC), e litoral paranaense. Aliado à questão de violência de gênero, também passou a atuar como colaborador da Comissão de Combate ao Assédio Moral e Sexual da corporação, na realização de palestras educativas.

Além disso, a relação com a área do ensino vem da graduação numa licenciatura, a de Educação Física, bem como na experiência como docente na PMPR desde o ano de 2008. Em 2011 começou a lecionar na Academia Policial Militar do Guatupê (APMG), e no período de 2013 a 2020 pertenceu aos quadros de pessoal daquela instituição de ensino, atuou na coordenação de cursos de praças e na divisão de ensino, participando do planejamento e organização pedagógica dos cursos lá realizados.

A figura 1 representa o caráter interdisciplinar desta pesquisa, bem como a intenção de utilizar conhecimentos das três áreas - Segurança Pública, Educação e Administração - na proposição de uma solução ao problema descrito. Com esta formação e visão interdisciplinar, da mesma forma como são as equipes que atuam no enfrentamento à violência contra a mulher, este pesquisador pretende aliar o conhecimento nas áreas da segurança pública e na educação, com os estudos no

mestrado profissional na área da administração, para propor uma alternativa viável e que auxilie mulheres em situação de violência doméstica a romperem o ciclo da violência.

FIGURA 1 - TRABALHO INTERDISCIPLINAR: EDUCAÇÃO, SEGURANÇA PÚBLICA E ADMINISTRAÇÃO



Fonte: o autor (2023).

### 1.5 A ADERÊNCIA DO TEMA NO PROGRAMA E NA LINHA DE PESQUISA

O Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Gestão de Organizações, Liderança e Decisão (PPGOLD) é um curso reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) como de nível de mestrado profissional na área da administração. O site oficial do curso<sup>1</sup> mostra que a missão estabelecida para o programa é a de “Promover o desenvolvimento do processo decisório das organizações, (...), por meio da formação profissional que envolva aprofundamento das competências técnicas e humanas concretizadas na atuação profissional de excelência”. O site eletrônico do programa ainda esclarece que os objetivos do curso são permeados pela interdisciplinaridade.

O curso é dividido em três linhas de pesquisa, e a linha na qual esta dissertação está contextualizada é a de Competências Organizacionais e Decisão (COD). O ponto de convergência entre as linhas de pesquisa do programa é a tomada de decisão nas organizações. A descrição da linha de pesquisa está publicada da seguinte maneira:

<sup>1</sup> Site eletrônico do PPGOLD, conteúdo: Objetivos. Disponível em: <<http://www.prppg.ufpr.br/site/ppgold/pb/objetivos/>>. Acesso em 20 mar. 23.

O foco desta linha são competências organizacionais relevantes para a competitividade. Consideramos, por um lado, que a arquitetura de competências estratégicas requer a coordenação e articulação de recursos organizacionais, envolvendo um contínuo processo decisório em consonância com a estratégia da empresa; por outro, entende-se que a existência de determinadas competências organizacionais orienta decisões estratégicas. Desta forma, as competências organizacionais se apresentam como elementos intrínsecos a tomada de decisão estratégica e podem ser delimitadas como um subtema deste campo de conhecimento. Em particular, a linha irá desenvolver atividades de ensino e pesquisa associadas a competências organizacionais como: 1) decisão em ambientes internacionais; 2) tomada de decisão e gestão de pessoas; 3) sustentabilidade e **responsabilidade social corporativa**; 4) estratégia e mudança organizacional; e 5) **empreendedorismo** entre outros temas relacionados. Este foco reflete a expertise (teórica e prática), produção teórica e tecnológica, bem como os projetos de pesquisa da equipe de professores que compõem a linha. (PPGOLD, 2023, grifo nosso)<sup>2</sup>

Nesse contexto, compreende-se que a presente pesquisa, apesar de não ser um estudo específico sobre tomada de decisão, poderá basilar futuras decisões institucionais da Polícia Militar, ou mesmo do governo, nos níveis municipal, estadual e federal, no sentido de elaborar políticas públicas mais efetivas para o enfrentamento à violência contra a mulher. Além de que o empreendedorismo é um tema explícito da linha de pesquisa, e o presente trabalho pode ajudar na compreensão dos fatores que favorecem ou impedem que uma mulher vítima de violência doméstica tome a decisão de empreender.

Além disso, por se tratar de um curso a nível de mestrado profissional, é importante que a pesquisa desenvolvida tenha maior aplicabilidade à realidade concreta, promovendo uma reflexão sobre as práticas profissionais, e contribua para as mudanças nas organizações, através da aproximação com a academia. O ex-ministro da Educação, Renato Janine Ribeiro, explicou a criação dos chamados mestrados profissionais (MP):

O papel do MP no desenvolvimento econômico e social do Brasil é defendido com base em três constatações: primeira, a sociedade atual requer uma formação cada vez mais qualificada, mesmo para setores que não lidam com a docência nem com a pesquisa de ponta; segunda, com o aumento das titulações no País, constata-se que boa parte dos mestres e uma parte significativa dos doutores encaminham-se para um destino que não é o ensino superior; e, terceira, a inexistência de preconceito da Capes quanto à transferência de conhecimento científico para as empresas ou para o mercado, desde que a sociedade como um todo, e o setor público e os movimentos sociais em particular, também sejam alvo dessa transferência. (RIBEIRO, 2005, p. 8)

---

<sup>2</sup> Sítio eletrônico do PPGOLD, conteúdo: Áreas de Concentração e Linhas de Pesquisa. Disponível em: <<http://www.prppg.ufpr.br/site/ppgold/pb/linhas-de-pesquisa/>>. Acesso em: 20 mar. 23.

Desta forma, a intenção da criação dos programas de mestrado profissional, para Ribeiro (2005), era a de que as áreas das Ciências Humanas e Sociais não se fechassem no mundo universitário sem transferir o que produzem para aqueles que efetivamente podem aplicar o conhecimento acadêmico na prática e promover o desenvolvimento social. Assim, também defende-se que esta pesquisa se enquadra no contexto do mestrado profissional, por possibilitar a aproximação da academia com organizações públicas no combate à violência.

## 1.6 APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos, além da introdução: o referencial teórico, a metodologia, a apresentação dos resultados, a análise/discussão dos resultados, e a conclusão/considerações finais. Por se tratar de uma etapa da pesquisa-ensino, que deriva da pesquisa-ação, a primeira parte, capítulos de introdução, referencial teórico e apresentação dos resultados, são para a observação e caracterização da realidade substantiva, ou seja, a apresentação do contexto em que o tema se insere. A segunda parte, composta pelos capítulos de análise e discussão dos resultados e a conclusão, se caracteriza pela reflexão, ou seja, um pensar crítico sobre o contexto, para planejar e estabelecer a metodologia de intervenção naquela realidade. As últimas etapas da pesquisa-ensino, ação e avaliação, não serão apresentadas nesta pesquisa, uma vez que ficarão para a continuidade do projeto, seja por este pesquisador ou por outros integrantes do grupo de pesquisa.

O capítulo dois da dissertação começa tratando do contexto da violência doméstica no Brasil, no Estado do Paraná, e na Região Metropolitana da Curitiba e litoral paranaense. São apresentados dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, do Mapa da Violência e da Secretaria de Estado da Segurança Pública e Administração Penitenciária do Estado do Paraná (SESP/PR) para melhor compreender o fenômeno e quem são as vítimas.

Depois, ainda como parte da sustentação teórico-empírica, é apresentada a revisão da literatura sobre a violência doméstica e dependência financeira. Buscou-se relacionar alguns programas de empreendedorismo com a redução de violência, e foram apresentados alguns conceitos para melhor entender a relação da identidade empreendedora com a subjetividade da mulher. E, para fechar o capítulo,

aproximou-se da área da educação para se fundamentar pedagogicamente o funcionamento de um possível programa de ensino em empreendedorismo.

O capítulo três trata da metodologia em dois principais momentos. O primeiro para apresentar a abordagem metodológica, tipo de pesquisa, técnica de coleta de dados, sujeitos de pesquisa, além dos cuidados éticos. Num segundo momento foram relatados os procedimentos para a coleta dos dados das entrevistas realizadas com mulheres em situação de violência doméstica.

No quarto capítulo são apresentados os resultados das entrevistas realizadas com mulheres participantes e alvo da pesquisa, sejam elas dependentes ou não dos agressores, de forma a contar a história de cada uma das Marias. Na sequência, como capítulo cinco, os resultados foram analisados e discutidos com base na literatura do referencial teórico que sustenta esta pesquisa.

Os principais achados, depois de categorizados e correlacionados com a literatura, são retomados nas conclusões/considerações finais. Por fim, são apresentadas as referências utilizados no decorrer deste trabalho.

## 2 SUSTENTAÇÃO TEÓRICO-EMPÍRICA

A violência contra as mulheres no Brasil tem sido discutida e estudada principalmente depois das mudanças legislativas que proporcionaram um maior rigor na apuração e responsabilização dos agressores. Nos últimos anos, inclusive o terceiro setor tem contribuído para fomentar a discussão sobre violência e propor ao poder público medidas mais efetivas para o seu enfrentamento, a exemplo do Fórum Brasileiro de Segurança Pública<sup>3</sup>.

Os princípios legais da transparência e da publicidade, cada vez mais cobrados dos governos, têm permitido o acesso a dados criminais que contribuem de forma significativa para a contextualização da violência no Brasil e em cada estado da federação, seja de forma isolada, ou em comparação entre semelhantes. Assim, neste capítulo, partir-se-á da caracterização da realidade substantiva como primeira etapa da pesquisa, e posteriormente serão apresentados os referenciais teóricos para uma melhor compreensão do fenômeno da violência doméstica contra mulheres; uma possível relação do empreendedorismo e do desenvolvimento de uma identidade empreendedora com a redução deste tipo de violência.

### 2.1 RETRATO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Aqui serão apresentados os dados que contextualizam a situação da mulher vítima de violência no Brasil, no estado do Paraná, e mais especificamente na Região Metropolitana de Curitiba e municípios do litoral paranaense, os quais fazem parte da área da abrangência e recebem atendimento policial do 1º e do 6º Comando Regional da Polícia Militar do Paraná.

#### 2.1.1 A violência doméstica contra mulheres

Podemos dizer que uma das infrações penais que afligem as mulheres e as colocam numa condição de vulnerabilidade social é o crime de Violência Doméstica. Assim, também se faz importante compreender que esse tipo de violência pode ser

---

<sup>3</sup> Organização não-governamental, apartidária e sem fins lucrativos, que se dedica a construir um ambiente de referência e cooperação técnica na área de segurança pública. Homepage: <https://forumseguranca.org.br/>

praticado de algumas formas, seja ela física, psicológica, sexual, econômica (patrimonial) ou moral. A própria Lei Maria da Penha, no artigo 7º, apresenta a definição dos cinco tipos de violência que podem ser praticados contra a mulher no âmbito doméstico e familiar:

I - a **violência física**, entendida como qualquer conduta que **ofenda sua integridade ou saúde corporal**;

II - a **violência psicológica**, entendida como qualquer conduta que lhe cause **dano emocional e diminuição da autoestima** ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe **cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação**;

III - a **violência sexual**, entendida como qualquer conduta que a **constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada**, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV - a **violência patrimonial**, entendida como qualquer conduta que configure **retenção, subtração, destruição parcial ou total** de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou **recursos econômicos**, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V - a **violência moral**, entendida como qualquer conduta que configure **calúnia, difamação ou injúria**. (BRASIL, 2006, grifo nosso).

É comum que o tipo de violência praticada numa relação abusiva aconteça de forma crescente, iniciando de forma verbal (pela violência psicológica e/ou moral), para depois chegar nas modalidades que deixam marcas no corpo da vítima (agressões físicas e a violência sexual). Todas essas formas de violência, quando praticadas nas relações familiares de convivência, são consideradas violência doméstica. Além disso, em muitos casos, acaba evoluindo para a forma extrema, que é a morte da mulher (o crime de feminicídio será tratado logo mais).

A tipificação legal da violência física contra mulher está no art. 129, § 9º, do Código Penal Brasileiro (CPB), como forma qualificada do crime de lesão corporal, quando esta é praticada: "*contra ascendente, descendente, irmão, cônjuge ou companheiro, ou com quem conviva ou tenha convivido, ou, ainda, prevalecendo-se o agente das relações domésticas, de coabitação ou de hospitalidade*" (gn). Esta infração foi criada na legislação penal brasileira a partir da Lei nº 10.886, de 2004.

Posteriormente, com a promulgação da Lei nº 11.340, de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha (LMP), houve avanço significativo, inclusive com o

aumento de pena base prevista, fazendo com que o crime deixasse de ser considerado como de menor potencial ofensivo e permitisse que o agressor fosse preso em flagrante e indiciado em inquéritos policiais. Outras ações importantes previstas na nova lei dizem respeito ao eixo de criação de mecanismos para coibir a violência, proteção da integridade física e dos direitos da mulher, como as medidas protetivas de urgência, e ao eixo de medidas de prevenção e educação (PASINATO, 2008 *apud* MENEGHEL *et al.*, 2013).

Meneghel *et al.* (2013) afirmam que ao entrevistar vítimas e operadores sociais da rede de enfrentamento e apoio à mulher vítima de violência doméstica houve bastante referência à Lei Maria da Penha. No decorrer da pesquisa, elas categorizaram os discursos que descrevem ou percebem o referido instrumento legal, primeiro de forma positiva, pelo reconhecimento como mecanismo de proteção do direitos humanos das mulheres; e, em contrapartida, a crítica nos trechos dos depoimentos que apresentavam as limitações da lei, pela dificuldade de implementação e de efetiva proteção das vítimas.

A lei diz que é crime e impõe penas; estabelece medidas protetivas para que o agressor não se aproxime da vítima, entre outras. Mas há uma dificuldade grande para que isso aconteça na prática, pois mesmo havendo ordem judicial, quando o agressor a descumpra e consegue se aproximar da mulher, o estrago pode ser irreversível, definitivo.

Além de que a aproximação do agressor consegue, muitas vezes, causar uma pressão psicológica que faz com que a mulher retire a denúncia e novamente se submeta aos abusos. Ou seja, existe a Lei Maria da Penha para reconhecer a mulher como vítima, e mesmo assim continua o problema.

#### 2.1.1.1 Os dados da violência doméstica no Brasil e no Paraná

Em relação à infração penal de violência doméstica (lesão corporal dolosa, art. 129, § 9º do CPB), o Anuário Brasileiro de 2021 mostrou que houve uma redução de 7,4% no Brasil de 2019 para 2020. Em números absolutos, foram registrados no país 246.664 casos em 2019, e 230.160 em 2020. A taxa brasileira (casos por 100 mil mulheres) variou de 229,7 em 2019 para 212,7 em 2020. Já no Paraná houve uma pequena variação positiva em 0,5%, passando de 17.810 casos (em 2019) para 18.038 (em 2020); a taxa correspondente passou de 305,4 (2019)

para 307,0 (2020). Ordenando os estados brasileiros das maiores taxas positivas até as maiores taxas negativas, o Paraná ocupa a 9ª posição, e última dos estados com aumento dos números no período; 16 estados apresentaram variação negativa, ou seja, tiveram redução nos casos (FBSP, 2021).

Quanto às medidas protetivas de urgência, como por exemplo afastamento do lar, proibição de aproximação e contato com a ofendida, o Anuário Brasileiro de 2021 mostrou que em números brutos houve um aumento nas medidas concedidas de 281.941 em 2019, para 294.440 em 2020 (aumento de 3,6%). No Paraná a variação foi ainda maior, com o aumento de 8,3%, passando de 30.630 medidas concedidas em 2019, para 33.412 em 2020. Proporcionalmente à população de mulheres (taxa a cada 100 mil mulheres) o Paraná foi o 6º estado brasileiro que mais concedeu medidas protetivas em 2020; em números absolutos ocupou a 2ª colocação, ficando atrás apenas de São Paulo (FBSP, 2021).

Quanto aos chamados ao telefone de emergência da Polícia Militar o estado do Paraná apresentou um aumento bem próximo da média nacional. No Brasil as ligações passaram de 596.721 em 2019, para 694.131 em 2020, um aumento de 16,3%. No Paraná o aumento foi de 16,7% no mesmo período, com os números absolutos de 54.274 em 2019, e 63.345 em 2020. Entretanto, ao compararmos essa quantidade de ligações com o número absoluto de ligações por todas as outras naturezas de chamada das Polícias Militares, percebemos que o estado do Paraná tem números bastante significativos. Enquanto no Brasil, as ligações relativas à violência domésticas equivalem à 2,6% do total (em 2020), na instituição policial paranaense de forma isolada, os chamados corresponderam a 7,5% do total de acionamentos do telefone de emergências (FBSP, 2021).

#### 2.1.1.2 Os dados da Polícia Militar em relação aos atendimentos de violência doméstica na Região Metropolitana de Curitiba e litoral do Paraná

Na região metropolitana de Curitiba e litoral do estado, no ano de 2020, os chamados de emergência com a natureza violência doméstica foram a 2ª maior causa das ligações para a Polícia Militar, ficando atrás apenas das ocorrências de perturbação do sossego e da tranquilidade (som alto). Foram 18.630 chamados, o que corresponde a 9,1% das ligações em 2020 na região. Uma circunstância que chama a atenção é que apenas 19% destes chamados se encerraram como



Pontal do Paraná	181	57	23	11	4	3	1	3										283
Quatro Barras	71	22	6	2														101
Rio B. do Sul	81	19	8	1	2													111
São J. dos Pinhais	863	258	94	36	12	6	5	1	2		1		1					1279
Tijucas do Sul	42	18	4	3	3													70
Tunas do Paraná	25	8	1	1														35
<b>Total Geral</b>	9856	3033	1151	477	211	89	49	27	22	11	5	2	9	2	2	1	2	13247

Fonte: CAPE SESP/PR, 2022.

Em cada linha são especificados os dados relativos a determinado município, enquanto nas colunas são apresentados o número de mulheres que tiveram registro de violência doméstica no ano de 2021, após já possuírem pelo menos outro registro nos últimos cinco anos (2017 a 2021). Na coluna “2v” concentram-se o número de mulheres que foram atendidas por duas vezes no período (o último obrigatoriamente em 2021); já na coluna “20v” apresenta o número de mulheres que acionaram a polícia por vinte vezes, sendo a última obrigatoriamente no ano de 2021.

Assim, pode se afirmar que uma mulher na cidade de Curitiba e outra no município de Colombo tem um histórico de vinte ocorrências de violência doméstica nos últimos cinco anos. Já o número de mulheres com dois casos de violência no período na capital foi de 4.585. A contagem final aponta que 14.949 mulheres tiveram reincidência na vitimização (revitimização) deste crime no período, na região. Diante disso, torna-se importante compreender mais sobre o ciclo da violência e formas de auxiliar na seu rompimento.

Os municípios relacionados são os que pertencem a atual circunscrição territorial do 1º e do 6º Comando Regional da Polícia Militar do Paraná, onde tem sido disponibilizado o serviço de Patrulha Maria da Penha. Essa região servirá de base para coleta de dados neste estudo, pois é de onde se teve acesso aos dados das vítimas, e onde o trabalho da Patrulha Maria de Penha permitiu que cursos fossem disponibilizados às mulheres vítimas da violência.

No Paraná está em fase de implementação a Diretriz nº 012/2022 - PM/3 (PMPR, 2022), que estabelece a “Política de Prevenção e Repressão à Violência Doméstica da Polícia Militar do Paraná” (PPRVD); documento construído a partir das discussões de uma Câmara Técnica composta por integrantes da instituição, incluindo este pesquisador, designados para regulamentar e padronizar o serviço. Este documento define os protocolos de primeira intervenção, nos atendimentos emergenciais, e também visitas posteriores programadas para acompanhamento

dos casos, que passarão a ser chamadas de segunda e terceira intervenção, pelas Patrulhas Maria da Penha (PMP).

### 2.1.2 Mortes de mulheres por razão de gênero - o Femicídio

O acompanhamento dos dados dos homicídios de mulheres relacionados à violência de gênero passou a ser feito separadamente dos crimes comuns de homicídio a partir da Lei Federal nº 13.104, de 2015. Nesta lei se definiu como feminicídio o homicídio qualificado por ser praticado “*contra a mulher por razões da condição de sexo feminino*” (BRASIL, 2015).

Será possível perceber que a maioria dos feminicídios ocorridos em 2020 se deu em relações afetivas, em que um companheiro ou ex-companheiro chegou ao ato mais extremo de violência contra uma mulher. Normalmente isto acontece após evoluir dos tipos de violência já descritos anteriormente como modalidades da violência doméstica (psicológica, moral, patrimonial, física e sexual). Os dados a seguir mostram a realidade dessa violência contra mulheres.

#### 2.1.2.1 Cenário dos feminicídios no Brasil

No Brasil encontramos números alarmantes sobre a violência contra as mulheres, nas suas mais variadas formas. No mapa da violência de 2015, que trata dos homicídios de mulheres no Brasil, relata-se que nosso país apresenta uma taxa de 4,8 homicídios por 100 mil mulheres; o que corresponde à quinta colocação num grupo de 83 países com dados homogêneos, e a segunda maior taxa entre os países da América do Sul. Os países que apresentaram taxas superiores ao Brasil foram El Salvador (8,9), Colômbia (6,3), Guatemala (6,2) e a Federação Russa (5,3). Já em comparação aos países com menores índices, a taxa brasileira equivale, por exemplo, a 48 vezes maior que a do Reino Unido (75º), 24 vezes a da Irlanda (73º) ou Dinamarca (72º), e 16 vezes a do Japão (71º) ou Escócia (68º) (WAISELFISZ, 2015).

O Atlas da violência de 2019 apontou que na década em análise (2007-2017), houve um aumento de 30,7% no número de homicídios de mulheres no Brasil. Em 2017, último ano da análise, já era registrada uma média de treze assassinatos de mulheres por dia. Naquele ano foram 4.936 mulheres mortas, o maior número

registrado no período. O Atlas de 2021 apontou 4.519 mortes de mulheres em 2018 e 3.737 em 2019, uma redução de 17,3%, seguindo a tendência do indicador geral (inclui mortes de homens e mulheres), que reduziu no período em 21,5%. Esse total de mulheres assassinadas inclui tanto os dados da violência de gênero contra as mulheres (violência doméstica e outras em que há menosprezo/discriminação à condição de mulher), quanto às demais causas derivadas da violência urbana, como roubos seguidos de morte e outros conflitos.

De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2021), em 2020 foram registrados 1.350 feminicídios no Brasil, 0,7% de aumento em relação ao ano anterior. A série histórica dos últimos cinco anos tem apresentado aumento no número absoluto de casos: 929 (2016), 1.075 (2017), 1.229 (2018), e 1.330 (2019) (FBSP, 2021).

Já no ano de 2021, o Anuário Brasileiro registrou 1.341 feminicídios, o que representa uma variação negativa de 1,7% em relação ao ano anterior. A proporção de feminicídios em relação ao número total de mortes de mulheres (homicídios de mulheres) aumentou; enquanto em 2020 os feminicídios representaram 33,9% do total, em 2021 a relação das mortes de mulheres por questões de gênero foi 34,6% (FBSP, 2022).

O número absoluto de mulheres mortas no país foi de 3.999 em 2020, e 3.878 em 2021. A variação foi de -3,8%. Os dados também mostram que as tentativas de homicídios de mulheres e de feminicídios também coincidiram na redução em -3,8% (FBSP, 2022).

#### 2.1.2.2 O contexto de feminicídios no estado do Paraná

O Paraná foi apresentado no mapa da violência de 2015 como a 12ª Unidade Federativa com maiores taxas de homicídios por 100 mil mulheres no ano de 2003. A taxa paranaense era de 4,5 mortes a cada 100 mil mulheres; acima da média nacional, que era de 4,4. Em 2013, o Paraná, com uma taxa de 5,2 mortes/100 mil mulheres e 15,1% maior que em 2003, desceu para a 19ª posição no *ranking* nacional, entretanto continuou acima da taxa média brasileira, que foi 4,8.

No período entre 2003 e 2013, o Paraná foi o 16º estado com maior variação positiva da taxa. Na contramão, alguns estados apresentaram variação negativa: Mato Grosso do Sul (-0,1%), Amapá (-5,3%), Rondônia (-11,9%), Pernambuco (-

15,6%), Mato Grosso (-16,6%), Rio de Janeiro (-33,3%), e São Paulo (-45,1%) (WAISELFISZ, 2015).

O mesmo documento ainda lista os 100 municípios brasileiros com mais de 10 mil habitantes do sexo feminino com as maiores taxas médias de homicídio de mulheres (por 100 mil), no período compreendido entre 2009 e 2013. Entre eles encontramos Campina Grande do Sul (27º), Piraquara (36º), Santa Helena (44º), Pinhais (56º), Araucária (61º), Almirante Tamandaré (62º), Fazenda Rio Grande (73º), São Miguel do Iguazu (91º) e Colombo (100º). De todos os nove, somente Santa Helena e São Miguel do Iguazu não se encontram na área compreendida como Região Metropolitana de Curitiba (RMC) (WAISELFISZ, 2015).

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022) apontou que, seguindo a tendência nacional, houve redução do número absoluto de mortes de mulheres no estado do Paraná, passando de 229 casos em 2020, para 208 em 2021, numa redução de 9,8%. Entretanto, ao contrário da tendência no país, os feminicídios tiveram uma variação positiva em 2%, passando de 73 para 75 casos no período de 2020 para 2021 (FBSP, 2022). Maior do que a proporção nacional, no estado os feminicídios representaram 36,1% do total das mortes de mulheres em 2021; número maior também que o registrado no ano anterior, 31,9%.

### 2.1.2.3 O perfil das vítimas de feminicídios e outras características dos crimes

O perfil das mulheres vítimas de feminicídio também pode ser identificado a partir dos dados divulgados no Anuário Brasileiro de 2021. A maioria se trata de mulheres jovens (74,7% entre 18 e 44 anos) e negras (61,8%). As mortes, de forma maciça (81,5%), são cometidas por companheiros ou ex-companheiros; outros parentes cometeram 8,3%.

Os instrumentos mais utilizados nos crimes foram armas brancas (55,1%); armas de fogo foram utilizadas em 26,1% dos casos, e agressões em 8,6%. Gomes (2014) explica que o instrumento utilizado tem relação com o ambiente em que ocorre e ao fato do crime ser realizado nas relações familiares; pois é compreensível que armas brancas sejam mais utilizadas nos crimes cometidos no contexto de violência familiar e doméstica, já que a fatalidade normalmente parte de um conflito interpessoal, em que a tensão vai aumentando e o autor da violência faz uso de um objeto que esteja disponível nas proximidades para agredir a companheira. Assim,

preocupam as políticas públicas que visam flexibilizar para a população o uso de armas de fogo; pois com uma maior disponibilidade desse instrumento letal, poderemos ver aumentar o seu uso na violência contra as mulheres.

O local das mortes femininas reforça a ideia de violência decorrente de relações familiares e afetivas, já que 54% dos feminicídios ocorreram nas próprias residências (FBSP, 2021). O Atlas da violência de 2021 (CERQUEIRA, 2021) aponta que houve aumento de 6,1% na taxa de homicídios de mulheres em residências e diminuição de 28,1% da taxa fora da residência.

## 2.2 A REDE DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA ÀS MULHERES

O termo enfrentamento está relacionado ao ato de enfrentar, fazer oposição, defrontação. A Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres adota um conceito que está relacionado à implementação de políticas amplas e articuladas, isso para conseguir abranger toda a complexidade da violência contra as mulheres, em qualquer uma das formas com que se expressa. Para haver enfrentamento é preciso que as ações sejam conjuntas entre os setores da segurança pública, justiça, assistência social, saúde, entre diversos outros (SPM/PR, 2011a). Assim, a política nacional de enfrentamento “não se restringe à questão do combate, mas compreende também as dimensões da prevenção, da assistência e da garantia de direitos das mulheres” (SPM/PR, 2011a, p. 25).

As dimensões de prevenção, assistência, enfrentamento e combate, acesso e garantia de direitos compõem os quatro Eixos Estruturantes da Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. Cada eixo engloba ações específicas, conforme pode ser observado na Figura 2:

FIGURA 2 - EIXOS ESTRUTURANTES DA POLÍTICA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES:



Fonte: SPM/PR (2011a, p. 26).

Quando se fala em violência contra a mulher torna-se importante destacar a importância do trabalho em rede. A Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM/PR, 2011b) definiu como rede de enfrentamento um conjunto mais amplo de componentes, desde as instituições ou serviços governamentais, as não-governamentais e a própria comunidade, com o objetivo de desenvolver estratégias de prevenção e políticas para o empoderamento e construção da autonomia das mulheres. A rede vai de encontro à efetivação de quatro eixos então previstos na Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres (SPM/PR, 2011b).

Aspecto imprescindível para a efetivação da Lei [Maria da Penha] é que os serviços trabalhem de forma integrada configurando a rede de enfrentamento à violência. Esta, pressupõe ação e responsabilidade intersetorial e atuação em equipes multidisciplinares compostas por profissionais das áreas psicossocial, jurídica e de saúde para promover a orientação e o cuidado das pessoas afetadas. (MENEGHEL *et al.*, 2013, p. 697)

Considerando que a violência doméstica (VD) é um problema complexo e multidimensional, a resolução do problema costuma se dar com a atuação multidisciplinar, abrangendo especialmente equipes das áreas da saúde, segurança pública, assistência social e justiça, que devem atuar de forma articulada e integrada para que haja maior efetividade das políticas públicas. Profissionais destas áreas, que realizam ações ou prestam um serviço especializado ou não-especializado de atendimento às vítimas, compõem um grupo mais restrito da rede de enfrentamento que é chamado de rede de atendimento (SPM/PR, 2011).

QUADRO 1 - PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA REDE DE ENFRENTAMENTO E DA REDE DE ATENDIMENTO ÀS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA:

<b>Rede de Enfrentamento</b>	<b>Rede de Atendimento</b>
Contempla todos os eixos da Política Nacional (combate, prevenção, assistência e garantia de direitos).	Refere-se somente ao eixo da Assistência /Atendimento.
Inclui órgãos responsáveis pela gestão e controle social das políticas de gênero, além dos serviços de atendimento.	Restringe-se a serviços de atendimento (especializados e não especializados).
É mais ampla que a rede de atendimento às mulheres em situação de violência.	Faz parte da rede de enfrentamento à violência contra as mulheres.

Fonte: SPM/PR (2011b, p.15).

Quando a SPN/PR (2011) fala em serviços não-especializados refere-se a hospitais, Polícia Militar, delegacias de Polícia Civil comuns, Defensorias Públicas, Ministério Público, dentre outros. Estes serviços não atendem exclusivamente

mulheres em situação de violência, mas acabam sendo muitas vezes a porta de entrada da vítima na rede.

Já os serviços especializados têm a experiência/especialização e atendem exclusivamente as mulheres em situação de vulnerabilidade. O site do Tribunal de Justiça do Paraná<sup>4</sup> elenca uma série de órgãos especializados pertencentes à rede presentes no estado: Casa da Mulher Brasileira (CMB); Patrulha Maria da Penha (PMP); Casas-Abrigo; Central de Atendimento à Mulher - Ligue 180; Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM); Centro de Referência da Assistência Social (CRAS); Centro de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS); Defensorias da Mulher; Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAMs); Federação dos Conselhos da Comunidade do Estado do Paraná (FECCOMPAR); Instituto Médico Legal (IML); Juizados de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher; Núcleo de Apoio à Vítima de Estupro (NAVES); Ouvidorias; e Promotorias da Mulher ou Núcleos de Gênero do Ministério Público.

Para Santos e Santos (2020), os principais desafios que envolvem o funcionamento do trabalho em rede são a dificuldade em se estabelecer um fluxo de informações, encaminhamentos incorretos pela falta de conhecimento das funções de cada integrante da rede, má qualidade no atendimento de alguns profissionais. Estes profissionais, por não estarem habilitados/preparados para as situações de violência, não conseguem desenvolver empatia e um atendimento humanizado, chegando muitas vezes a culpabilizar as vítimas pela situação em que se encontram, ou ainda fazem perguntas exaustivas que desrespeitam a intimidade e a fazem reviver o trauma desnecessariamente (SANTOS & SANTOS, 2020).

A Polícia Militar pode compor a rede de enfrentamento e de atendimento tanto como serviço não-especializado, quando faz atendimentos emergenciais e generalistas, por se tratar de uma cidadã em situação de perigo; bem como serviço especializado quando se trata especificamente dos atendimentos da Patrulha Maria da Penha. Este serviço especializado será abordado com mais detalhes a seguir.

### 2.3 A PATRULHA MARIA DA PENHA

As Patrulhas Maria da Penha (PMP) correspondem a um serviço das instituições de segurança pública que visam dar atendimento especializado para

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.tjpr.jus.br/web/cevid/rede-enfrentamento>>.

mulheres em situação de violência doméstica. A formatação e protocolos de atuação dos policiais que atuam nesse serviço variam de acordo com a Unidade da Federação, e num mesmo estado, pode haver diferenças na forma de atuação das equipes, conforme peculiaridades de cada região e de cada Organização Policial Militar (OPM).

No Rio Grande do Sul, por exemplo, de acordo com Spaniol (2015), as patrulhas foram implantadas com o objetivo de fiscalizar o cumprimento de medidas protetivas nos casos de violência abarcados pela Lei Maria da Penha. Além disso, se caracterizou como atividade policial preventiva, no sentido de combater novos casos de violência familiar e os casos de reincidências. Segundo Dantas Pereira (2021), as PMPs da Brigada Militar do Rio Grande do Sul (BMRS) teriam sido as primeiras experiências de policiamento, no Brasil, voltadas ao enfrentamento da violência contra a mulher, no ano de 2012.

Spaniol (2015) explica que o projeto ocorreu de forma piloto na capital, Porto Alegre, em quatro bairros: Santa Teresa, Lomba do Pinheiro, Rubem Berta e Restinga, os quais já estavam incluídos no Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI) como “Territórios da Paz”. A análise dos resultados feita pela autora foi em relação aos dois primeiros anos de implantação do projeto piloto nessas áreas, nos quais se percebeu diminuição do número de vítimas ameaçadas pelos companheiros e também houve redução do número de agressores que descumpriram as medidas protetivas de urgência determinadas judicialmente. Isto foi atribuído à ação de presença realizada nos bairros, com a ostensividade e divulgação do trabalho das Patrulhas Marias da Penha.

De Melo *et al.* (2018) apontaram que na Bahia a Ronda Maria da Penha foi criada no ano de 2015, primeiramente em bairros do subúrbio de Salvador, e depois, no mesmo ano, se expandiu para a cidade baiana de Juazeiro. Para elas o objetivo da Ronda é tanto prevenir quanto inibir os casos de violência doméstica, atuando proativamente e presencialmente na fiscalização das Medidas Protetivas de Urgência (MPUs) expedidas pelo poder judiciário daquele estado.

No estudo de Dantas Pereira (2021), sobre a Ronda Maria da Penha (RMP) no município baiano de Senhor do Bonfim (de 2017 a 2020), o serviço prestado pela Polícia Militar da Bahia (PMBA) é apresentado como uma experiência de policiamento comunitário que visa o combate à violência de gênero. Como resultado da pesquisa, ela constatou que as visitas domiciliares realizadas pela RMP são

ações importantes para o monitoramento das medidas protetivas de urgência, e consequentemente para coibir as ações do agressor. Na visitas os policiais orientam as vítimas no sentido de que reconheçam seus direitos e percebam que elas não estão sozinhas, pela existência e o apoio da rede de enfrentamento.

Analisando o trabalho de Pimentel (2013) e Kawamura *et al.* (2020), constata-se que talvez o primeiro estado a estabelecer um serviço especializado voltado ao atendimento de mulheres em situação de violência doméstica na verdade tenha sido Minas Gerais, em 2010, contrariando a informação de Dantas Pereira (2021). A Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG) criou a Patrulha de Prevenção à Violência Doméstica (PPVD) composta por dois ciclos, os atendimentos de primeira e segunda resposta. O primeiro trata-se de um serviço disponibilizado vinte e quatro horas por dia, para atendimento dos casos de forma emergencial. Os casos atendidos neste primeiro ciclo são encaminhados para as PPVD, para que as equipes especializadas façam visitas preventivas de acompanhamento dos casos, com o intuito de interromper o processo de agressão e romper com o ciclo da violência (PIMENTEL, 2013; KAWAMURA, 2020)

No Paraná já houve a instituição do serviço da PMP em diversos contextos, principalmente após a publicação da Lei Estadual nº 10.788, de 20 de dezembro de 2018, que institui as PMP no âmbito do estado do Paraná. Para padronizar o serviço em todo o estado, está em fase de implementação a Diretriz nº 012/2022 - PM/3, com a “Política de Prevenção e Repressão à Violência Doméstica no Âmbito da Polícia Militar do Paraná”.

Mesmo antes da publicação da diretriz, o então denominado 6º Comando Regional de Polícia Militar, responsável pelo policiamento ostensivo e preservação da ordem pública nas cidades da Região Metropolitana de Curitiba e litoral do estado, já deu início a realização de visitas pós-ocorrências às mulheres em situação de violência doméstica. O projeto da Patrulha Maria da Penha neste formato teve início no final do mês de abril de 2021. Nele, uma equipe policial militar passou a retornar aos endereços de algumas vítimas de violência, registradas nos boletins de ocorrência dos dias anteriores à visita, para um acompanhamento mais próximo do caso.

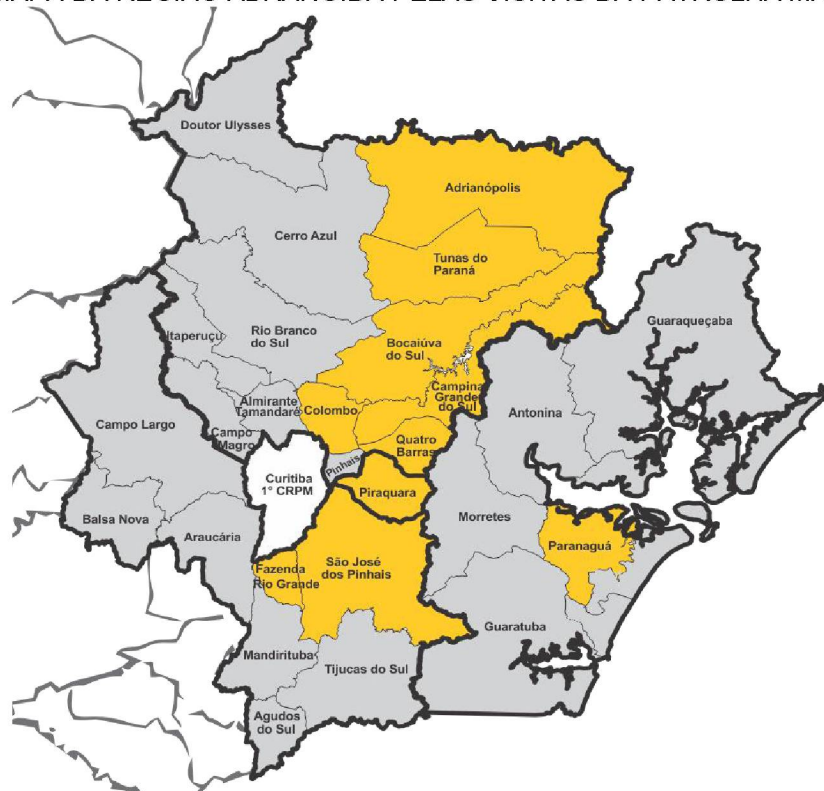
A seleção das mulheres que seriam visitadas pela Patrulha foi realizada com os critérios de gravidade dos casos; vítimas com maior quantidade de ligações para a Polícia Militar; e vítimas com medidas protetivas de urgência em vigor. Ao

comandante da Companhia Policial Militar daquela(s) determinada(s) cidade(s) coube a responsabilidade de coordenar o serviço e auxiliar as equipes da PMP na seleção e acompanhamento dos casos.

Inicialmente o trabalho se deu em 6 municípios: Colombo, Quatro Barras, Piraquara, São José dos Pinhais, Fazenda Rio Grande e Paranaguá. Após cerca de dois meses o projeto foi expandido para 10 municípios, acrescentando Adrianópolis, Tunas do Paraná, Bocaiúva do Sul e Campina Grande do Sul. Até agosto de 2021 já haviam sido realizadas 123 visitas para as vítimas nestes municípios (Figura 3), pelos policiais militares dos batalhões da Polícia Militar envolvidos no projeto.

A Figura 3 foi obtida com a seção de planejamento do 6º Comando Regional de Polícia Militar (6º CRPM), e ilustra os dez municípios que foram abrangidos pelo projeto piloto na primeira e segunda fase (na cor amarelo). Os municípios em cinza e a capital foram incluídos na última fase do projeto.

FIGURA 3 - MAPA DA REGIÃO ABRANGIDA PELAS VISITAS DA PATRULHA MARIA DA PENHA



Fonte: 6º CRPM (2021)

As informações coletadas das vítimas nas visitas realizadas pelas equipes policiais militares da Patrulha Maria da Penha foram registradas num formulário online do Google. Como resultado das respostas constatou-se que 59% das

mulheres visitadas no período possuíam medida protetiva de urgência em vigor contra o agressor. Quanto aos agressores, foram confirmadas algumas informações que demonstram o risco ao qual as vítimas estão submetidas: 84% conhecem a rotina das vítimas; 65% bebem ou usam drogas; 34% já foi preso.

Quanto às vítimas, além do medo causado pelas características mencionadas dos agressores, as respostas coletadas confirmaram alguns dos outros motivos que dificultam o rompimento do ciclo da violência: 54% delas responderam já foram ameaçadas caso tentassem deixar o agressor; e 32%, das vítimas que responderam, afirmaram depender financeiramente do agressor. Destas (com dependência financeira), 49% manifestaram interesse em cursos ou alguma forma de auxílio para qualificar-se profissionalmente.

A partir destas informações, o comando da região policial-militar passou a expandir o projeto e estabelecer parcerias tanto no setor público quanto privado para fortalecer a rede de apoio à mulher vítima de violência, e buscar capacitação para as mulheres em situação de violência voluntárias por meio de cursos. Estas ações foram de encontro ao objetivo de estimular o empoderamento feminino através do empreendedorismo e do fortalecimento de uma identidade empreendedora, para possibilitar que as vítimas de violência doméstica que possuem dependência financeira dos agressores possam sair desta condição. Como resultados esperava-se reduzir o número de chamados na central de emergências (190) de casos de violência doméstica em que há reincidência de agressores e vítimas.

Além das organizações do setor público que fazem parte da rede de apoio, como a Casa da Mulher Brasileira e prefeituras municipais, buscou-se parcerias iniciais e foram estabelecidos contatos com organizações do setor público e do setor privado que pudessem contribuir na capacitação das mulheres. Nisso houve o envolvimento da Universidade Federal do Paraná, através da Escola de Administração - Programa de Pós-graduação em Gestão de Organizações, Liderança e Decisão, para o planejamento e execução de capacitação das vítimas voluntárias, dentre as que possuem dependência financeira em relação ao agressor, em empreendedorismo.

A fundamentação teórica e pedagógica para a estruturação da capacitação também é objeto desta pesquisa. Espera-se que os dados coletados possam contribuir para a definição de conteúdos, carga-horária, metodologias de ensino, tecnologias educacionais envolvidas, entre outras informações.

## 2.4 A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E A DEPENDÊNCIA FINANCEIRA

A partir deste item serão apresentados estudos que auxiliarão na compreensão do fenômeno da violência doméstica (VD), suas características e tipos, além das possíveis causas que contribuem para que seja tão difícil para a mulher vítima de violência conseguir se afastar do agressor.

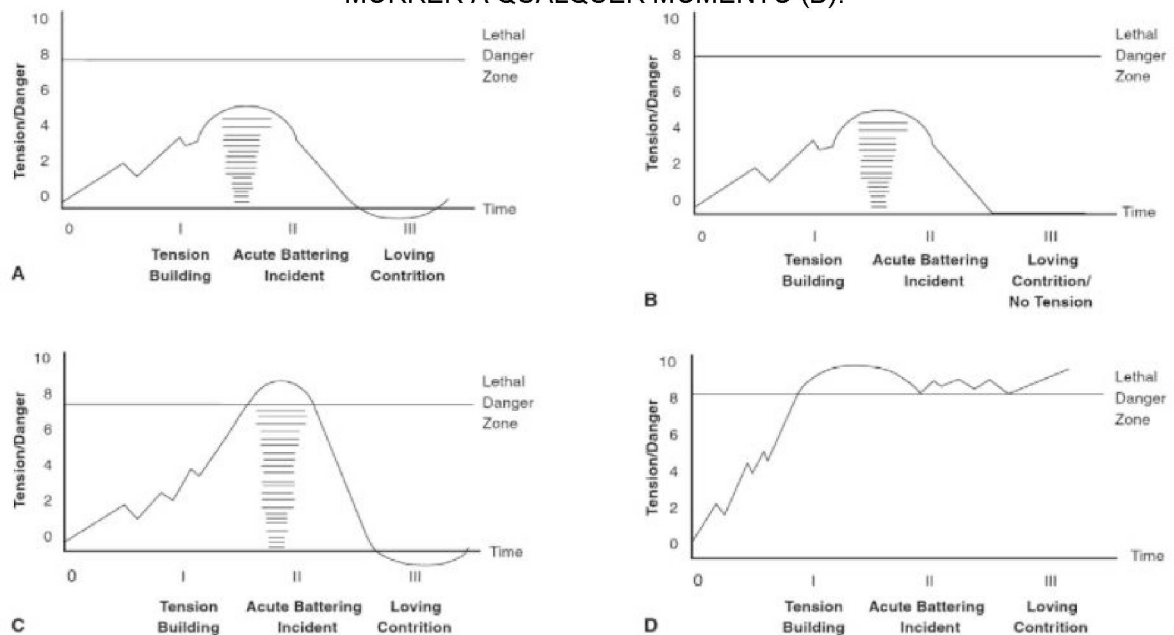
### 2.4.1 O ciclo e os tipos da violência doméstica

A psicóloga estadunidense Walker (2009) apresentou um estudo realizado no final da década de 1970, em que entrevistou mulheres em situação de violência pelos seus parceiros, e percebeu um padrão na forma como se davam os casos, o que chamou de ciclo da violência. A relação afetiva descrita pelas mulheres participantes do estudo costumava apresentar inicialmente momentos de acúmulo de tensão (*tension building*), com uma escalada gradual no nível de hostilidade, partindo de atos discretos, provocações, discussões, agressões verbais, podendo até evoluir para agressões físicas leves. Os casos costumavam apresentar uma segunda fase, mais grave, em que efetivamente ocorria um incidente de espancamento agudo (*acute battering incidente*), com a total perda de controle da situação; e com a consumação da agressão, a fase se encerrava com a sensação de alívio da tensão. A terceira fase se caracterizava pelo arrependimento por parte do agressor (*loving contrition*), do ato de violência praticado, com demonstração de gentileza e remorso, como pedidos de desculpas, promessas de mudança de comportamento e oferecimento de presentes, agrados. (WALKER, 2016).

A seguir temos a figura 4, que ilustra os achados de Walker (2016), no sentido que há uma alternância e progressão nas fases em relação ao risco, conforme o ciclo da violência doméstica. Com o passar do tempo, o nível de tensão/perigo vai aumentando progressivamente até o pico, no qual acontece a agressão. Depois há a diminuição dos níveis de tensão/perigo até que se retorne à normalidade. Os achados do primeiro estudo foram apresentados no gráfico A (coletados de 1978-1981); e um estudo que reaplicou o questionário com algumas adaptações é ilustrado no gráfico B (coleta em 2002). Já os gráficos C e D mostram a mudança do nível de risco quando o primeiro incidente de agressão já começa

com ferimentos graves ou risco de vida. Nesses casos o pico ultrapassa a linha do perigo letal, e quando a mulher se percebe em risco permanente, os níveis de tensão não diminuem com o passar do tempo como nos outros casos. Eles oscilam acima da linha do risco de vida.

FIGURA 4 - CICLO DA VIOLÊNCIA TÍPICO (A); CICLO DA VIOLÊNCIA MODIFICADO (B); CICLO DO RISCO DE VIDA (C); CICLO DO RISCO DE VIDA QUANDO A MULHER ACREDITA QUE PODE MORRER A QUALQUER MOMENTO (D):



Fonte: Walker (2016, p. 96).

Na primeira fase as mulheres vítimas ouvidas não costumavam responder às ações hostis do companheiro, e tentavam diminuir a raiva de alguma forma que naquela relação parecia funcionar. Quando se chega na segunda fase normalmente o caso acaba ultrapassando os limites daquela residência, pois, mesmo se o ato de violência não for letal, as agressões deixadas costumam necessitar de cuidados médicos, e costuma haver a necessidade de uma intervenção policial. Quando a vítima, ainda fragilizada, não decide romper a relação e perdoa o ato de violência, os relatos costumam apresentar o que também se chama de lua de mel, com uma falsa sensação de mudança de comportamento; e é nessa etapa que normalmente a mulher desiste de manter sua denúncia perante a polícia e a justiça, pelo desejo de não “prejudicar” o agressor.

No ciclo apresentado por Walker (1970), fica destacada a violência do tipo verbal (psicológica ou moral) e física praticada pelos companheiros contra as mulheres vítimas, mas também é considerado na literatura, que a violência pode se

apresentar nas modalidades patrimonial (ou econômica) e sexual (SILVA, COELHO e CAPONI, 2007; SILVA, BRITO e ARAUJO, 2012; PEINADO e PEITEAN, 2019). Já foi citado anteriormente que a própria Lei Maria da Penha definiu em cinco os tipos de violência praticados contra a mulher no âmbito doméstico e familiar: violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral (BRASIL, 2006).

Essa conceituação mais abrangente dos tipos de violência permitiu entender que a violência doméstica (VD) não se configura apenas quando a situação chega nos atos de agressões físicas. Mesmo os casos em que o agressor nunca tenha tocado um dedo na vítima, mas em que costuma praticar ameaças, constrangimentos, entre outras ações que a ofendam psicologicamente, emocionalmente, ou moralmente, também são abarcados pelos instrumentos de proteção instituídos pela Lei Maria da Penha. Isto também corrobora com os estudos sobre o ciclo da violência, já que a violência física e sexual costumam ser precedidas pela violência psicológica, moral ou mesmo patrimonial.

#### 2.4.2 “Ela (não) gosta de apanhar”! Da construção social do papel da mulher à dependência financeira

Peinado e Peitean (2019) explicam que posição da mulher foi construída socialmente como a cuidadora do lar, enquanto os homens tinham a participação em atividades remuneradas e nos papéis públicos para organização da sociedade, com isso, exercendo papel de dominação sobre as mulheres. Para eles existe uma dificuldade da vítima de violência doméstica se afastar dos agressores, por diversos fatores, e quando há dependência financeira, há uma relação maior de dominação e a dificuldade se intensifica. Assim, segundo os autores, o fato da mulher não exercer atividade remunerada pode contribuir para uma relação de abuso e poder, e para que permaneçam numa condição de vulnerabilidade social.

Ainda é demonstrado por Peinado e Peitean (2019) que a inserção da mulher no mercado do trabalho ainda enfrenta dificuldades, como a desvalorização da mão-de-obra feminina, que historicamente recebe salários médios menores pelo desempenho da mesma função que homens, e o número de horas trabalhadas muito maior pelo acúmulo com os trabalhos domésticos, em consequência da dupla jornada. O quadro ainda se agrava quando as mulheres possuem filhos com um agressor, o que acaba contribuindo para permanecerem na relação abusiva.

Gomes *et al.* (2012) realizaram um estudo descritivo, com abordagem quantitativa, para identificar as características socioeconômicas de casais com histórico de violência doméstica (VD), entrevistando 100 pessoas (metade homem e metade mulher) num bairro periférico e carente, do ponto de vista sócio-econômico, na cidade de Salvador. A predominância dos dados foi de pessoas negras, com baixa escolaridade; sendo que os homens tinham ocupações no espaço público e as mulheres, em sua maioria, realizavam serviços domésticos, mesmo quando trabalhavam fora de casa. Das mulheres entrevistadas, apenas três (6%) se consideravam independentes financeiramente.

O estudo de Albuquerque *et al.* (2013) também foi descritivo e se baseou numa abordagem qualitativa para investigar a VD sofrida por mulheres atendidas em uma Unidade de Saúde da Família no município de João Pessoa, na Paraíba. A população alvo era de 860 mulheres, e a amostra investigada foi aleatoriamente de 86 mulheres, às quais foi aplicado um questionário para coleta de dados, caracterização da população e questões que possibilitaram a associação entre a violência doméstica sofrida (variável dependente) e o uso de bebida alcoólica, dependência financeira e escolaridade (variáveis independentes).

Nesse estudo não houve significância estatística no teste de qui-quadrado da relação entre a dependência financeira e a violência vivenciada pelas mulheres participantes, o que significa que a proporção de mulheres em situação de violência que dependem financeiramente dos agressores era bastante próxima do número de mulheres que dependem financeiramente dos companheiros e não são vítimas de violência naquela população. Ou seja, o fato de ser dependente financeiramente não tornou as mulheres mais suscetíveis de serem vítimas de violência naquela população. Esse resultado não significa que a dependência financeira não possa estar associada à dificuldade de quebra do ciclo da violência, pois apenas mostra que as mulheres estão sujeitas à violência em proporções semelhantes tendo ou não dependência financeira. Mas sofrer violência e ser capaz de romper com o ciclo é uma outra avaliação.

O consumo de álcool pelas vítimas também não apresentou significância estatística, porém houve significância, segundo Albuquerque *et al.* (2013), entre a variável escolaridade e o fato de ser vítima de violência. Desta forma, entenderam que as mulheres com menor escolaridade, com até oito anos de estudo, tinham

maior probabilidade de sofrerem violência. Entre os tipos de violência, a psicológica foi predominante naquela população.

Cheron e Severo (2010) referenciaram uma pesquisa IBOPE/Instituto AVON, na qual se perguntou a 2002 pessoas, o que, na opinião dos entrevistados, mais levava uma mulher a continuar numa relação na qual é constantemente agredida fisicamente e/ ou verbalmente pelo companheiro. A resposta mais mencionada foi a falta de condições econômicas para viver sem o parceiro (24%), seguida da preocupação com a criação dos filhos (23%), do medo de ser morta caso rompa a relação (17%), da falta de auto-estima (12%), da vergonha de admitir a agressão (8%), da vergonha de se separar (6%), da dependência afetiva (4%) e por achar que tem obrigação de manter o casamento (4%).

Para elas, Cheron e Severo (2010), a dependência econômica tem relação com a forte divisão de papéis e trabalho construídas numa sociedade patriarcal, em que os homens são os provedores e as mulheres responsáveis pela esfera doméstica. Isto contribui, segunda as autoras, para tornar invisíveis os conflitos vivenciados na violência conjugal.

Ainda Cheron e Severo (2010) consideram que a independência econômica está relacionada à capacidade de gerar rupturas na situação de opressão sofrida pelo gênero feminino por permitir maior controle sobre as próprias vidas e maior segurança para abandonarem relações abusivas. Elas entendem que a inserção da mulher no mercado de trabalho não é apenas uma questão de sobrevivência, mas também tem um significado da sua busca por um papel como protagonista na sociedade.

Silva e Silva (2020) também realizaram uma pesquisa com o objetivo de verificar as possíveis razões para que a mulher vítima de violência permaneça naquela relação conjugal. A partir das respostas das vítimas, Silva e Silva (2020, p. 328) consideraram que vários são os fatores associados à dificuldade de deixar a relação abusiva, destacando-se a *“dependência financeira, os filhos, esperança de que o parceiro mude, a dependência emocional, sendo o fator de maior permanência o medo de perder o parceiro ou de não conseguir arrumar outra pessoa que as ame, ou até mesmo pena do agressor”*.

A dependência emocional, para Silva e Silva (2020), ocorre quando o sujeito se anula na relação, e tem a percepção de que precisa do outro presente para viver, ou para que a vida faça sentido. Como consequências podem ser identificadas a

sensação de tristeza, da incapacidade de viver sozinha, de que não tem vida própria, de que todos os afazeres giram em torno do companheiro, além da idealização de que algum dia os comportamentos agressivos desaparecerão. Nos casos relatados pelas participantes da pesquisa, essa dependência se evidenciou no fato de que mesmo após tomar a coragem para realizar a denúncia, ainda havia a presença de sentimento da vítima em relação ao agressor, e o fato de denunciá-lo causava uma sensação de ambiguidade entre o alívio de cessarem as agressões e a pena pelas consequências que ele sofreria, ou mesmo o medo de como os filhos reagiriam, ou o medo de perder o afeto do (ex)companheiro (SILVA e SILVA, 2020).

Rosa e Campos (2015) buscaram, através de quatro entrevistas semi-estruturadas, elucidar quais os principais motivos que levaram as vítimas a desistirem do processo criminal relacionado à violência doméstica no Juizado de Violência Doméstica e Familiar da cidade de Curitiba, no período de 2013 a 2014. Em todos os casos, as vítimas relataram tomar conhecimento da “Lei Maria da Penha” apenas após o ato de violência, quando necessitaram registrar um boletim de ocorrências. Segundo as autoras, o dinheiro provido pelo agressor é um fator de controle sobre a mulher, pois foi um elemento comum entre as vítimas o medo de não terem condição financeira para manterem a si mesmas ou aos filhos quando deixaram a relação. Outro fator apontado para a desistência do processo é a pressão da família para a acomodação do conflito, e a transferência da responsabilidade pelo conflito, recaindo sobre elas.

Os estudos apresentados corroboram no sentido de mostrar que não é fácil para a mulher quebrar o ciclo da violência doméstica e deixar a condição de vítima de violência. As causas para essa dificuldade são diversas, desde questões culturais (CHERON e SEVERO, 2010; ROSA e CAMPOS, 2015; PEINADO e PEITEAN, 2019; SILVA e SILVA, 2020), sociais (CHERON e SEVERO, 2010; GOMES *et al.*, 2012), dependência emocional/psicológica (CHERON e SEVERO, 2010; WALKER, 2016; ROSA e CAMPOS, 2015; SILVA e SILVA, 2020) e a dependência financeira (CHERON e SEVERO, 2010; GOMES *et al.*, 2012; ROSA e CAMPOS, 2015; PEINADO e PEITEAN, 2019; SILVA e SILVA, 2020). Também os estudos convergem no sentido de que, apesar da violência doméstica se fazer presente em todas as classes sociais, percebe-se uma vitimização maior nas classes menos favorecidas economicamente. A baixa escolaridade como fator associado também

pode ser considerada, pois é relacionada a uma maior exposição à violência (ALBUQUERQUE *et al.*, 2013).

## 2.5 PROGRAMAS DE EMPREENDEDORISMO PARA REDUÇÃO DE VIOLÊNCIA

Vyas *et al.* (2015) estudaram a associação da violência entre parceiros íntimos e o acesso que as mulheres desses relacionamentos possuíam aos recursos econômicos em duas diferentes cidades da Tanzânia, uma em cada extremidade leste-sudoeste do país, com mais de oitocentos quilômetros de distância: Mbeya e Dar es Salaam. Elas apontaram algumas visões de que um parceiro desempregado, uma mulher com renda ou nível educacional maior que o companheiro, por exemplo, podem estar em maior risco em relação à violência pelo parceiro, porque esse contexto desafia as regras de gênero estabelecidas socialmente. Em contraponto, Vyas *et al.* (2015) citam que há outros autores sobre violência familiar que argumentam que as mulheres que dependem financeiramente do parceiro estão sujeitas a uma condição mais aguda da violência (Kalmuss e Straus<sup>5</sup>, 1982; Pagelow<sup>6</sup>, 1981; Rusbult e Martz<sup>7</sup>, 1995; Strube e Barbour<sup>8</sup>, 1983; Yount<sup>9</sup>, 2005), e aquelas que possuem independência financeira e maior escolarização tem menor risco de serem vítimas dos parceiros.

No estudo, com referência à amostra de Dar es Salaam (DSM), foi encontrada uma relação de maior risco para as mulheres que tinham acesso a recursos financeiros, numa proporção ainda maior para aquelas com o próprio negócio do que para aquelas que tinham um negócio em sociedade. Em Mbeya essa relação não foi encontrada. A relação encontrada em DSM contraria, na opinião das autoras, as teorias econômicas, e pode significar que naquela cidade o fato da mulher ganhar dinheiro tenha um efeito desestabilizador sobre os homens e os relacionamentos

---

<sup>5</sup> Kalmuss, D.S., Straus, M.A., 1982. Wife's marital dependency and wife abuse. *J. Marriage Fam.* 44 (2), 277-286.

<sup>6</sup> Pagelow, M.D., 1981. *Woman e Battering: Victims and Their Experiences*, vol. 129. Sage, California.

<sup>7</sup> Rusbult, C.E., Martz, J.M., 1995. Remaining in an abusive relationship: an investment model analysis of nonvoluntary dependence. *Personal. Soc. Psychol. Bull.* 21 (6), 558-571.

<sup>8</sup> Strube, M.J., Barbour, L.S., 1983. The decision to leave an abusive relationship: economic dependence and psychological commitment. *J. Marriage Fam.* 45 (4), 785-793.

<sup>9</sup> Yount, K.M., 2005. Resources, family organization, and domestic violence against married women in Minya, Egypt. *J. Marriage Fam.* 67, 579-596.

conjugais, que ao sentirem sua masculinidade desafiada, tentam as impedir ou controlar (VYAS *et al.*, 2015).

Na ocasião não foram coletadas as informações relativas a quem seria o co-proprietário do negócio com a mulher. Mas uma possível explicação para o fato de que elas estavam em menor risco do que as mulheres de DSM (donas do próprio negócio) pode ser o fato de que em muitos casos o sócio do negócio seria o próprio companheiro, o que mantém o parceiro numa posição de menor desafio nas relações de gênero do que nos casos em que a mulher é a única dona. O estudo, apesar do longo período passado da coleta dos dados (anos 2001 e 2002), ainda teve relevância para mostrar que num mesmo país pode haver contextos diferentes na forma como a associação entre o acesso a recursos financeiros pelas mulheres pode se dar com o risco de serem vítimas de violência pelos parceiros.

Outro estudo no continente africano, conduzido por Green *et al.* (2015), investigou como uma intervenção econômica e o empreendedorismo feminino podem contribuir para a prevenção da violência entre parceiros em Uganda. Nele foi estudado um programa com treinamento em negócios (plano de negócios, orçamento, etc), uma ajuda de custo (\$150), além de supervisão e aconselhamento, para empoderamento econômico de mulheres, no período de 2009 a 2011, e a relação com a violência pelo parceiro íntimo.

Para os autores, é comum que os governos promovam ações e programas de transferência de renda para mulheres pobres, e de acesso a microcrédito, com base na ideia de que isso é uma forma de reduzir a pobreza, possibilitar um empoderamento feminino, com acesso à saúde, educação, oportunidades de direitos e participação política. Mas eles destacam que na literatura os efeitos do aumento de renda das mulheres e do trabalho fora de casa em relação à violência conjugal são ambíguos (GREEN *et al.*, 2015).

No caso estudado, levantou-se a hipótese de que novos padrões de comportamento nas relações de gênero, com o sucesso nos negócios e a própria melhoria na qualidade dos relacionamentos, poderiam mudar as atitudes dos homens e das mulheres em relação aos papéis de gênero. Como resultados houve efeitos positivos em como as mulheres que participaram do programa se referiam aos relacionamentos com seus parceiros, ou seja, houve melhoria na qualidade dos relacionamentos. Entretanto não houve variação significativa entre as mulheres que

participaram ou não do programa e a possibilidade de serem vítimas de violência pelos parceiros (GREEN *et al.*, 2015).

Assim, para Green *et al.* (2015), a redução da violência entre parceiros não pode ser colocada como objetivo principal dos programas de redução da pobreza, pois em Uganda, mesmo dobrando a renda dos participantes do programa (com capacitação em negócios, ajuda de custo e aconselhamento), não houve redução do risco de violência doméstica. Mas, considerando a insuficiência do desenvolvimento econômico por si só, pode ser considerado como ponto de entrada e catalisador para intervenções mais amplas. O envolvimento do parceiro no programa também foi apontado como fator relevante para promover mudanças no comportamento e nas relações de gênero.

Shahriara e Shepherd (2019) constataram que mulheres que sofreram violência física ou sexual pelos seus companheiros foram menos propensas a abrir o próprio negócio com o valor adquirido por empréstimos em Bangladesh. A decisão de não abrir um negócio após ter acesso a financiamento pode, nesse caso, ser associada ao medo do fracasso empresarial e a redução da autoeficácia empreendedora encontrados nas mulheres com antecedentes de violência doméstica (VD). Os efeitos negativos da VD foram ainda mais significativos quando associados ao acúmulo de outros eventos traumáticos decorrentes de desastres naturais, como inundações, terremotos e ciclones.

Assim, defendem os autores que os programas de facilitação de acesso a microcrédito, se concentrados de forma prevalente em mulheres em situação de violência doméstica, podem resultar numa redução da eficácia do capital financeiro como política para alavancar a criação de pequenos negócios. Em alguns casos, isto teria explicação no fato de que as mulheres vítimas podem ter o recurso subtraído pelo companheiro agressor, impedindo-as de investir nas atividades geradoras de renda e iniciação de novos empreendimentos, já que a violência patrimonial ou financeira também é uma das faces da VD (SHAHRIARA e SHEPHERD, 2019).

Para Shahriara e Shepherd (2019) as mulheres vítimas podem apresentar baixa autoestima e uma tendência à autculpa, e estes sentimentos resultam na crença de que elas não teriam capacidade de iniciar um negócio. Ou seja, a baixa autoestima prejudica a sua capacidade de se perceber capaz de enfrentar os desafios na criação de novos empreendimentos. Ainda, segundo os autores, mulheres em situação de VD podem estar em condição de isolamento social como

forma de controle por parte do agressor; e isso contribui para que ela não experimente o *feedback* positivo e/ou incentivo de terceiros. Quando há esse reforço positivo, costuma-se gerar um maior engajamento e esforço da pessoa na realização das atividades empreendedoras.

Na Figura 5 podemos observar o esquema que ilustra a hipótese levantada por Shahriara e Shepherd (2019). Nela observamos que a violência doméstica (VD) tem certa influência na iniciação de novos empreendimentos. As variáveis autoeficácia empreendedora e medo do fracasso empresarial exercem influência positiva e negativa, respectivamente, na abertura de novos empreendimentos. Já a VD aumenta o medo do fracasso empresarial e diminui a autoeficácia empreendedora. Quando a VD é associada aos desastres ambientais, ou seja, a mesma vítima passou pelos dois eventos traumáticos, a influência que a VD exerce sobre o medo do fracasso empresarial e a autoeficácia empreendedora é maior ainda, e conseqüentemente, impacta na iniciação de novos empreendimentos.

FIGURA 5 - VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E INICIAÇÃO DE NOVOS EMPREENDIMENTOS



Fonte: Shahriara e Shepherd (2019, p. 4), traduzido pelo autor (2023).

Um estudo piloto recente, conduzido por Outwater *et al.* (2021) em Dar es Salaam (DSM) na Tanzânia, se propôs a analisar a eficácia de um treinamento de curta duração (5 a 7 dias) com o objetivo de desenvolver habilidades de empreendedorismo em homens jovens (20 a 35 anos) desempregados e de baixa escolaridade. A intervenção ocorreu em quatro acampamentos com dados semelhantes, havendo diferenciação nos temas abordados no treinamento conforme

quadro abaixo. As Sessões de treinamento perduraram por aproximadamente 14 meses. A coleta dos dados ocorreu em quatro momentos: no início da intervenção, e nos períodos aproximados de 3 meses, 6 meses e 1 ano após o encerramento das sessões de treinamento.

O Quadro 2 sintetiza os resultados do trabalho de capacitação realizado em DSM. No acampamento 1 houve treinamento apenas em Educação em Saúde (Grupo Controle), com 2 sessões de treinamento, e a renda dos participantes reduziu em 37% após 2,25 anos. Além das duas sessões de treinamento em Educação em Saúde, o acampamento 2 recebeu treinamento em Empreendedorismo duas vezes (quatro sessões do projeto 1, e mais cinco dias através do projeto 2), com um resultado de aumento da renda em 146% após o mesmo período de 2,25 anos. Já no acampamento 3, o treinamento foi em Educação em Saúde (2 sessões) e em Apicultura (4 sessões), tendo um resultado de aumento de renda após o mesmo prazo, em 43%. Por último, o acampamento 4, onde se realizou treinamento tanto em saúde quanto em empreendedorismo e apicultura (todas as 10 sessões), o ganho salarial no período avaliado foi de 50%.

QUADRO 2 - SÍNTESE DOS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO EM DAR ES SALAAM:

Acampamento	Treinamento	Sessões de Treinamento	Resultado na renda após 2,25 anos
1	Educação em Saúde (Grupo Controle)	2	-37%
2	Empreendedorismo + Saúde	6 (4+2) e curso intensivo de 5 dias extra	+146%
3	Apicultura + Saúde	6 (4+2)	+43%
4	Empreendedorismo + Apicultura + Saúde	10 (4+4+2)	+50%

Fonte: Elaborado a partir de Outwater *et al.* (2021).

As duas primeiras sessões de treinamento, aplicadas a todos os participantes foram para “Introdução” e no tema “Cuide da sua saúde”. As quatro sessões adicionais sobre empreendedorismo trataram de “Fontes de Capital”, “Poupança e Investimento para Lucro”, “Plano de Negócios” e “Marketing/Atendimento ao Cliente”. No caso do acampamento 2 (Empreendedorismo), coincidentemente houve outro projeto, conduzido por uma ONG internacional, com foco em pessoas de baixa renda e baixa escolaridade que também deu treinamento em empreendedorismo ao público-alvo, por cinco dias, com os temas “Mentalidade empresarial”, “Marketing”,

“Custos/Preços”, “Financiamento”, e “Plano de negócios”. O treinamento em apicultura incluiu as sessões de “Início da Apicultura”, “Construção de Colmeias”, “Colocação de Colmeias e Colheita”, sendo as três últimas realizadas em campo (OUTWATER *et al.*, 2021).

Como resultados positivos foi apontada a diminuição da pobreza no grupo que recebeu a intervenção, mesmo considerando que não houve ajuda de custo ou empréstimo para incentivo ao empreendedorismo. Os únicos custos que os participantes tiveram reembolso foi das despesas para o deslocamento ao local onde receberiam o treinamento. Com os resultados entendeu-se que o treinamento em empreendedorismo e microfinanças pode gerar maiores ganhos financeiros, menos experiências de violência e maior bem-estar geral. Entretanto, não se encontram no estudo dados relativos à violência sofrida, praticada ou testemunhada pelos participantes da pesquisa (OUTWATER *et al.*, 2021).

Em que pese o trabalho de Overwater *et al.* (2021) não se tratar especificamente de programa de empreendedorismo para mulheres em situação de violência, mas de um curso para homens jovens que viviam num contexto de alta exposição à violência, ele foi mantido na revisão porque se mostrou importante na medida em que demonstra a efetividade de uma capacitação de curta duração em empreendedorismo para geração de renda num público exposto à violência. O estudo ainda contribuiu com esta pesquisa por apresentar como sugestão os temas que foram trabalhados nas sessões de treinamento, o tempo para que os efeitos fossem percebidos na renda dos participantes, e ainda a possibilidade de utilização de metodologias de ensino à distância, com o acesso aos conteúdos pelos próprios aparelhos celulares.

O Quadro 3, a seguir, foi elaborado para resumir os programas de empreendedorismo apresentados acima, destacando o que foi feito, ou seja, o tipo de intervenção realizada, e aponta os principais resultados apontados pelos autores:

QUADRO 3 - SÍNTESE DOS ESTUDOS SOBRE A RELAÇÃO  
EMPREENDEDORISMO x VIOLÊNCIA

<b>Autor(es)</b>	<b>O que foi feito</b>	<b>Resultados</b>
Vyas <i>et al.</i> (2015)	Acesso a recursos econômicos pelas mulheres, possibilitando investimento em negócios, na Tanzânia.	Risco aumentado para mulheres que ganhavam mais que o companheiro. Menos risco para mulheres que possuíam negócio em sociedade.
Green <i>et al.</i> (2015)	Intervenção econômica e treinamento em negócios (empreendedorismo feminino) em Uganda.	Elevação da renda; melhoria na qualidade dos relacionamentos. Entretanto não houve variação significativa entre as mulheres que participaram ou não do

		programa e a possibilidade de serem vítimas de violência pelos parceiros.
Shahriara e Shepherd (2019)	Programa de facilitação de acesso a microcrédito em Bangladesh.	Mulheres que sofreram violência física ou sexual pelos seus companheiros foram menos propensas a abrir o próprio negócio com o valor adquirido por empréstimos.
Outwater <i>et al.</i> (2021)	Treinamento de curta duração para empreendedorismo em homens jovens desempregados e de baixa escolaridade na Tanzânia	Diminuição da pobreza e conseqüente menor exposição à violência

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

O que se pode extrair da análise destes estudos é que os programas e pesquisas que procuram fomentar o empreendedorismo numa população pobre costumam ter resultados positivos no sentido de gerar maior renda. Mesmo não havendo resultados conclusivos do quanto isto pode reduzir a violência, tem-se que uma maior renda permite maior escolarização/educação, o que aparece como fator de redução de risco para violência (VYAS *et al.*, 2015).

Fernandes *et al.* (2018), com base no relatório do Global Entrepreneurship Monitor (GEM) de 2017, apontaram que a existência de programas governamentais que favoreçam o empreendedorismo está entre os fatores ambientes mais importantes para favorecer o empreendedorismo. Em contrapartida, registram a falta de políticas públicas, a falta de apoio financeiro e o baixo nível de educação e escolarização como os principais fatores limitantes da atividade empreendedora.

No setor privado, um projeto bastante interessante que capacitou mulheres, principalmente de comunidades carentes, em empreendedorismo foi relatado por Gimenez (2017). Com o título “Eu que fiz - Selecta”, o projeto da empresa Duas Rodas, de Santa Catarina, colocou um caminhão adaptado para servir de escola, rodar pelo país e capacitar as mulheres em cursos profissionalizantes gratuitos em diversas regiões. Para Gimenez (2017), a análise desse caso é uma boa oportunidade para perceber as diferentes maneiras que os “6 Ps do empreendedorismo” (Paixão, Propósito, Pessoas, Prática, Produto e Prazer) podem surgir em ações empreendedoras.

Segundo Gimenez (2017), o caminhão era adaptado com cozinha-modelo e sala de aula, ambientes nos quais elas aprendiam teoria sobre a administração do próprio negócio (90 minutos) e a prática para aprender novas receitas (90 minutos), utilizando o próprio chocolate da marca (Selecta), num total de três horas. O objetivo da empresa com o projeto era o de “despertar o sentimento de orgulho e de

reconhecimento da doceira de que o próprio negócio pode e tem tudo para dar certo” (GIMENEZ, 2017, p.165). O resultado principal, condizente com este objetivo, foram “os ganhos de autoestima e capacidades técnica e gerencial que um projeto dessa natureza pode gerar” (GIMENEZ, 2017, p.166).

De forma colateral, a empresa conseguiu divulgar a própria marca, já que as mais de 5.700 mulheres participantes, usaram produtos dela no curso, e depois provavelmente continuariam os utilizando nos próprios empreendimentos. O projeto também contribuiu com o atingimento dos objetivos de sustentabilidade da empresa, já que colaborou para a melhora da reputação da empresa no quesito de responsabilidade social. (GIMENEZ, 2017).

Além disso, visto que depender financeiramente do agressor é apresentada como uma das causas para que a mulher tenha dificuldade de sair de um relacionamento abusivo, através do empreendedorismo ela pode gerar a própria renda e superar a condição de dependência. Mas não basta apenas facilitar o acesso a recursos financeiros, pois como apontam Shahriara e Shepherd (2019), as mulheres vítimas podem enfrentar questões identitárias e de autoestima no sentido de se não se perceberem capazes. Diante disso, faz-se importante compreender e desenvolver a identidade empreendedora.

## 2.6 IDENTIDADE EMPREENDEDORA

A origem do termo identidade, segundo Carvalho (2016), faz referência a uma entidade, pessoa ou coisa e trata-se de uma característica que a diferencia dos outros indivíduos. Socialmente, pode se compreender a constituição da identidade por meio das relações sociais e dos papéis que o indivíduo desempenha em tais relações, com base no Interacionismo Simbólico (BLUMER, 1969).

De acordo com Ferreira Fernandes (2021, p. 23), quatro são os pressupostos da perspectiva interacionista simbólica sobre a construção da identidade:

- i) na interação são constituídos os significados; ii) os significados passam por processo de interpretação dos indivíduos (criação de sentido) que vão adequar sua conduta em relação a eles; iii) é a partir dos significados construídos que a identidade vai sendo construída; iv) a identidade se revela na interação por meio da atividade desempenhada.

Assim, a construção da identidade de um indivíduo depende de como ele é impactado pelos significados e sentidos. Quando se fala em significado, tem-se

aquilo que vem do coletivo, ou seja, das interações que o indivíduo tem no meio social. Num segundo momento passa-se para a ideia de sentido, ou seja, aquilo que é interpretado pelo sujeito a partir dos significados.

Ferreira (2012) apontou que o campo de estudos sobre empreendedorismo foi sendo construído a partir de contribuição de pesquisadores e teorias das áreas da Economia, da Psicologia e da Sociologia. Entretanto cada uma dessas áreas costuma dar um enfoque específico, seja considerando o empreendedorismo como um elemento econômico, seja como característica do perfil de um indivíduo (ser empreendedor), ou como fenômeno social. Para este estudo, mostram-se apropriadas as contribuições da Psicologia e da Sociologia, numa busca pelos sentidos e significados atribuídos ao ato de empreender.

No caso da mulher vítima de violência doméstica, pode-se imaginar que na interação com o agressor ela desenvolva baixa estima por estar constantemente sendo diminuída ou ridicularizada. Frequentes são os relatos em que agressores as chamam de incapazes, que elas não conseguem viver sem eles, que não sabem fazer nada direito, entre outros. Com isso, elas podem incorporar este significado e tornarem como sentido para a própria identidade, passando a perceber-se realmente como alguém incapaz de deixar aquela relação e se manter sem a presença do agressor.

No estudo de Cramer *et al.* (2012), a atividade desempenhada por mulheres empresárias contribuiu para que a uma nova identidade construída provocasse também mudanças nas representações sociais dentro da estrutura familiar. Assim, por exemplo, constatou-se uma maior participação do homem nos papéis de criação e educação dos filhos; e uma mudança na imagem que os filhos tinham da mãe, como uma profissional.

Jazar *et al.* (2021, p. 42) entrevistaram empreendedoras do meio rural, ambiente normalmente dominado pelo gênero masculino, e concluíram que “as empreendedoras deram origem a sentidos subjetivos por meio das experiências vividas e da relação com o outro”. Os pesquisadores perceberam que quando as entrevistadas falavam características de uma empreendedora elas falavam características próprias, ou seja, assumiram o papel da atividade que desempenhavam enquanto empreendedoras e passaram a enxergar as características relacionadas ao empreendedorismo no próprio comportamento. Para eles “o próprio ato de responder à pesquisa pode auxiliar as empreendedoras a

adquirir consciência da própria história”, já que ao mesmo tempo em que os sujeitos são afetados pelo significado da atividade empreendedora, também eles a atribuem um sentido que vai afetar o modo como compreendem a atividade (JAZAR *et al.*, 2021, p. 37).

Até aqui realizou-se uma revisão da literatura para a compreensão do fenômeno estudado, a violência doméstica (VD), e a sua aproximação com a área da administração, mais especificamente o empreendedorismo feminino, como forma de promover a autonomia das mulheres e o rompimento do ciclo da VD, e a identidade empreendedora. Agora partiremos para o estudo sobre o que a literatura pode auxiliar na construção metodológica de um curso de empreendedorismo para as mulheres.

## 2.7 METODOLOGIA DO ENSINO DE EMPREENDEDORISMO

Aqui será apresentado o embasamento teórico para as escolhas realizadas em relação ao desenvolvimento do curso de empreendedorismo e a metodologia utilizada para a transmissão do conteúdo. O contexto é de um público de mulheres adultas, com dependência financeira em relação ao companheiro agressor, mas que possuem acesso à internet, na maioria dos casos apenas por um *smartphone*.

### 2.7.1 Fundamentos para a aprendizagem

Em se tratando de aprendizagem, experimentos como os de Pavlov (com cães), Skinner (com ratos), e Thorndike (com gatos) permitiram que linhas da Psicologia compreendessem melhor a aquisição de comportamento através dos condicionamentos. De fato, o que foi bastante destacado na aprendizagem de um determinado comportamento motor e cognitivo nestes experimentos foi a intencionalidade. Isso porque quando, por exemplo, o gato no experimento de Thorndike está procurando a saída da caixa e a encontra, uma relação entre aquela ação e sua consequência ficou gravada na mente do animal, permitindo que em outras vezes que houvesse a exposição naquele mesmo ambiente, o problema fosse rapidamente solucionado. (TIEPPO, 2020)

Na mente humana percebe-se semelhança a esse mecanismo de aprendizagem percebido nos experimentos, pois aprendemos com mais facilidade se desejamos aprender, se há intenção na aquisição ou mudança de algum comportamento (TIEPPO, 2020). Para Guerra (2020, p. 6), “*aprendemos o que é significativo e necessário para vivermos bem e esquecemos aquilo que não tem mais relevância para o nosso viver*”. Desta forma, é importante que o sujeito aprendente possa entender a aplicação prática do conhecimento que está adquirindo, no que aquele aprendizado pode ajudar para solução dos problemas cotidianos.

Essas ideias sobre aprender também se relacionam com os princípios da andragogia de Malcom Knowles, pois quando se trabalha com educação de adultos, deve-se levar em consideração a autonomia que o adulto tem para querer aprender, ou seja, a sua autodiretividade. O adulto, considerando que já tenha concluído a escolarização básica, vai escolher o que estudar, quando estudar; e ainda é fundamental que ele possa utilizar suas experiências prévias na troca realizada no ambiente de sala de aula, como forma de facilitação para o processo de ensino-aprendizagem. (VOGT e ALVES, 2011; DOMENECH, 2015)

Tieppo (2019), ao explicar o funcionamento do sistema límbico no cérebro humano, ressalta o papel da emoção na aprendizagem. As chamadas metodologias ativas do ensino têm buscado uma interação e envolvimento maior dos alunos, como forma de estimular conexões cerebrais mais duradouras e com isso contribuir no processo de ensino-aprendizagem. As estratégias de marketing das empresas costumam utilizar a emoção para atingir os clientes, e a educação não costumava se aproveitar dessas estratégias emocionais. Assim, Tieppo (2020), sugere que metodologias ativas, e técnicas como o *Storytelling*, busquem a conexão com o sujeito aprendente, seja pelo estranhamento (causando a curiosidade pelo novo), seja pela dor (o que se perde em não saber aquele conteúdo), ou seja pela excitação (o que se ganha em aprender). Quando se tem emoção no processo de aprendizagem, nosso cérebro guarda a informação de forma mais intensa para que possa ser acessada de forma mais rápida (disponibilidade maior).

Nesse sentido, no caso da ação educacional a ser realizada com as mulheres em situação de violência, é necessário despertar nelas a vontade de aprender sobre empreendedorismo para que o conteúdo possa ser efetivamente aprendido. Elas precisam perceber como aplicar no dia-a-dia aquilo que aprenderão

e perceber, principalmente através da história de outras mulheres de sucesso no negócios, que a mudança é possível, e que as competências desenvolvidas lhe trarão benefícios financeiros e sociais.

### 2.7.2 O ensino enquanto desenvolvimento de competências

Houve nas últimas décadas, tanto no contexto acadêmico quanto organizacional, uma crescente utilização da ideia do desenvolvimento de competências, tanto relacionada às práticas de gestão de pessoas quanto numa perspectiva mais relacionada à visão estratégica da uma organização (FLEURY e FLEURY, 2001; RUAS, 2005). Souza e Asinelli-Luz (2019, p. 5), se referem ao termo competência como “*conjunto de habilidades, conhecimentos e atitudes, pautado em valores que, mediado pela experiência, intervém de modo eficaz na solução de desafios do cotidiano*”. Nesse sentido, a intervenção junto às mulheres em situação de violência será abordada no sentido de desenvolver nelas, através de uma ação educativa, as competências necessárias para empreender.

Sobre o desenvolvimento de competências, Ruas (2005) indicou que no setor de serviços o foco está mais voltado para os resultados, e o trabalhador, além de *saber fazer*, precisa muitas vezes identificar e selecionar o *como fazer*, para assim se adaptar à variedade de contextos que encontra. Assim, ele defende que a noção de competência vai além do que apenas a palavra qualificação; pois esta é adequada para processos normalmente previsíveis, já aquela trata do desenvolvimento de capacidades que podem ser mobilizadas em situações pouco previsíveis.

Para Dias (2010), uma abordagem por competências enaltece o conhecimento enquanto instrumento de aquisição de competências e os conteúdos como os meios que possibilitam o desenvolvimento de competências, valoriza o método pedagógico e a aprendizagem. Para ele ser competente

permite ao sujeito ser autônomo em relação ao uso do saber, possibilita-lhe activar recursos (conhecimentos, capacidades, estratégias) em diversos tipos de situações, nomeadamente, situações problemáticas. Ser competente será ser capaz de recorrer ao que se sabe para se realizar o que se deseja/projecta. O indivíduo competente será aquele que, num determinado domínio, enfrenta eficazmente uma situação inesperada, mobilizando e conjugando saberes, saberes-fazer e técnicas. (DIAS, 2010, p. 75)

Para Fleury e Fleury (2001), as competências adquiridas/desenvolvidas devem proporcionar um valor econômico para a organização ou negócio, e um valor social para o indivíduo. Eles também apontam uma relação entre a estratégia da empresa ou negócio, para então se saber quais as competências devem ser desenvolvidas, e que o processo de aprendizagem deve ser permanente.

Na figura 6 temos um esquema elaborado por Fleury e Fleury (2001), e que procura mostrar essa relação entre aquilo que é aprendido/desenvolvido, as competências, ao centro, e que se ligam tanto ao indivíduo quanto à organização. Para a organização o valor agregado é o econômico, já que um funcionário/colaborar mais competente deve apresentar melhores resultados e contribuir mais para o alcance dos objetivos e metas organizacionais. Ao mesmo tempo, as competências agregam valor social ao indivíduo, pois desenvolveu conhecimentos (competências cognitivas, o saber), habilidades (competências procedimentais/operativas, o saber fazer), e atitudes (competências atitudinais, o ser), que vão lhe possibilitar um maior reconhecimento e capacidade de resolução de problemas, sejam eles no ambiente de trabalho ou não.

FIGURA 6 - COMPETÊNCIAS COMO FONTE DE VALOR PARA O INDIVÍDUO E PARA A ORGANIZAÇÃO:



Fonte: Fleury e Fleury (2001, p. 188).

Isto faz sentido no contexto das mulheres em situação de violência, porque ao desenvolver nelas as competências para empreender, não se espera apenas que elas sejam capazes de gerar renda com o negócio que poderão abrir. O que se espera é mais, é que as competências desenvolvidas sejam capazes de agregar valor nelas como indivíduos na sociedade, enquanto identificarem-se com o perfil de empreendedoras e se apropriarem das características, significados e sentidos da

atividade na própria identidade. É que elas sejam capazes de solucionar problemas e superar as dificuldades que encontrem em sua trajetória.

### 2.7.3 O uso das tecnologias educacionais

Quanto ao uso de tecnologias para a realização do curso, realizou-se um levantamento prévio, nos questionários aplicados pelas equipes da Patrulha Maria da Penha, sendo que das 39 mulheres vítimas identificadas que haviam manifestado interesse em cursos até setembro de 2021, 13 responderam de forma complementar a condição de acesso à internet e equipamentos que dispunham para tal. Todas as 13 informaram possuir acesso à internet pelo aparelho celular, apenas uma possuía computador doméstico. O acesso de 8 delas também se fazia com rede de Wi-fi, as outras 5 apenas pela rede de dados celulares.

No trabalho de Overwater *et al.* (2021), em que se realizou uma capacitação de curta duração em empreendedorismo para jovens pobres e expostos a violência em Dar es Salaam, deixou-se como sugestão que num próximo estudo poderia haver simultaneamente a realização do curso de empreendedorismo no formato tradicional (presencial) e no formato online. Isto porque perceberam que quase todos os participantes do estudo possuem aparelhos celulares, pelos quais poderiam acessar a plataforma de ensino. E com isso poderiam ser comparados os resultados dos dois grupos levando-se em consideração as diferenças como o contato presencial com o professor, a conectividade com a internet, a motivação e o custo.

Assim, no caso de programas de ensino de empreendedorismo para mulheres em situação de violência doméstica, faz-se necessário pensar em adaptar a estrutura e funcionamento da capacitação, de forma a atingir o público pretendido de forma mais fácil, seja presencialmente ou virtualmente. O uso da modalidade de ensino à distância, utilizando-se do aparelho celular para acesso aos conteúdos tem se apresentado como viável. Algumas das facilidades possibilitadas pelas tecnologias atualmente e que poderiam ser utilizadas num formato de curso online são os conteúdos estilo *podcast*, os vídeos de Youtube, e ferramentas visuais como o Canvas.

Mas também é preciso entender que a tecnologia é uma ferramenta, e que não pode ser colocada à frente da metodologia, da estratégia e das concepções pedagógicas. Não adianta inovar na tecnologia e manter metodologias tradicionais,

como se os alunos continuassem numa sala de aula tradicional, e a tela do aparelho eletrônico apenas simulasse um quadro de giz (GIRAFFA, 2021).

#### 2.7.4 O uso de metodologias ativas para o ensino de empreendedorismo

Metodologias ativas para o ensino são aquelas que colocam o aluno como sujeito ativo da aprendizagem, ou seja, ele não fica aguardando passivamente que o docente lhe entregue todo o conteúdo, de forma mastigada. Para Godoi e Ferreira (2016) elas têm se destacado como uma das formas da Andragogia, por estimular uma postura autônoma e ativa do discente, e como uma mudança radical em relação ao ensino tradicional.

No contexto das metodologias de ensino ativas, destaca-se uma técnica chamada de *Storytelling*, ou seja, a prática de contar histórias. O ensino, desde as gerações mais primitivas, se baseou na contagem de histórias de geração para geração, como forma de utilizar as experiências já adquiridas. Assim, no ambiente de ensino, ao se utilizar de uma metodologia para contar uma história, costuma-se possibilitar ao aluno, através de um exemplo concreto, visualizar a imagem do objeto ou fenômeno estudado com mais facilidade. (ALVES, 2020)

Para Alves (2020), além de ser a arte de contar histórias, o *Storytelling* associa as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) como vídeos e áudios. Ele também aponta que as histórias devem apresentar quatro características essenciais: “*tem um bom enredo, ser concisas, incluir os elementos narrativos fundamentais (começo, meio e fim) e integrar diferentes recursos digitais*” (ALVES, 2020, p. 56). Como vantagens da utilização da metodologia, os autores relacionam:

- Conectar as pessoas com o conteúdo ministrado, pois boas histórias geram mais identificação e empatia no público.
- Gerar mais motivação, curiosidade e engajamento.
- Ajudar assimilar e recordar determinado conteúdo.
- Construir o conhecimento em um clima de trabalho relaxado e participativo.
- Ajudar a transferir as emoções, sensações e as experiências vividas pelo narrado (*Storyteller*) aos espectadores ou à audiência.
- Fomentar o pensamento crítico e a aprendizagem reflexiva, ao mesmo tempo em que inspira e motiva a audiência.
- Melhorar a competência da comunicação linguística e desenvolve a escuta ativa e a empatia.
- Motivar o emprego dos recursos de TICs e dispositivos multimídia.
- Eleva a criatividade e a imaginação nos estudantes. (ALVES, 2020, p. 57)

Valença e Tostes (2019) explicam que a estrutura narrativa das histórias costuma ser construída num formato que os autores chamam de Jornada do Herói. Algumas etapas são percebidas nessa jornada, de forma que o personagem (herói) se mostre alguém comum, que foi submetido a uma provação e com um processo de transformação interna conseguiu superar as dificuldades encontradas na jornada. O objetivo é fazer com que os ouvintes se identifiquem com o herói por apresentar traços de humanidade que são comuns àquele grupo social.

Assim, ao se pensar em ensino de empreendedorismo para mulheres, uma estratégia pode ser a utilização de histórias de mulheres de sucesso nos negócios, para provocar identificação e motivação. Ao ouvir que outras mulheres conseguiram enfrentar dificuldades semelhantes e vencer na vida, espera-se que a mulher vítima de violência se perceba capaz também e ressignifique sua identidade, se apropriando de características de uma mulher empreendedora.

Silva (2021, p.153), ao discutir o *Storytelling* no contexto das organizações e da aprendizagem, aponta que as “histórias bem contadas podem transmitir conhecimento, informação e emoção, tanto explícitas quanto tácitas”. Para ele as boas histórias podem ser usadas para que os ouvintes as tenham como exemplos imitativos, além de servir para que novos conhecimentos e capacidades sejam descobertos, e passem a ser utilizados.

Para Alves e André (2018), a metodologia chamada de *microlearnig* carrega a ideia de que o conhecimento pode ser distribuído em pequenas doses regulares, como se fossem pílulas de conhecimento. Eles esclarecem que o *microlearning* tem como principal característica “o tempo reduzido em que se é possível consumir o conteúdo proposto através de pequenos vídeos, infográficos, cartões de referência, arquivos de áudio, etc” (ALVES e ANDRÉ, 2018, p. 49).

Para os possíveis programas de ensino de empreendedorismo para as mulheres em situação de violência doméstica, utilizar-se do formato *microlearning* faz sentido pelo fato de que as mulheres participantes, quando não apresentam jornada dupla, relatam ocupação no lar e no cuidado dos filhos, e conseqüente dificuldade para dedicar tempo na rotina diária para estudo. Na coleta de dados desta pesquisa estas questões relativas às metodologias e tecnologias para realização da ação educacional serão abordadas. A tabela a seguir apresenta um síntese das metodologias que parecem ser adequadas aos objetivos propostos:







TABELA 2 - METODOLOGIAS E TECNOLOGIAS PARA O CURSO







Metodologias do ensino	Recursos didáticos	Acesso
<i>Storytelling</i>	Podcast (5 a 10min)	Internet
<i>Microlearnig</i>	Vídeos curtos (até 5 min) Folder/Canvas	Aparelho celular

Fonte: o autor (2022).

Combinando as metodologias de *Storytelling* e *Microlearning*, podem ser aproveitados diversos conteúdos já disponíveis na internet, como por exemplo vídeos curtos que contam a história de mulheres empreendedoras de sucesso. A seguir são relacionados alguns dos materiais que podem servir de base para a discussão dos conteúdos de empreendedorismo e identidade empreendedora.

TABELA 3 - HISTÓRIAS DE EMPREENDEDORAS DE SUCESSO

Empreendedora	Empresa	Link da História (Youtube)	QR CODE
Cleuza Maria da Silva	Sodiê Doces	<a href="https://youtu.be/9lFr7rafADE">https://youtu.be/9lFr7rafADE</a> 7min18s	
Zica Assis e Leila Velez	Instituto Beleza Natural	<a href="https://youtu.be/zYSo6ERgtEE">https://youtu.be/zYSo6ERgtEE</a> 10min57s	
Luzia Costa	Berylls e Sóbrancelhas (unhas e sobrancelhas)	<a href="https://youtu.be/zwjqhNuFyls">https://youtu.be/zwjqhNuFyls</a> 6min57s	
Adelina Hess (Dona Lina) e Sônia Hess	Dudalina (camisaria)	<a href="https://youtu.be/_9WOFs4v-aY">https://youtu.be/_9WOFs4v-aY</a> 6min41s	
Dalva Gimenez Rosa	Dalva Confeccões	<a href="https://youtu.be/P0eZliNTk8o">https://youtu.be/P0eZliNTk8o</a> 5min09s	
Lilian Sarturato	Lis Buffet (bolo de pote, coxinha, buffet e eventos)	<a href="https://youtu.be/GGJNDR_F7k0">https://youtu.be/GGJNDR_F7k0</a> 6min48s	

Luíza Helena Trajano	Magazine Luíza	<a href="https://youtu.be/ZCZLxhiQAEs">https://youtu.be/ZCZLxhiQAEs</a> 16min35s	
Elizabete Monteiro	Fábrica de Coxinhas	<a href="https://youtu.be/HlxFINX54Rk">https://youtu.be/HlxFINX54Rk</a> 5min39s	
Larissa de Souza	Snack Saudável	<a href="https://youtu.be/mTCitdOghd8?t=238">https://youtu.be/mTCitdOghd8?t=238</a> 3min58s até 6min50s	
Maria Yonaha; Patrícia Helu	Barraca pastel Cepera; Loja Roupas	<a href="https://youtu.be/RwAmsqsj_s">https://youtu.be/RwAmsqsj_s</a> 3min55s	
Maria Eduarda Gabin; Luíza Dai Prá; Larissa Guarda; Andressa de Lima; Valéria Tonietto	Madu Design; #lulumesalva; Aflore floricultura; Mirruá; Arquiteta.	<a href="https://youtu.be/XI7RZdyGDXw">https://youtu.be/XI7RZdyGDXw</a> 14min50s	
Eliane Nóbrega	Demolidora	<a href="https://youtu.be/Twl14tVz6BI">https://youtu.be/Twl14tVz6BI</a> 12min41s	

Fonte: o autor (2022).

Padovez *et al.* (2018) descreveram a experiência da realização de um curso de extensão em empreendedorismo com a utilização de metodologias ativas na Universidade Federal de Goiás (UFG Empreende). Para eles o ensino de empreendedorismo ocorre também pela prática e pela ação:

Nesse contexto, os professores devem colocar seus alunos de empreendedorismo em contato com o mundo que estão estudando e compartilhar essas experiências com eles para que sejam realmente significativas (VANEVENHOFEN, 2013). São sugeridas quatro metodologias de ensino: (1) Criação de um novo negócio (2) Jogos e simulações que expõem os alunos a desafios reais em um ambiente virtual (3) *Design-based learning* capacitando os alunos para utilizar ferramentas de design para lhes auxiliar a criar oportunidades e entender melhor o mercado e (4) Prática reflexiva, promovendo a reflexão para gerar conhecimento e aprofundar o que foi aprendido (NECK; GREENE, 2011). (PADOVEZ *et al.*, 2018, p. 74)

Segundo Padovez *et al.* (2018), o curso tem a duração de 8 semanas, e em cada uma delas há um encontro de 4 horas, totalizando 32 horas. O conteúdo previsto engloba: “Empreendedorismo e Comportamento Empreendedor; Criatividade; *Design Thinking* (imersão, ideação e prototipação); Modelagem de Negócios com Canvas; *Pitch*; e uma banca final, na qual são apresentadas as ideias” (PADOVEZ *et al.*, 2018, p. 75).

Como resultados da ação educacional em empreendedorismo, Padovez *et al.* (2018) relatam que, após a realização do curso, os alunos relataram maior nível de competência para empreender. Foram avaliadas as competências de trabalho em equipe, para vender a ideia de negócio, para aceitar erros, para elaborar modelo de negócios, e outras duas com maior variação positiva na aprendizagem, que são a de identificação de oportunidades e capacidade para assumir riscos de insucesso. Mesmo assim, de acordo com Padovez *et al.* (2018), houve registro de evasão no curso, possivelmente pela falta de adaptação com as metodologias ativas por alguns dos alunos.

Neste capítulo tratamos da revisão literatura para entender melhor o fenômeno estudado, bem como compreender a base teórica do programa de ensino de empreendedorismo que se pretende propor. A seguir será apresentada a fundamentação metodológica que embasa este estudo, a técnica de coleta de dados e das análises que serão feitas posteriormente.

### 3 METODOLOGIA

Neste capítulo será apresentada a metodologia para realização do trabalho em relação à caracterização deste tipo de pesquisa, enquanto pesquisa-ensino, bem como no que se refere à coleta e análise dos dados. As teorias que podem ser escolhidas para fundamentar as estratégias metodológicas precisam dar conta da subjetividade envolvida no processo de mudança comportamental que se pretende com a disponibilização de um curso para o despertar de uma identidade empreendedora. Assim, faz sentido que este estudo seja realizado através de uma estratégia de pesquisa qualitativa. Isto porque as pesquisas com um grupo de seres humanos têm uma quantidade muito grande de variáveis que podem interferir no processo e nos resultados; e há uma ausência de regras para balizar a escolha das variáveis que serão consideradas nas análises (BLUMER, 1969).

Assim, o estudo qualitativo, num processo indutivo, pode contribuir para que haja uma compreensão mais aprofundada do fenômeno social, e a partir disso podem ser identificadas as variáveis que futuramente podem ser quantificadas pelo processo dedutivo, testando, de forma quantitativa, as teorias e hipóteses levantadas no estudo qualitativo. No presente estudo, haverá bastante relevância na percepção e no sentido atribuído pelos sujeitos envolvidos na pesquisa, e, por isso, a opção metodológica é pela realização de um estudo qualitativo. Para Creswell (2010), nas pesquisas qualitativas o foco está no significado dado pelos participantes ao problema em questão e não pelo ponto de vista dos pesquisadores ou que os autores apresentaram na literatura.

Dentre as possibilidades de métodos de pesquisa nas estratégias qualitativas temos a pesquisa ação. Para Tripp (2005), esse método é difícil de definir por ter sido desenvolvido em diferentes formas e com uma variedade de aplicações, como na administração, no desenvolvimento comunitário, nos processos de mudança organizacional e no ensino. Uma característica comum, para Tripp (2005), é a busca por se melhorar uma prática, numa ação que percorre o ciclo: planejar, implementar (agir), descrever e avaliar. Isto se ilustra na figura 7, a seguir:

FIGURA 7 - CICLO DA PESQUISA-AÇÃO



Fonte: Tripp ( 2005, p. 445), traduzido pelo autor (2023).

Assim, na pesquisa-ação existe uma intervenção em alguma prática (organizacional, social, educacional, etc.), e a investigação do fenômeno se dá com a descrição dos efeitos da ação/intervenção, e através da avaliação das consequências desta ação. Quando a ação se dá no contexto educacional, podemos chamar a pesquisa-ação de pesquisa-ensino. A pesquisa-ensino, ou pesquisa-ação educacional, é usada sobremaneira para o desenvolvimento de professores como pesquisadores, no sentido de que eles possam usar as pesquisas que realizam para melhorar o ensino, e, desta forma, a aprendizagem dos seus alunos (TRIPP, 2005).

Araújo (2022) esclarece que a participação dos sujeitos na pesquisa-ensino se constrói num movimento de ação-reflexão-ação, ou seja, há um processo de investigação e reflexão sobre as práticas dos sujeitos, e conseqüentemente ocorre uma mudança nessas práticas com o objetivo de superar os problemas enfrentados. Nesse caso, os sujeitos podem se beneficiar do resultado da pesquisa não somente após a sua conclusão, mas ainda durante o processo de intervenção (TRIPP, 2005; RAU, 2021; ARAUJO, 2022).

Koerich *et al.* (2009) menciona que as abordagens metodológicas nas pesquisas científicas podem seguir uma linha positivista ou outra interpretativista. Nesta última se enquadram várias metodologias aplicáveis às ciências humanas, e dentre elas a pesquisa-ação. Para eles a pesquisa ação, como um tipo de pesquisa interpretativa, é a que:

Compreende a identificação do problema dentro de um contexto social e/ou institucional, o levantamento de dados relativos ao problema, à análise e significação dos dados levantados pelos participantes, a identificação da necessidade de mudança, o levantamento de possíveis soluções e por fim, a intervenção e/ou ação propriamente dita no sentido de aliar pesquisa e ação, simultaneamente. (KOERICH *et al.*, 2009, p. 717)

Essas etapas da pesquisa-ação e o movimento circular que são descritos por Koerich *et al.* (2009), podem ser melhor visualizadas na Figura 8. Os autores a denominaram como “elaboração primária a partir das abstrações teóricas”, mas aqui será renomeada como Ciclo da Pesquisa-ação em 8 etapas:



Fonte: Koerich *et al.* (2009, p. 718)

A escolha de entrevistas semiestruturadas como técnica para a coleta de dados se justifica no fato que elas permitem maior flexibilidade e adaptabilidade conforme a linguagem e visão de mundo do sujeito entrevistado. Assim, as entrevistas podem ser adaptadas conforme as mulheres participantes refletem sobre as questões propostas e manifestam os sentidos que atribuem.

Os sujeitos de pesquisa são mulheres em situação de violência doméstica (VD) atendidas pela Patrulha Maria da Penha da Polícia Militar do Paraná em Curitiba e Região Metropolitana que haviam manifestado possuir ou não dependência financeira em relação ao companheiro agressor. A escolha das participantes foi intencional, uma vez que as entrevistas ocorreram com mulheres que já foram vítimas da VD e que aceitaram, como voluntárias, participar da pesquisa. Foi utilizado o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice 1), como forma de garantir a voluntariedade, e prestar o compromisso com sigilo dos dados coletados.

Os cuidados éticos envolveram, além do livre consentimento para participação, o cuidado de não expor as participantes em situações constrangedoras ou que pudessem expor a sua condição de vulnerabilidade. Os contatos iniciais realizados com elas sempre se deram por pessoa do sexo feminino, com a

colaboração de mulheres policiais militares que trabalham na Patrulha Maria da Penha na região. Este procedimento se mostrou importante porque muitas vítimas continuam sob o controle do agressor, e quando um homem tenta contato com a mulher vítima, isto pode gerar ciúmes e motivo para novo ato de violência.

Havia uma intenção inicial de realizar todo o ciclo da pesquisa-ação, porém tal procedimento se tornou inviável para o momento no decorrer da pesquisa de campo. Isto porque, ao se tentar montar um curso de empreendedorismo para as mulheres em situação de violência doméstica, era necessário aprofundar a compreensão do perfil do público alvo e do quanto a subjetividade delas foi afetada pelo agressores. Um curso/programa conteudista, mas que não conseguisse alcançar a subjetividade da mulher, proporcionar uma ação reflexiva e mudança de comportamento, provavelmente poderia se mostrar infrutífero, ou talvez até com um alto índice de evasão. Não basta trabalhar o conhecer (saber) e saber fazer empreendedorismo (competências cognitivas e operativas/procedimentais); faz-se necessário o desenvolvimento do ser (tornar-se) empreendedora (competências atitudinais).

Com isso, esta pesquisa poderia ser tratada como do tipo qualitativa básica, mas preferiu-se manter a classificação enquanto pesquisa-ação do tipo educacional, ou simplesmente pesquisa-ensino, e focar nas primeiras etapas do ciclo de ação-reflexão. Desta forma, as primeiras etapas do ciclo, realizadas até o fim desta pesquisa, podem servir de fundamento para a ação educacional sugerida (curso/programa de empreendedorismo), e que poderá ser implementada futuramente em outro projeto de pesquisa, seja por este ou por outro membro do grupo de pesquisa. Assim, esta dissertação servirá como ponto de partida para a ação/intervenção(ões) futura(s).

A ação reflexiva realizada neste trabalho se limita ao fato de transmitir uma história de mulher empreendedora (uso do *storytelling*) durante as entrevistas para provocar a reflexão sobre a própria identidade e o empreendedorismo. Esta atividade também serviu como teste para a metodologia que poderá ser implementada no programa/curso de empreendedorismo.

A análise dos dados se deu, como etapa da pesquisa-ensino, pela interpretação do pesquisador dos sentidos e significados percebidos nas respostas das participantes. Como as mulheres participantes possuem algumas características

em comum e outras que divergem, as respostas dadas puderam ser agrupadas tanto por semelhanças quanto por diferenças.

### 3.1 PROCEDIMENTOS DE COLETA

As entrevistas ocorreram durante os meses de fevereiro e março de 2023. Foram selecionadas 12 mulheres que constavam de um cadastro do 6º Comando Regional de Polícia Militar (6º CRPM), no qual são arquivados dados de mulheres que sofreram violência doméstica e buscaram ajuda da Polícia Militar do Paraná (PMPR). O contato inicial com elas foi feito por mulheres policiais militares que trabalham na Patrulha Maria da Penha para perguntar se o pesquisador poderia fazer novo contato, convidando-as a participarem como respondentes. Neste segundo momento foram informados os objetivos da pesquisa, o compromisso com o sigilo dos dados e outras Informações que estão descritas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Das 12, dez aceitaram participar da pesquisa. No entanto, duas delas não responderam ao contato feito para marcação das entrevistas e foram descartadas como respondentes, respeitando a opção de não participar.

As entrevistas foram feitas por mulheres, ambas discentes de programas de mestrado. Uma das entrevistadoras é graduada em psicologia e a outra na área comunicação social (jornalismo); ambas conhecem técnicas para a realização de entrevistas e também tem compromisso profissional e ético com o sigilo. Elas foram instruídas para a realização desta pesquisa. A instrução foi realizada em forma de simulação do roteiro de perguntas, por videoconferência, e serviu para testá-lo e também para se ter ideia do tempo necessário para realização das entrevistas.

Para as mulheres que residiam em São José dos Pinhais foi dada a oportunidade de responder às perguntas no consultório de uma das entrevistadoras e, para todas, a opção de realizar por meio de video-conferência. Esses cuidados foram tomados para que as respondentes se sentissem mais seguras, evitando qualquer constrangimento ou causando qualquer desconforto que poderia surgir ao responder as perguntas a um homem ou em ambiente que elas não pudessem se manifestar livremente.

As entrevistas foram gravadas com o consentimento das participantes para posterior transcrição. Para a transcrição do áudio em texto utilizou-se do auxílio da

ferramenta online *Webcaptioner*<sup>10</sup>. Após o uso da ferramenta, houve a revisão, correção e organização do conteúdo das entrevistas de forma manual.

Para manter o sigilo em relação à identificação das participantes, utilizou-se de nomes compostos, fictícios, todos iniciados com o nome Maria. Desta forma, neste trabalho são contadas as histórias de diversas Marias vítimas de violência doméstica.

As perguntas realizadas constam no Roteiro de Entrevista (Apêndice 2). Houve uma divisão em cinco grupos de perguntas, de forma a possibilitar análise com base no referencial teórico. A primeira parte diz respeito a um grupo de perguntas mais objetivas sobre dados gerais e sociodemográficos. A parte 2 do questionário procurou entrar nos aspectos identitários e subjetivos da mulher, tratando da sua história de vida e da sua autodefinição.

Como terceira parte, também bastante subjetiva, agrupou-se um conjunto de perguntas para captar a percepção que a mulher detinha sobre empreendedorismo, sua identificação com a atividade e o seu potencial empreendedor. Na quarta etapa houve um outro grupo de perguntas mais objetivas, de forma a coletar dados relevantes para a construção metodológica e planejamento pedagógico do curso.

E, por fim, a quinta parte serviu como teste do uso do *storytelling* e *microlearning* como ferramenta para ensino de empreendedorismo. Ao perguntar um tipo de negócio que a entrevistada imaginava poder abrir, a entrevistadora selecionava um dos vídeos mencionados na Tabela 3 que tinha relação com ele. Qualquer um dos vídeos tinha a duração de poucos minutos.

Após assistir o vídeo eram feitas as últimas perguntas para se perceber se houve identificação com a história assistida e as emoções despertadas. No próximo capítulo os resultados destes grupos de perguntas utilizados na coleta de dados serão apresentados, de modo a contar a história de cada uma das Marias participantes.

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://webcaptioner.com/captioner/>>

## 4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção serão apresentadas as histórias das Marias, mulheres em situação de violência doméstica e que contribuíram, através das entrevistas, para o desenvolvimento desta pesquisa. As histórias de cada uma e os principais dados coletados serão descritos de forma individualizada.

A ordem das entrevistas não segue a sequência cronológica em que ocorreram, pois foram divididas em dois grupos de quatro mulheres. O primeiro é das participantes que informaram não possuir trabalho fixo, e com isso, dependiam financeiramente do agressor. E o segundo é composto por quatro mulheres que informaram trabalhar e serem independentes financeiramente. Isto se deu para facilitar a percepção das semelhanças e diferenças entre os dois grupos de mulheres.

### 4.1 HISTÓRIAS DAS MARIAS DEPENDENTES FINANCEIRAMENTE

A seguir serão contadas as histórias de quatro Marias, mulheres participantes desta pesquisa e que informaram não possuir trabalho fixo para garantir o próprio sustento de forma autônoma. São elas a Maria das Dores, Maria Esperança, Maria do Céu e a Maria do Socorro.

#### 4.1.1 Maria das Dores

Das Dores é uma jovem de 30 anos, legalmente solteira, mas que vive em união estável com outro companheiro, posterior ao agressor. Ela é mãe de duas crianças (10 e 5 anos) e atualmente está gestante da terceira. O nome escolhido para se referir a ela, Maria das Dores, é em virtude das agressões físicas sofridas na relação abusiva e o sofrimento relatado. A dor relatada foi física e também emocional.

Atualmente ela não trabalha, mas anteriormente já trabalhou em restaurante e panificadora. Na ocasião em que trabalhava tinha uma babá para cuidar das crianças, mas disse não ter “*ninguém para cuidar delas no momento, assim sabe? para mim (sic) trabalhar fora*”.

Quando questionada sobre a sua história de vida, sem ser especificado sobre a violência sofrida, ela espontaneamente fez um relato sobre a relação abusiva que viveu. Começou contando que conheceu o agressor numa casa de recuperação, e que acabaram se envolvendo, namorando, e foram morar juntos. Com isso engravidou:

Ele nunca deixou de usar droga, ele me agredia no começo, só que como eu tinha 18 anos quando eu engravidei da minha filha mais velha, ele me ameaçava, que ia matar minha mãe, se eu não ficasse com ele... que ele ia tirar a neném de mim... aí eu fiquei com esse medo, né? Claro, hoje em dia pensando, eu não teria ficado com ele. Eu teria tido minha filha sozinha. Aí de longo do tempo ele deu uma amenizada começou a arranjar serviço fixo aí foi melhorando as coisas. Aí uma vez ele me bateu muito... daí eu peguei e fui para casa da mãe na verdade... aí fiquei um tempo com a mãe, daí eu peguei, a mãe falou que não tinha mais espaço para mim lá... por causa que meu irmão tava querendo voltar para casa... daí eu acabei saindo [da casa da mãe] e voltando com ele porque eu não tinha com quem tá, não tinha com ninguém. Acabei voltando com ele... porque eu não tinha com quem contar, eu acabei voltando com ele... aí eu engravidei da minha filha mais nova, né? A [Mariazinha], aí na gestação dela também foi conturbada... só agressões... agressões... e droga, bebedeira, aí nossa.. foi uma história muito triste, muito doída... até conversando com você agora, tipo, me dói muito assim sabe. (Maria das Dores, 2023)

Maria das Dores não teve o apoio familiar para sair da relação abusiva, pois mesmo sendo a filha mulher e vítima de violência, a própria mãe contribuiu para que ela voltasse para as garras do abusador, preferindo abrigar o filho homem. Mais uma prova do quanto a sociedade tolera a violência contra a mulher.

Ao ser indagada sobre os eventos mais marcantes da própria vida, Maria das Dores acrescentou mais um episódio de violência doméstica:

O que marcou mais, mais, mais minha vida, foi um dia que ele me bateu na frente da mais velha... e ele me deu um soco na boca e abriu minha boca eu tive que levar 7 pontos na boca e ela lembra dessa cena assim, sabe? Machuca ela, e ela tem um ódio dele mortal por causa disso. Ela não quer ter contato com ele. Ela presenciou tudo na verdade da minha vida, assim sabe? Mas isso foi que me marcou muito e a vez que eu tava grávida da [Mariazinha] que ele subiu em cima, ele falou que não ia ter a [Mariazinha] que ele ia matar. Aí ele ligou e eu já tinha uma gestação de risco assim sabe? Me afetou muito, eu parei no hospital... tudo roxa, aí agora por último é aniversário, era tudo. Eu fazia [aniversário] pra menina... para elas... aí ele ficava perturbando... Páscoa mesmo, quando eu fazia o chocolate delas, ele quebrava... tinha que estar refazendo, sabe? Nossa, é muita, muita coisa. (Maria das Dores, 2023)

Como autodefinição, Das Dores usou a palavra guerreira, e justificou que batalhou pelas filhas, enfrentou tudo que enfrentou e nunca abandonou elas, e que trabalhou muitas vezes abaixo de sol e chuva e nunca abaixou a cabeça para

ninguém. Ela acrescentou que se considera guerreira pela vida que teve e que não quer que as filhas passem pelo mesmo

(...) então eu me doo todos os dias para não deixar faltar nada para elas e sempre falo para elas em relação... tipo se um dia ela tiver relacionamento, elas não aceitar um relacionamento abusivo, tipo, eu me espelho no que eu passei para mim (sic) não passar novamente e para mim lutar cada dia mais e mais para elas verem que não é um homem que vai fazer elas melhor, não é nada disso, entendeu? Que sim, elas vão ter que trabalhar e estudar para elas. (Maria das Dores, 2023)

Quanto às expectativas e o que os outros pensam sobre ela, Maria da Dores entende que são coisas boas. Disse que no dia-a-dia suas amigas e familiares a elogiam muito como mulher e principalmente como mãe *“porque eles viram a vida que eu tinha... cansei de trabalhar roxa e nem assim abaixar a cabeça”*; e que *“eu acho que as pessoas esperam de mim que eu vença... cada dia mais conquiste mais e mais as coisas”*.

O maior sonho dela era trabalhar na aeronáutica, o que ela lamentou não ter realizado. E ao ser perguntada se os sonhos mudaram, e quais são os de hoje, ela respondeu que sim, porque atualmente eles estão relacionados aos filhos: *“Hoje em dia o meu sonho é arranjar um serviço bom que eu possa bancar elas [filhas]... dar um estudo maravilhoso pra elas”*.

Sobre as habilidades que possui, apareceram os ramos da gastronomia e da beleza: *“então minhas habilidades é (sic) mexer com doces, massa, salgados... coisa assim, sabe? Faço isso tudo de letra. Gosto muito de fazer unha, alongamento... essas coisas assim, sabe? Isso me dou muito bem também”*. Dessas atividades, destacou gostar mais de fazer os doces: *“Fazer bolo, beijinho, brigadeiro, eu gosto muito”*. Reforçando o talento que possui, os parentes dizem gostar da coxinha (salgadinho de festa) e elogiam as unhas que ela faz.

Para ela, ser empreendedora é *“ser a cabeça, pro que for fazer”*, e tem muitas características, porque *“um corpo precisa da cabeça pra pensar né? Se não tiver a cabeça não tem como o corpo reagir... Eu acredito que na verdade a empreendedora é tudo, né?”*. Sobre o comportamento de uma empreendedora ela respondeu se apropriando para o próprio caso: *“eu me comportaria da melhor maneira possível, porque até então agente teria que ser o foco, né? cabeça, tudo... pensar em tudo”*.

Entretanto ao ser perguntado se ela se via como empreendedora, ela foi negativa: *“já tentei me ver várias vezes como empreendedora assim, sabe? Já tentei*

*abrir o MEI [microempreendedor individual], nunca tive força*". Mesmo assim, quando indagada se conseguia se imaginar dona do próprio negócio ela disse que sim, e outra vez relatou um momento de abuso:

quando eu tava com meu ex-companheiro que eu sofri as agressões eu até planejava na frente da minha casa abrir uma lojinha pra mim, na verdade que seria pra fazer esse negócio de unha, assim, sabe? Mas ele me fez desacreditar desse sonho. (Maria das Dores, 2023)

Apesar disso ela aparenta confiar que poderia gerar renda através do próprio negócio: *"fazer unha dá muito dinheiro, tem que usar muito a cabeça. E se você pensar e focar, o progresso é longo, agora se não souber usar a cabeça não tem como, né?"*. Ela não tem na família alguém que possa servir de referente no empreendedorismo.

Se abrisse o negócio, ela gostaria de abrir o próprio salão de beleza, e gostaria de ter *"progresso atrás de progresso... o limite pra mim seria o céu, sabe?"*. O sentimento despertado com isso seria o de sentir-se realizada, o de ser um exemplo. Quanto ao apoio para abrir o negócio, se fosse no caso do ex-companheiro e agressor não haveria:

(...) pelo contrário, ele me julgaria.. porque para ele eu me prostituía, porque eu não deixava faltar nada para as meninas e Deus sabe da minha vida, que eu sempre trabalhei honestamente... Ele me julgaria, mas meu marido atual me incentivaria, assim como ele me incentivava bastante, sabe? (Maria das Dores, 2023)

Já em relação aos demais familiares, como pai, mãe, irmãos, as filhas e o atual companheiro, ela se sente apoiada. Acredita que seria o orgulho da vida deles. Ela reconhece como inspiração uma amiga confeitadeira, como alguém que começou fazendo o básico e expandiu o negócio, mudando a condição de vida.

#### 4.1.2 Maria Esperança

O nome escolhido para esta participante foi porque quando perguntado se a história de vida dela virasse um filme ou um livro, como poderia ser contada, ela resumiu da seguinte forma: *"Nossa, me deixou emocionada agora... eu acho que eu daria o título de nunca perder as esperanças, nunca é tarde pra recomeçar"*. Trata-se de uma mulher de 38 anos, mãe de dois filhos (um de 17 e outro de 4), e que está num novo relacionamento estável após separar-se do agressor. Ela informou

que atualmente não tem renda fixa, mas trabalha de casa com vendas de forma autônoma. O atual esposo e a mãe foram mencionados como o apoio para cuidar dos filhos.

Quando perguntada sobre os trabalhos que já teve anteriormente, ela informou que trabalhava numa fábrica de alimentos, e acrescentou espontaneamente informações relativas à violência sofrida, pois teria perdido o trabalho por causa do ex-marido:

Então é... eu fui casada 17 anos, né? e tive um casamento muito conturbado. E eu perdi o meu emprego devido às ameaças dele, por conta dele estar indo atrás de mim no meu trabalho, me fazer ameaças... portanto que eu pedi para sair, né? Mas eles não quiseram me mandar embora. Mas devido às consequências dele estar me perseguindo foi então que eles decidiram me mandar embora, né? Para não ter perigo de acontecer alguma coisa perante a empresa né e até mesmo comigo. (Maria Esperança, 2023)

Desta forma, percebe-se que mesmo tratando-se de um trabalho no setor privado, a empresa, mesmo conhecendo o problema ao qual ela estava sujeita, não soube como ajudar. A saída mais fácil foi aceitar despedi-la.

Sobre os eventos que mais marcaram a vida da Maria Esperança, ela apenas citou pessoas que foram importantes nesses momentos: *“minha família... minha mãe... minha irmã e uma amiga que me ajudou muito. E meus filhos.”* Ela ficou emocionada nesse instante, possivelmente ao lembrar dos momentos difíceis que passou, e a entrevistadora perguntou se estava bem para continuar. Após a confirmação dela, deu-se continuidade passando para as perguntas de autodefinição, e sobre as características dela, sendo revelado outro fato bastante impactante e significativo:

É, eu tô um pouquinho emocionada mesmo... eu tô bem... podemos continuar sim. Bom, sou uma pessoa muito família. Muito, muito, muito família, muito amiga, mãe, protetora, e sou guerreira, eu posso te dizer que eu fui guerreira, né? E eu tô chorando assim por emoção, porque não era nem pra eu estar aqui, se for parar pra pensar, em vista tudo que eu passei. Tentei tirar minha própria vida, por conta de muitas coisas, mas hoje eu posso dizer que eu fui guerreira, e eu sou abençoada por Deus por estar viva, por estar bem... e vencer... vou vencer todos os dias. (Maria Esperança, 2023)

Sobre a forma como ela se definiu - guerreira - ela disse que aprendeu a lição de que não se pode ter medo [possivelmente se referindo ao episódio de violência], medo de falar e de enfrentar; que ela tinha muito medo e hoje não tem mais. *“Aconteça o que acontecer eu vou falar, eu vou denunciar, eu vou dar queixa, né?”*.

Quanto às expectativas dos outros, ela foi positiva e direcionou à família: *“espera que eu seja muito feliz e que eu não repita os erros do passado”*. Nesse momento é possível perceber que de certa forma ela se culpabiliza pela violência, pois assume um erro que na verdade é do agressor.

Sobre os sonhos que tinha no passado, o maior era o de se formar em pedagogia e ser professora, e acrescentou *“casar, ter filhos, ter uma família”*. Quando perguntada se eles mudaram ela afirmou que não, que eles permanecem, e sobre a família acrescentou *“ter um marido que cuida, que protege, sabe? Um homem que me ame de verdade, que me respeita em primeiro lugar. E poder também ajudar o próximo... outras mulheres, né? Com a minha história, com o meu testemunho de vida.*

Sobre as habilidades disse ser muito comunicativa, uma boa vendedora, uma *“super mãezona”*, e uma boa cozinheira. A preferida para ela é ficar com os filhos, brincar e ir no parque com eles. Para os outros o que se destacaria seria a habilidade de cozinhar bem, e ser uma mãe protetora e cuidadora.

Nas questões referentes à percepção dela sobre empreendedorismo, destaca-se que ela entende que uma empreendedora deve ser *“comunicativa, respeitar as pessoas independente de cor, independente de padrão (...). Ter simpatia com as pessoas, independente de quem for”*. Para Maria Esperança uma empreendedora deve se comportar como *“uma mulher de respeito”*. Ao ser perguntado se conseguia se ver como empreendedora disse *“acho que sim”*, porque com a característica de ser *comunicativa* ela disse se identificar.

Ela também disse conseguir se imaginar como dona do próprio negócio e que poderia gerar renda com ele, atribuindo papel importante para o apoio que recebe do atual esposo: *“acredito que sim, porque esse meu atual esposo me ajuda muito com as vendas, sabe? Nós dois se (sic) ajudamos, e esse ano a gente pretende, sabe? Se Deus quiser, abrir uma porta, uma loja”*. Sobre referências no empreendedorismo ela citou a irmã, a qual é confeitadeira; começou vendendo bombom e atualmente adaptou a cozinha da própria casa para o negócio.

Se abrisse um negócio ela gostaria que ele chegasse *“o mais alto, mais alto... possível”*. E quando isso ocorresse ela *“ia agradecer a Deus e dizer eu consegui!”*

#### 4.1.3 Maria do Céu

A inspiração para a escolha do nome Maria do Céu se deu pela fé expressa em diversos momentos da entrevista. Ela demonstra extrema gratidão com o sobrenatural, e inclusive disse que para ela a policial feminina que fez o atendimento do seu caso era um anjo, cuja intervenção foi crucial para salvar a vida dela.

Uma mulher de 56 anos, viúva, e que, apesar de informar não trabalhar atualmente, disse já ter tentado criar animais e plantar hortifrutis para gerar renda. Mãe de três filhos “*criados*” (36, 27 e 21 anos), portanto não tem necessidade de apoio no cuidado com eles para poder trabalhar.

O fato de ser mãe aparenta ocupar um espaço tão significativo que, para ela, o nascimento dos filhos foram os momentos mais marcantes da vida dela. Quando instigada a contar a história de vida dela, Maria do Céu se limitou a dizer:

Ah minha filha, com muita dor, com muita tristeza. É de ficar sem palavras a minha história, é tudo de ruim que um ser humano é capaz de passar eu já passei nessa vida. Eu não teria nem força de escrever um livro. Seria cheio de dor e lágrimas, realmente não escreveria, porque até eu mesma tento esquecer. (Maria do Céu, 2023)

Como autodefinição ela priorizou os aspectos religiosos, dizendo ser “*uma serva de Deus cheia de fé, guerreira, e em pé porque sou sustentada por alguém mais forte do que eu*”. E ao refletir sobre história de vida e os eventos que permitiram ela ser quem é hoje, Maria do Céu questionou e já respondeu: “ *você acha que se eu não tivesse um Deus vivo cuidando de mim, me cercando, me protegendo, me guardando, eu estaria aqui hoje falando com você minha filha? Ah, não estaria*”.

Sobre o que os outros pensam e esperam dela, ela foi objetiva em responder que faz sempre o melhor, mas que não tem o que oferecer aos outros. Ela disse que sempre sonhou em crescer e ter o próprio cantinho, e, igual à mãe dela, criar os bichinhos e viver em paz. O sonho atual para ela é ter paz.

Quanto às habilidades que possui, ela mencionou cuidar de pessoas e de animais, e ler. A leitura é a atividade que mais gosta de fazer. Já para os outros, ela se destacaria pelo carinho e pela paciência que tem com quem ela cuida. Sobre empreendedorismo, ela definiu de forma simples o que é ser empreendedora se baseando na experiência frustrada que teve no setor de agropecuária familiar:

Bom, empreender é... investir pra benefício financeiro... eu tentei aqui... vou falar do meu caso...já que eu moro no mato, na roça, enfim... eu tentei criar galinhas, é... vinham davam veneno pra ter ovos, infelizmente. Eu tentei criar gansos, vinham roubar. Eu tentei criar cabras, vinham e davam veneno ou colocava milho na beira da pista pra eles ir pra pista pra roubarem. Eu não tenho muito... a minha tentativa foi meio que frustrada. Era uma boa ideia, né? já que ovos todo mundo compraria e cabra e ganso são bichos exóticos. Mas eu não tive muita sorte, então pouco sei, infelizmente. Tenho pouca experiência. (Maria do Céu, 2023)

Mesmo tendo essa noção, ela disse não fazer ideia de como se comporta uma mulher empreendedora, e quais características possui. Mas disse conseguir se imaginar como dona do próprio negócio e gerando renda na mesma área que já tentou, ou seja, na criação de animais. Ela também não reconhece outras pessoas na família como referência nos negócios.

Sobre abrir o negócio, ela acredita ter a coragem e a garra necessárias, mas entende não possuir o dinheiro suficiente para que funcione. O desejo que manifestou foi o de ser reconhecida e ter liberdade financeira com o negócio, e que se sentiria feliz e realizada com a abertura do negócio, caso ocorresse.

Sobre apoio para empreender ela disse que atualmente mora apenas com um filho, o qual disse ser especial. Mas que quando conheceu o companheiro eram dois adolescentes do interior da Bahia, sem nenhum sonho grandioso. A mãe foi a pessoa citada como alguém que mudou de condição de vida com o próprio trabalho/esforço, pois plantava e vendia cacau e banana, criava galinhas e patos e vendia ovos caipira.

#### 4.1.4 Maria do Socorro

Ela é uma jovem de 34 anos, mãe de duas crianças (11 e 9 anos), em processo de separação com o agressor, o qual, na semana da entrevista, havia sido capturado, após alguns meses foragido pelo crime que cometeu. Entre alguns sorrisos tentava esconder o momento traumático que viveu e o quanto a violência ainda estava latente.

Por isso o nome Maria do Socorro pareceu adequado, já que foi literalmente um pedido de socorro às autoridades policiais e judiciais que permitiu que ela saísse da relação abusiva. Ela não trabalha atualmente, pois na relação havia abdicado da profissão e se sujeitado a depender financeiramente do agressor para se encarregar

de cuidar dos filhos. Antes já havia trabalhado na parte administrativa de uma empresa, principalmente cuidando do setor financeiro.

Agora que se separou, a família tem dado o suporte necessário para ela e as crianças. Ao ser estimulada a contar sua história de vida, o foco dela manteve-se na relação abusiva, e ainda com bastante dificuldade para processar tudo o que havia passado nos últimos dias:

Olha, eu sou perdida. É que eu ainda não... eu acho que como aconteceu essa semana a prisão, eu ainda não sei o que vai acontecer, o que que eu vou fazer... aquela coisa, eu não sei nem quem eu sou, para mim eu era uma pessoa aí descobre que a família é totalmente... não é nada daquilo que você imaginava. Daí você já não se vê mais, né? Você não sabe mais o que pensar. Tu não é... é como se você não tivesse tido uma vida... uma vida inteira de mentira. Você não sabe nem mais o que que é real, o que que não é, o que que trouxe de... o que que você mesmo traz de benefício, porque até então a vida era uma mentira pura, né? não tinha uma. Não sei se existia alguma verdade em alguma coisa, então eu tô sem... aquela coisa... que eu tô sem passado, sem presente, sem futuro. Tô deixando a água levar e daí ver para onde vai... (Maria do Socorro, 2023).

Em virtude da violência, hoje ela não consegue se reconhecer como a mulher que seria com a sua história de vida e com as próprias experiências: *“Não, o que eu sou hoje... o que eu to vivendo hoje... nunca me vi assim. Nunca imaginei estar assim, não esperava, não... desculpa... é que eu realmente não tenho o que te responder porque eu tô bem no momento...”* [não concluiu a frase, mas seria “difícil” ou algo nesse sentido].

A violência sofrida, segundo Maria do Socorro, era mais psicológica, e ele usava de chantagens. No ano passado as brigas já haviam motivado que ela saísse de casa. Ele reclamava da falta de dinheiro e de trabalhar sozinho, mas ao mesmo tempo não queria que ela trabalhasse fora, porque *“o mundo é muito perigoso para deixar as crianças por aí”*. Contando que foi rever as conversas no aplicativo de mensagens que trocavam quando estiveram na crise anterior, relatou que:

hoje eu vejo as chantagens que ele fazia, manipulação, e sempre a culpada era eu. Ah eu terminei com ele porque ele era agressivo, mas a culpa é minha porque eu que não quis insistir no relacionamento. Ah, ele chegou em casa e se estressou porque tinha uma bola no chão... ah, mas a culpa é tua porque você deixa essa bola no chão, por que não mandou as crianças juntar? A janta atrasou... ah, como que você deixou a janta atrasar? Você sabe o horário que eu chego. Sempre nesse nível de a culpa sempre foi em mim... ele nunca foi responsável por nada, todo o problema da casa era culpa minha. Ele recebia pouco dinheiro a culpa era minha porque eu gastava demais. Eu pedia muito dinheiro para arrumar as coisas na casa, então devia saber que ele já trabalha muito para ter o que tem. Que eu tinha que ser mais grata pelas coisas que ele dá, que ele dava.(...) quando ele

tacou o brinquedo das crianças na parede, quebrou, ah, mas é porque você deixou jogado. Você não educa as crianças, você mimia demais as crianças (Maria do Socorro, 2023)

Ainda sobre os conflitos decorrentes da criação dos filhos, ela relatou que a filha dela não gostava do pai e ele culpava a esposa, porque ele era o pai exemplar que dava disciplina, que mandava e exigia que ela limpasse o quarto, por exemplo, e ela era *“a mãe mole que deixava ela bagunçar e fazer o que queria. Fazia as vontades dela, por isso que ela gostava de mim e não gostava dele”*. Da mesma forma em relação ao menino, usava termos como *“você que tá criando ele como um trouxa”, “você deixa ele fazer o que ele quer”, “porque ele é um homem, porque ele tem que fazer isso, ele tem que fazer aquilo, você não pode deixar ele fazer certas coisas”*.

Quando perguntada sobre as expectativas dos outros sobre ela, Maria do Socorro disse que hoje eles esperam que ela fique bem, que lhe dizem *“para deixar o passado no passado”* e *“pra seguir a vida”*, mais uma vez voltando as suas repostas para o contexto da relação abusiva.

Quando perguntada sobre as expectativas e sonhos que tinha para a vida adulta ela respondeu que ela e a prima sempre diziam *“porque a gente vai morar em casa só de mulher, que a gente vai ter uma casa do jeito que sempre quis. Para falar a verdade quando era criança não esperava filho”*. Desejava morar numa casa só com as amigas e dizia que ia ser contadora, e cada uma das amigas na casa teria uma função: *“era praticamente uma empresa”*. Ela disse que quando pequena nunca falava em formar uma família, e nunca pretendeu até ter uma. Ao contrário de muitas outras meninas que queriam casar e ter filhos, para ela o ideal de futuro seria fazer uma irmandade, na qual nenhuma das mulheres ali iriam casar, nem ter filhos.

Como sonho atual ela citou que gostaria de ter estabilidade e conseguir *“dar conta sozinha de criar as crianças e sem precisar de ajuda. Ser mais independente”*. Sobre as habilidades que possui, ela rememorou o trabalho que já fazia numa empresa. Ela disse que fez faculdade de gestão financeira e é nessa nessa área que tem mais conhecimento.

Ela gosta de trabalhar quieta, num lugar sem muita gente e ficar focada, sem interrupções. Já trabalhou sozinha num escritório e disse que amava. Cuidava de tudo sozinha no administrativo da empresa, do financeiro, dos clientes, de nota fiscal, da agenda, do horário dos técnicos, e não se importava de ter tanta coisa para fazer,

pois conseguia relaxar estando sozinha. Ela acredita que hoje sempre é necessário trabalhar em equipe, mas que a preferência dela ainda seria trabalhar sozinha.

Ela não soube dizer o que os outros acham que ela faz bem, porque nos últimos anos a vida dela era só ficar em casa com as crianças, então ninguém lhe dizia nada nesse sentido. Inclusive da família e amigos houve um afastamento pelo controle do ex-marido. “*Não tem dinheiro, fica em casa. Ah, essa pessoa é má influência, não vai*”, ele dizia. Quando saía para o aniversário de algum tio ele dizia que era para jantar e ir embora. Hoje, após o término da relação, que retomou os contatos de anos atrás com os familiares e amigos.

Quando foi perguntado sobre o que é ser uma empreendedora, ficou clara a dificuldade em organizar as ideias no pós-trauma, com a resposta “*difícil, e agora não me vem nada na cabeça... minha cabeça está vazia*”. Sobre as características que uma empreendedora precisa ela ressaltou foco, determinação e responsabilidade. Houve um “*deu branco de volta*” quando foi indagado sobre o comportamento de uma empreendedora: “*nem tenho resposta pra isso agora*”.

Uma resposta bastante importante e significativa foi quando se perguntou se ela se via como empreendedora:

Não. Eu acho que uma parte importante de ser empreendedora é ser destemido. Eu hoje me vejo com insegurança de tudo. (...) Até se vai dar certo alguma coisa eu fico, é, mas e se der errado? (...) eu fico nos ‘e se’ que o empreendedor não pode ter né? (...) O pensamento de fracasso antes de começar. (Maria do Socorro, 2023)

Maria do Socorro também não consegue se imaginar como dona do próprio negócio, muito menos gerando renda através dele para ela e outras pessoas. Ela se sente num contexto em que ainda tenta superar a impressão de que tudo é um fracasso, e tenta acreditar que não vai dar errado tudo o que pôr a mão.

De pessoas que podem ser uma referência para ela no mundo dos negócios, ela disse que na família tem bastante. Um primo tem uma empresa de arquitetura. Uma prima tem uma empresa grande de contabilidade. Outra prima tem loja de celular, que é cuidada pelo marido, e em anexo ela tem um negócio de sobancelhas e cílios.

Quando proposto para que pensasse, caso viesse a abrir um negócio, até onde gostaria de chegar, ela trouxe alguns termos na fala que representam o contexto pelo qual tem passado também: “*Olha que eu nem penso tão longe. Se eu conseguisse abrir um negócio, e só ter uma, não precisa ser uma coisa grande, mas*

*uma coisa que me dê uma liberdade e uma segurança financeira, uma estabilidade já seria ótimo*". A empresa poderia ser no ramo da beleza, pois ela disse que já pensou em algum momento em abrir salão na frente de casa, fazer curso de cabeleireira, mas não fez porque não tinha renda para fazer.

Sobre os sentimentos caso conseguisse abrir o salão e gerar renda suficiente com ele para ser independente ela diz que ficaria satisfeita e grata. Ela sente que haveria apoio da família e que eles ficariam felizes pela conquista.

## 4.2 HISTÓRIAS DAS MARIAS INDEPENDENTES FINANCEIRAMENTE

A seguir serão contadas as histórias das outras quatro Marias, mulheres participantes desta pesquisa e que informaram possuir renda própria e conseguir garantir o próprio sustento, sem depender financeiramente de terceiros. São elas a Maria Vitória, Maria Amélia, Maria Francisca e Maria Valentina.

### 4.2.1 Maria Vitória

Maria Vitória é uma mulher de origem humilde, vinda do interior do estado do Paraná. A típica pessoa que venceu na vida, por isso a escolha do nome. Uma mulher de 39 anos, mãe de uma criança de 3 anos (diagnosticada com TEA, transtorno do espectro autista), funcionária pública e empreendedora. O ex-marido e pai da criança não é o agressor, e foi mencionado como um apoio para a criação da filha para que ela possa trabalhar.

Antes de ingressar na carreira pública, trabalhou de babá: *"meu primeiro salário de cem reais. Não dava nada. Morava na casa da patroa, que cobrava comida, sobrava R\$ 70. Não dava para fazer nada"*. Não era o que ela desejava, então conseguiu um trabalho como caixa de supermercado, depois repositora, e logo conseguiu passar no concurso público.

Quando solicitado para que contasse sua história de vida, Maria Vitória foi bastante orgulhosa da sua trajetória. Espontaneamente foram revelados momentos de vida que motivaram sua escolha profissional e tem relação com violência doméstica:

a minha história é bem legal... eu venho de uma família... eu me tornei policial porque meu pai... eu vi a minha mãe sofrendo violência doméstica

em casa né... meu pai ofendia muito a minha mãe, ameaçava... nunca bateu mas sempre ficou ali perturbando ela. Era uma violência psicológica e era todo tempo. E com isso ele xingava a gente também, ele usava de muitos palavrões para gente era uma situação bem complicada. Com isso eu desenvolvi uma gastrite desde muito criança assim né gastrite nervosa por conta do meu pai e eu sempre tentei proteger minha mãe. Eu lembro assim de fatos que eu ficava tipo madrugada assim com facão na mão na porta do quarto da minha mãe protegendo do meu pai, pra que não entrasse embriagado e matar ela que tava dormindo, assim sabe? E como eu tenho 10 irmãos e 9 são mais novos que eu, eu só tenho uma irmã que é mais velha, então praticamente todos os anos minha mãe tinha um bebê em casa. Eu passei minha adolescência toda vendo a minha mãe grávida e com bebezinho.... então isso deixava ela muito vulnerável, né? Daí eu cresci com aquele desejo de proteger as mulheres, cara, quando eu crescer eu nunca vou deixar ninguém encostar em mim. Só que não foi bem isso que aconteceu no caminhar da minha vida. Mas eu consegui me tornar policial por esse desejo de proteger as mulheres. Fazer algo assim pelas mulheres e daí eu tinha uns sonhos assim, ah, eu quero sair dessa vida eu quero ser policial, quero ter o meu apartamento, quer ter meu carro quero ter minha dignidade e eu consegui tudo isso aí! (Maria Vitória, 2023, grifo nosso)

Maria Vitória se formou em administração aos 23 anos. Para ela, depois disso, já conseguiu administrar a própria vida e logo comprou um apartamento. Com orgulho ela diz que em apenas 10 anos já conseguiu quitá-lo, somente com o salário recebido na polícia e administrando as finanças. Comprou também um carro. O salário de soldado na Polícia Militar (PM), era pouco para o padrão de vida que ela almejava. Desejou comprar uma casa maior, comprou a casa maior; desejou abrir um negócio, e assim o fez. Ela diz que sempre foi acelerada, se tem tempo ocioso quer sempre fazer alguma coisa. No momento aproveita o tempo que fica em casa para fazer uma faculdade de marketing à distância.

Maria Vitória informou que possui dois negócios, uma distribuidora de bebidas e uma loja de baterias. Ela planejou a casa que tem para que pudesse residir na parte superior e tocar os negócios no ponto comercial embaixo, de modo a facilitar a sua administração. Ao relatar que estava tendo tempo livre nos últimos dias para estudar e tocar os negócios, ela lembrou que isso se deu porque teve que se afastar do trabalho em decorrência da violência sofrida:

porque o que que aconteceu no decorrer da minha vida... queria tanto proteger as mulheres de ser... e nunca me tornar uma vítima de violência doméstica... e fui duas vezes vítima de violência doméstica... e as duas vezes fui agredida de forma física. Fui agredida fisicamente tanto que agora (...), que eu tô andando de muletas ele invadiu minha casa, ele quebrou minha tíbia e rompeu o meu menisco então eu estou me sentindo assim muito debilitada para cuidar da minha filha... para fazer meus afazeres... Mas o meu ex-marido vem aqui e me ajuda, né? Tem me ajudado bastante. Então o que eu consigo fazer sentada ali de uma forma mais confortável para a perna eu to fazendo, mas tipo, se torna uma vida muito limitada quando se torna vítima de alguém assim de violência doméstica, sabe? (...)

não é porque teve ciúmes de mim que tem o direito de me bater... não tem direito de me bater, não tem direito de bater em ninguém por ciúmes. E eu considero isso como um descontrole mesmo, uma falta de respeito por eu ser mulher, entendeu?

Na questão sobre os eventos mais marcantes na vida, ela mais uma vez lembrou da vida difícil que teve na infância:

mais marcantes... acho que foi eu sair da casa dos meus pais aquela vida miserável que a gente levava. Então, eu não te contei onde a gente morava né? Eu sou do interior do Paraná, mas no interior que eu falo é assim no meio do mato, assim de morar na roça, de trabalhar na roça, né? Meus pais era agricultores então eu não gostava de ficar lá e nunca gostei, não me sentia à vontade de trabalhar na roça. (...) A vida dos meus pais era uma vida de miserável, nem pobre era... era miserável mesmo a ponto de eu nunca ter tido um tênis para escola até eu completar meus 12 anos. Eu ia de chinelo pra escola e todo ano eu tinha um casaquinho de lã que todo ano a minha mãe fazia um crochezinho a mais nos braços pra... tipo eu parecia um arco-íris.. era todo colorido assim, sabe? Porque todo ano a mãe pegava um restinho de fio e aumentava aquele crochê para que a blusa acomodasse o meu bracinho ali. Então minha vida foi de muita pobreza... faltando tudo em casa. E fome mesmo eu nunca passei... assim, ah hoje não tem nada para comer... sempre tinha um feijão nem que fosse um feijão na xícara pra tomar pra ir pra escola, tinha! Mas era uma vida muito miserável... sempre me faltou tudo e eu acho que essa parte mais difícil da minha vida assim sabe? E eu consegui sair dali e sonhar, e ter a minha casa. Porque eu não tinha um quarto para dormir... a gente tinha oito camas. Parecia uma enfermaria e não tinha privacidade, a gente não tinha uma porta no quarto, a gente não tinha um local para trocar de roupa. Então aquilo ali era ruim para mim como uma menina e com certeza pras minhas irmãs também. Era bem ruim porque nós somos em nove irmãs eu acho que todas elas sentiam-se desconfortável. A gente se acomodava naquele ambiente ali a ponto de não reclamar para os meus pais que tava ruim que precisava de um pouquinho mais de conforto... um pouquinho mais de privacidade porque é o que tinha. Aí meu pai naquele estado ali, todo dia se embriagava, com certeza para fugir dos demônios interiores dele, né? Porque vendo ali oito, nove, dez filhos e talvez ele não tivesse como suprir as necessidades de cada um, talvez meu pai tomasse as cachaça dele lá para sair do juízo dele lá, porque acho que era muito problema. Ele tá com a minha mãe até hoje, foi internado várias vezes. Hoje ele tá melhor, diz que parou de beber mas eu acho que enquanto criança, se não foi um fardo muito pesado para ele, talvez ele não quis procurar ajuda né? Por medo, alguma coisa na cabeça dele... e aí ele bebia e maltratava a família. (Maria Vitória, 20230

O uso dos diminutivos se destacou nesse trecho (casaquinho, crochezinho, restinho, bracinho). Talvez porque ao lembrar daquele momento ela tenha rememorado a forma como se sentia, uma menina pequena e frágil, diante de um problema que lhe parecia além da sua capacidade de enfrentamento.

Maria Vitória inicialmente teve dificuldades em se autodefinir: “*caramba essa pergunta é muito difícil, já me fizeram uma vez e eu não sei dizer não, eu não dizer quem eu sou*”. Porém quando perguntado sobre as características que possui, ela destacou que não gosta de perder tempo, “*eu sou ligada no 220, eu não consigo*

*parar*". Ela disse que o ritmo acelerado inclusive impacta no sono dela, pois diz que consegue dormir quando já está extremamente cansada; cerca de duas ou três horas por noite são suficientes para ela.

Sobre os eventos que contribuíram para ela ser como é hoje, ela destacou que é porque teve que ser forte, e porque não tinha tempo para reclamar e chorar, como por exemplo no fato de não ter o tênis para frequentar a escola. Recordou que:

levava meus materiais no pacote de arroz que minha mãe passou álcool e tirou as letrinhas... eu dobrava e botava embaixo do braço... eu não tinha tempo de reclamar de nada... só agradecia... minha mãe falava agradeça porque você tem um pacote para levar teus materiais.. agradeça porque tem um caderno você poderia não ter um caderno pra levar pra escola, então você agradeça por ter esse chinelo... então você vai fazer o quê, você vai caminhando até o ponto do ônibus, você vai chegar lá e vai lavar seus pés com esse paninho aqui e vai colocar o seu chinelo e agradeça porque você tem pé, você poderia não ter pés... então eu aprendi a agradecer pelas pequenas coisas, na verdade por tudo né? Desde pequena o que me fortalece e não me deixa eu me abater por qualquer coisa né... e valorizar cada oportunidade da vida. (Maria Vitória, 2023)

Na questão sobre o que acha que as pessoas pensam ou esperam dela, ela disse não saber o que elas pensam, mas que "*as pessoas adoram julgar as outras né? Elas vão julgar de todas as formas*". As expectativas e sonhos que Maria tinha para a vida adulta, ela reforçou novamente a escolha profissional na Polícia Militar. E os outros sonhos que tinha ela considera que já forma alcançados:

Gente, eu sou tão realizada, porque eu consigo administrar toda a minha vida. Eu queria ter meu apartamento, eu tive. Então eu me considero muito próspera. Eu tenho minha faculdade, a primeira faculdade. Eu tenho uma filha, eu queria ter uma filha. Eu queria ter carro, então eu tive carro. E agora a casa que eu tenho, eu ainda me considero mais próspera. E agora eu tô fazendo outra faculdade então me considera uma pessoa bem próspera diante dos meus sonhos e objetivos que eu tenho na vida.

Além da gratidão por tudo que já conquistou, ela compreende que os sonhos evoluem. O sonho dela hoje é ter e administrar uma grande empresa de marketing, e continuar na polícia. Além disso, ela gostaria de abrir algo que pudesse ajudar mulheres vítimas de doméstica, ideia que ainda está para ser elaborada e colocada no papel. Então lembrou que também é lutadora Jiu-jitsu e Muai Thai, e isso poderia contribuir para as mulheres se defenderem.

As habilidades que mencionou possuir relacionaram-se ao papel de mãe. Disse que é uma boa mãe, porque para conseguir lidar com uma criança autista, que não comia e não falava, que tinha seletividade alimentar, ela teve que estudar muito,

ler muitos livros, aprender como fazer a comida dela, como fazer o processamento de alimentos para que ela ficasse nutrida. Ainda teve que se aplicar no estudo de outro idioma inglês para acompanhar o desenvolvimento da filha e a alta funcionalidade naquela língua:

Como fazer ela falar? Como ensinar ela a falar? Ela começou a vida dela falando inglês. Aí eu tive que melhorar meu inglês para poder conversar com a minha própria filha. Quando ela me olhava assim... mamãe, *please my shoe!* Por favor, ela me mete o inglês antes de falar português, não é possível! Chamou o pai dela de *daddy*, e o pai “essa menina nunca me chamou de pai”. Ela te chama de pai, você que não presta atenção, ela tá chamando você em inglês. Aí até hoje tudo que ela vai falar ela fala inglês. Gente, pera aí, deixa a mamãe traduzir o que você tá falando.

Das atividades que mais gosta e faz bem Maria Vitória destacou, pelo perfil que tem, ser uma boa empreendedora, ser uma boa policial, ser mãe e também de fazer academia, cuidar do corpo e da alimentação. Quanto ao que os outros consideram que ela faz bem ela acredita que seja cuidar do próprio corpo, porque, principalmente as pessoas que trabalharam com ela começaram a imitar alguns comportamentos como tomar água com bastante frequência e levar marmita para cuidar da alimentação. Alguns até chegaram a comentar terem emagrecido por influência dela; para ela os “*exemplos arrastam*”.

Tendo a própria experiência como referência, ela se vê como empreendedora e dona do próprio negócio e gerando renda com ela. Ela considera que uma empreendedora “*tem que saber administrar o negócio, ter vontade, não ter preguiça de trabalhar porque exige muito tempo, muita dedicação e muita administração, seja de tempo ou financeiramente.*” Sobre o comportamento, ela entende que a empreendedora tem que estar atenta com o que tá acontecendo no mercado.

Na família ela tem a irmã que possui uma agência de marketing, e foi dada como referência de alguém que é dona do próprio negócio. Ela se percebe capaz de abri um negócio pelo fato de ser organizada. Os planos para o negócio são a expansão para se tornar uma referência na minha cidade. Quando atingir esse patamar se sentirá útil, por poder empregar várias pessoas, crescer e realizar todos os sonhos.

Sobre o que o ex-companheiro acharia do fato dela abrir o negócio ela se referiu positivamente ao pai da filha (não o agressor), justificando que ele tem o maior orgulho dela. Ela não sabe se ele apoiaria porque ele é muito focado no

trabalho na empresa dele, mas que com certeza ficaria muito orgulhoso dela. Sobre a família ela ficou na dúvida se teria apoio, porque percebe inveja, mas acabou afirmando que sente que a família é a que menos a apoia, porque sempre vem o lado negativo e colocam dúvida nas ideias, se vão ou não dar certo. “*Quando eles veem já está feito*”.

Sobre admirar alguma mulher que mudou de condição de vida, não lembrou num primeiro momento, mas disse que provavelmente alguém que segue nas redes sociais. Já ao ser especificado mulheres dos negócios, ela disse que são várias que a inspiram, mas nominou especificamente a Mary Key:

Lembro, a Mary Key... a Mary key é um exemplo, até que eu uso os produtos, a história é fantástica da Mary Key, ela usa o carro rosa... dá muita vontade pras mulheres... Acho que a Mary Key hoje, nos dias de hoje, nesse negócio de violência doméstica se destacaria ainda mais, só que ela já morreu né? (Maria Vitória, 2023)

Quando perguntada sobre áreas de interesse para empreender, falou que consegue se dar bem em qualquer área, porque é muito eclética, e só se dedicar.

#### 4.2.2 Maria Amélia

O nome Amélia tem como significado trabalhadora ou ativa. No caso da participante cuja história será contada agora, chamou a atenção o fato de que ela começou a trabalhar muito cedo, desde os 12 anos. Trabalhou tanto que chegou a sustentar o companheiro agressor por certo tempo. Hoje, com 33 anos, mãe de dois filhos (10 e 4 anos), continua legalmente casada, mas fisicamente separada, com medida protetiva em vigor.

Formada em Ciências Contábeis e depois em Pedagogia, já trabalhou como professora em escolas, mas hoje atua como atendente terapêutica na área de inclusão de crianças com autismo, junto com uma psicóloga. Já trabalhou remotamente na época da pandemia, dando aulas. Agora mencionou que tem dificuldades em conciliar os cuidados com um dos filhos e o trabalho, pois a criança mais nova fica período integral na escola, porém a mais velha acaba ficando sozinha muitas vezes por estudar somente meio período. Às vezes a ex-sogra “*dá uma olhada*”, mas ela está para se mudar da cidade, então Maria Amélia já tem pesquisado alternativas.

Para contar a história da própria vida, Maria Amélia confessou que há alguns dias já vinha pensando sobre isso e o fato de ser muito sozinha. Ela também fez referência à relação abusiva que viveu:

então desde quando meu primeiro filho nasceu com um probleminha, aí ficou muito tempo do hospital, eu sempre fui muito sozinha. Mas sempre consegui superar tudo e passar por tudo. E ao mesmo tempo sozinha, mas sem me fechar. Tanto que agora esse problema que eu tive, agora não porque foram 10 anos né? E quem olha não diz, quem me conhece sem eu falar não dizia, sabe, que eu passava por isso dentro de casa. Eu escondi por muito tempo. Então assim sempre fui assim digamos meio que solitária, mas posso até dizer assim feliz, porque eu conseguia administrar bem assim, sabe? Não deixar isso transparecer. (Maria Amélia, 2023)

O motivo para esconder a situação ela acredita ser mais por vergonha, e medo das pessoas não acreditarem, porque sempre estava bem, sorrindo, dando conta de tudo. Imaginava os outros questionando: *“como assim? não é possível que você passa por isso!”*, ou *“ah, mas será que é bem assim a história?”*. A mudança para a recente denúncia ela disse que se deu porque *“depois de 10 anos, eu acho que eu passei esse tempo todo criando coragem para dar um basta, né?”*. Então relatou que foi todo um processo bem lento, mas de muita certeza quando tomou a decisão do rompimento:

claro que em dias difíceis dá vontade de você sair gritando. Mas eu pensava, cara, mas eu vou fazer isso, daqui uma semana eu vou acabar voltando. Ou sabe, eu não vou dar conta de ficar sozinha. Então agora sim foi um processo aonde eu larguei, fiz tudo, tudo... tudo que tinha possibilidade de eu fazer eu sei que eu fiz. Então tô muito tranquila em relação a ter dado um basta, ter feito a medida protetiva, de não deixar de jeito nenhum se aproximar de mim. Então eu tô muito tranquila. Claro não é fácil, é bem complicado. E tanto que às vezes eu penso, cara, eu não consigo chorar, não consigo assim, sabe? E eu precisava, mas eu não consigo. E a impressão que dá é que eu tenho que estar tão forte para dar conta das crianças. (Maria Amélia, 2023)

Ao ser solicitado que contasse os eventos mais marcantes da vida, curiosamente, ao invés da violência, agora sim trouxe um relato da trajetória de via:

Eu saí de casa para trabalhar eu tinha 12 anos. Eu fui trabalhar no restaurante da minha tia e eu lembro que eu era uma criança. E era muito difícil porque era uma cozinha industrial, não era bem um restaurante. Fazia alimentações para grandes empresas. Então era umas panela (sic) que eu entrava dentro quase, de tão grande. E isso assim marcou muito porque o meu pai sempre foi alcoólatra então eu queria sair de casa, não aguentava aquilo sabe? Então foi assim um marco muito... eu acho que tudo que eu sou hoje se começa ali. Ter saído, ter tido responsabilidade assim tão cedo. Aí depois foi o nascimento do meu filho. E daí como eu fui trabalhar com 12 anos, aí eu já fui estudar à noite aí eu já meio que virei uma adulta. Já tinha

responsabilidade, meu salário e tal. E aquela coisa, né? Eu fazia o que eu queria. Então tipo com 14 anos eu fiz tatuagem, eu coloquei piercing, tipo ninguém mandava em mim né? Então assim quando o [Joãozinho] nasceu eu tinha 22 anos já. (...) E quando ele nasceu (...) foi algo muito marcante. (Maria Amélia, 2023)

Outro momento citado como marcante foi agora na separação, quando conseguiu a medida protetiva, porque sentiu que todo mundo estava contra ela. Tanto que o agressor está ficando na casa da mãe dela, porque para a família o homem é a vítima, e falam para ela que ele *“tava na rua e se eu não voltar ele vai morrer”*. Ainda destacou que está sendo bem marcante porque ele não é a vítima, quem é a vítima é ela e são as crianças. Mas apesar de se reconhecer como vítima, ela voltou a assumir certa culpa pelo fato de que demorou muito para expor para todo mundo a situação pela qual passava.

Ela contou que ele é dependente químico, portanto doente, mas que existe tratamento se a pessoa quiser se tratar. A relação durou 18 anos, foi o primeiro e único namorado, e agora fica admirado ao sentir que está se libertando, o que é um pouco assustador também para ela. Maria Amélia disse ser difícil falar das características pessoais, mas que acredita ser muito batalhadora, e que demora para tomar decisão, mas que é decidida: *“a partir do momento que eu tomo a decisão é aquilo, já era”*. Essa característica, guerreira, também é reforçada na fala dos outros a ela, além de acrescentarem muito trabalhadora, muito batalhadora, muito alegre, muito humana, e que é muito coração.

Sobre as expectativas e sonhos da Maria Amélia que começou a trabalhar aos 12 anos, ela disse que nunca sonhou com profissão, mas que sempre quis muito trabalhar porque *“a minha mãe chamava muito a gente de vagabunda, sabe? e eu achava isso horrível e eu pensava cara eu vou estudar, eu vou me formar, e eu vou mostrar para ela que eu não sou uma vagabunda. (...) Tanto que nós somos em 16 primos, a única que tem formação sou eu”*. Hoje o sonho é fazer psicologia, por já estar na área da educação, mas vai esperar a criança menor crescer um pouco mais para poder se dedicar nesse objetivo.

As habilidades que entende saber e fazer bem ela disse sobre a capacidade de se adaptar ao ambiente, a situação e ao perfil das pessoas. Também falou sobre trabalhar em equipe como outro ponto forte e a capacidade de organização, de organizar as coisas em planilhas, em pastas, *“você entrar na minha sala você vai se*

*achar, você vai conseguir saber das coisas*". Já as outras pessoas costumam falar que ela cozinha bem, mas ela assume ser muito crítica para concordar com isso.

Para Maria Amélia ser uma pessoa empreendedora é ser uma pessoa inovadora, mas necessariamente com uma ideia nova, mas maneiras novas de fazer, de facilitar a vida de outras pessoas. O comportamento que ela imagina numa empreendedora é ter muita empatia, saber ouvir, tanto crítica quanto sugestões. Ela também se reconhece como uma pessoa empreendedora: *"quando era mais nova eu não tinha muito isso e fui aprendendo, mas hoje eu me vejo assim"*. Ela também se vê como dona de um negócio e gerando renda através dele, e até fala com as amigas incentivando para se juntarem para montar uma clínica e fazerem um projeto mais social. Mas o que falta para efetivar é o dinheiro.

Na família tinha uma tia dona do próprio negócio, atualmente falecida, mas cujas filhas deram continuidade. Tem um primo trabalha com caminhão, como autônomo. Maria Amélia nunca teve negócio, mas ajudou a irmã confeitadeira, a qual tentou fazer as coisas em casa, na questão dos custos dos doces.

Caso abrisse um negócio, acredita que seria no terceiro setor, para capacitar as pessoas sobre o autismo, e gostaria de ser uma referência em ação social. A sensação que teria seria a de estar totalmente realizada, seria maravilhoso.

Quanto ao apoio do ex-companheiro para empreender ela acredita que não haveria, porque ele nunca demonstrou assim nenhum tipo de apoio, sempre foi muito indiferente: *"não dava muito para sonhar junto com ele não"*. Já na família ela acredita que teria o apoio das irmãs; do pai enxerga ele como vivendo em outro mundo em virtude do alcoolismo, então nem perceberia; e a mãe provavelmente acharia loucura abrir um negócio, mas também nem se importaria.

A mãe de um paciente foi apontada como mulher que admira e que mudou de condição de vida porque veio de uma família mais humilde, mas se formou em medicina e hoje está muito bem. Ela não lembrou de nenhuma mulher do mundo dos negócios como personalidade de referência. Uma área possível para empreender seria a gastronomia, ela prefere fazer comida salgada a doces, mas pensa que poderia abrir uma confeitaria ou um café.

#### 4.2.3 Maria Francisca

Maria Francisca começou a entrevista contando a sua história de forma bastante objetiva: *“eu vou te contar nos termos jurídicos, eu cometi um crime, eu paguei pela minha pena, e a minha liberdade cantou. E hoje eu sou livre”*. Essa descrição motivou a escolha do seu nome para fins da pesquisa, já que Francisca pode significar de origem francesa ou pessoa livre.

Trata-se de uma mulher de 37 anos, mãe de dois filhos (21 e 4 anos), divorciada, assessora parlamentar e estudante de direito. Anteriormente, segundo ela, já foi empresária, teve um atacado, e já foi gestora Recursos Humanos (RH). Sobre trabalhar remotamente respondeu que quando tinha o atacado trabalha parcialmente de casa, por ter uma criança pequena, então fazia muitos atendimentos pelo celular. A única ajuda que menciona para a criação dos filhos é a escola.

Dos eventos mais marcantes da vida, voltou a se referir à relação abusiva: *“com certeza é esse [um dos eventos mais marcantes], e ainda eu vivo isso hoje em dia ainda. Passaram-se três anos, mas hoje eu vivo porque o processo é muito moroso”*. Ainda complementou dizendo que revive isso *“toda vez que eu tenho uma audiência, eu vivo isso todo dia. O ciclo não encerrou ainda, sabe?”*.

Para falar quem é, como se define e quais as características que possui, Maria Francisca afirmou que hoje em dia sabe quem é:

Hoje em dia eu sou uma mãe, eu sou uma estudante, eu sou uma futura advogada. Além de tudo eu sou uma mulher. Mas assim, que eu dedico a minha vida para os meus filhos hoje para mim eles são a base, eles são o que carrega minha vida para frente e isso eu sou. Minha vida se define a isso. (Maria Francisca, 2023).

Como as suas principais características, Maria Francisca disse ser uma pessoa muito determinada: *“tudo que eu quero até hoje eu consegui”*. Também disse ser uma pessoa muito alegre, muito alto astral, que gosta de deixar o clima leve. E também se vê como uma pessoa muito amiga e que consegue ter empatia pelo próximo.

Ela entende que a pessoa que se tornou hoje é reflexo da sua história de vida, pois é uma mãe solo, e como trabalha com pessoas do povo, atende muitas mães pedindo pensão. Com isso, tomou como objetivo no trabalho durante um ano atender uma mãe por mês só para pedido de pensão:

Esse é o meu... minha gratidão para o universo, sabe? mas assim, eu acho que eu vou conseguir ajudar um pouquinho alguém porque só quem passa essa história de mãe solo sabe. Outras pessoas olhar é muito fácil. Eu costumo dizer, é difícil você ter empatia pelo outro se você não passou pelo mesmo problema, né? É muito difícil você se comove com a situação e tal, mas se você já passou ou se você passa pela aquele mesmo problema você sabe como que é. (Maria Francisca, 2023)

Sobre como os outros a veem, Maria Francisca acredita que as pessoas devem achar ela alguém muito forte, mas que elas não sabem como também é frágil. Ela imagina isso porque *“é tudo eu, é tudo eu. E até no gabinete também o pessoal deixa para a [Maria Francisca] resolver”*. Também se soma o fato dela sentir que é vista como forte por carregar *“uma família sozinha nas costas”*, e porque resolve tudo sozinha dentro de casa.

até esses dias eu vi um vídeo que as pessoas falam da mulher da energia masculina e a mulher não tem energia masculina porque ela quer, é porque ela foi obrigada. Porque ela foi abandonada, porque o pai na verdade abandonou os filhos. Porque ela foi abandonada pelo pai quando ela era criança e a mulher ela cresce forte. Não tem como a mulher não ter a energia masculina que dizem por aí que tá uma onda aí de energia masculina. (Maria Francisca, 2023)

Quando perguntada sobre as expectativas e sonhos que tinha para a vida adulta, ela conseguiu expor um pouco mais detalhadamente a sua trajetória pessoal:

Eu não tive pai, né? E eu tive o primeiro casamento quando era muito nova, quando eu tinha 15 anos. Eu tive um filho na verdade com 15 anos e eu fiquei muito tempo com o pai do meu filho e como a gente era muito novo não deu certo esse relacionamento. Mas assim, ele é um excelente pai, um pai presente na vida do meu filho. Mas eu tinha colocado na minha cabeça que eu nunca mais queria ser uma mãe solo, porque não é fácil. Não é nada fácil. E casei e o meu marido na época ele foi transferido para [cidade do interior], eu larguei uma vida que eu tinha aqui para ir atrás dele, para exatamente isso, para eu ter uma família, sabe? Para eu ter alguém que eu posso que eu pudesse contar e tal. Mas hoje em dia a minha vida mudou. Pode ser porque eu tive esse problema na minha vida, hoje em dia eu não largaria minha vida por homem nenhum. Assim, porque eu sei que no final é eu por eu, e é eu pelos meus filhos. Hoje em dia eu me fechei na verdade, de certa, forma para relacionamento. (Maria Francisca, 2023)

Maria Francisca tinha o sonho de ser advogada, o que está prestes a concretizar. É a segunda graduação. Havia parado a graduação quando casou e quando engravidou, para que o ex-marido pudesse ele estudar, já que ele precisava concluir a dele por causa da carreira. Ou seja, abriu mão dos próprios sonhos para priorizar o companheiro. Agora, para ela, o comportamento mudou, pois se colocaria em primeiro lugar. Depois disso disse não ter outros sonhos, pois a única pretensão

é poder viajar com a filha, “*eu quero mostrar para minha filha*”, “*eu quero colocar memórias na vida dela*”.

Quanto ao que sabe fazer bem, as habilidades, ela mencionou que tem a capacidade de se adaptar em diversos meios e a diversos públicos: “*se me colocam para conversar com o governador, eu vou saber me comportar, conversar, e desenrolar ali o que eu preciso. Se me colocarem para conversar com gari, eu também vou saber conversar com ele eu vou saber desenrolar*”. A esta característica ela deu o nome de “*habilidade camaleão, ela se molda ao local*”.

Das atividades que mais gosta mencionou ter contato com pessoas, conhecer gente, e poder ajudar. Depois contou sobre o negócio que teve:

E até de empreendedorismo, o que eu tinha era um atacado de roupa infantil eu tava em [cidade do interior] casada e tal eu ganhei o neném. Eu sempre trabalhei fora. Eu pensei cara, e agora o que é que eu vou fazer da minha vida, eu vou só cuidar de criança? E comecei do nada, falei não, e vi que roupa de criança era caríssima e comecei a ver aquilo e tal. E daí comecei a pesquisar e vi que tinha um atacado em São Paulo. E eu falei mas se o povo... daí eu não comprei do atacado porque eu pensei cara o povo vende por esse valor, eles compram mais barato direto da fábrica. O que que eu fiz? Entrei na internet em dois minutos eu fiz um MEI [microempreendedor individual] e comecei a comprar direto das fábricas. E daí vim para Curitiba, e nesse meio tempo eu me separei. A separação foi bem dura e foi ali que eu pensei, agora é eu por eu, e eu pelos meus filhos e comecei. Trabalhava de segunda a segunda, de manhã até a noite, porque eu não estudava nessa época né... eu tinha um bebê de dez meses que eu amamentava, então eu corria pra loja, atendia as clientes, e o meu filho que na época ele devia ter uns dezoito anos, ele ficava com a minha pequena. então eu atendia na loja, eu voltava, dava de mamar, corria pra lá de novo, e foi assim. (Maria Francisca, 2023)

Quando perguntado sobre o que é ser empreendedora, além da própria experiência, ela recordou de outras mães solo, muitas que tentam fazer bolo de pote ou tentam fazer alguma coisa de casa. Ela entende que é muito difícil porque “*qualquer coisa é muito difícil quando você tem uma criança ali junto*”. E quanto ao comportamento de uma empreendedora disse que “*não é fácil, mas a empreendedora ela vê saída onde ninguém mais vê nada; empreendedora ela vai, ah, não deu desse jeito, ela tenta de outro jeito, não deu do outro jeito, ela tenta de outro, e assim vai*”. Diante disso foi perguntado se ela se via dessa forma e ela assentiu, justificando que na pandemia havia dificuldade no setor de vendas, e na loja dela fazia-se fila de gente para entrar:

é inexplicável aquilo que acontecia... inexplicável assim, pandemia, e o povo fazer um fila para entrar. Porque, lógico, produto era de qualidade? era, eu vendia o preço muito menor do que nas lojas, no Shopping, como era

roupa de marca para criança. E então o povo ia atrás, não tinha o que fazer. Eu atendia sábado, domingo, feriado. Eu tava na fase o que me dar dinheiro eu tô indo. Então eles ligavam marcando horário, aí sábado, é domingo, eu ia. Não tinha problema nenhum. (Maria Francisca, 2023)

Maria Francisca afirmou que consegue se imaginar novamente dona de um negócio próprio, mas que a intenção agora é ter um escritório de advocacia, e trabalhar direito eleitoral. Ela percebe que diversas campanhas políticas ficam com pendências na justiça eleitoral por falta de assessoramento, há uma escassez de profissionais qualificados nessa área, e ela poderia dar a assessoria nessa parte burocrática da campanha de políticos. *“Então não adianta você querer fazer o que todo mundo tá fazendo né o empreendedorismo já tem isso você tem que ter um diferencial para você empreender se você fizer igual a todo mundo você só vai ser mais um”*. Ela acredita que esse negócio poderia gerar bastante renda.

Ela não recordou de alguém da família que tenha empresa ou que é dona do próprio negócio. Quanto a apoio para empreender, ela diz que a família apoiaria, até porque ela já teve negócio e deu certo.

Uma mulher que Maria Francisca admira é a Michelle Obama porque tem um poder de persuasão muito forte. E na área do empreendedorismo, a mulher inspiradora lembrada se chama Sabrina, a qual era camelô e hoje tem grandes magazines.

#### 4.2.4 Maria Valentina

Sendo uma mulher bastante forte, e que enfrentou muitas dificuldades na vida para conseguir trabalhar e criar os filhos, pareceu bastante apropriado chamá-la de Maria Valentina, pela coragem e valentia que a caracterizam. Aos 58 anos, mãe de 3 filhos (36, 33 e 22 anos), atualmente aposentada na carreira militar, ela continua solteira depois do término da relação estável com o pai dos filhos.

A carreira no serviço público foi o primeiro e único emprego fixo. Complementou que chegou a fazer algum trabalho de casa, mas não que chegasse a gerar retorno financeiro. A pergunta sobre o apoio na criação dos filhos já não se aplica mais, tendo em vista que são adultos e ela tem a renda da aposentadoria, mas complementou que quando os filhos eram pequenos não tinha muita ajuda.

Para contar a história de vida como se fosse um filme ou um livro, ela buscou a referência de alguns gêneros que poderiam ilustrar a trajetória:

é difícil de achar a palavra para encaixar nisso tudo, mas seria um pouco de drama né? Porque a minha vida foi bastante dramática. Foi bastante assim sofrida. mas tem também aventura. O que mais que eu posso te dizer? É, seria uma aventura, com drama, romance, e tudo junto. (Maria Valentina, 2023)

Os eventos mais marcantes lembrados por ela foram o nascimento dos filhos, e quando começou a trabalhar: *‘foi muito gratificante para mim sabe? Foi muito bom’*. Quanto ao nascimento dos filhos, justificou que foi uma transformação, trouxe mais maturidade, mais responsabilidade, mais cuidado, mais amor.

Maria Valentina se definiu como uma mulher batalhadora, guerreira, *“fui uma mulher forte, fui não, eu sou, né?”*. Complementou ainda com uma mulher determinada, persistente, perfeccionista, uma lutadora e vencedora: *“porque eu venci muitas lutas, muitas lutas vencidas”*.

Ela contou que os momentos de sofrimento pelos quais passou e de muita pressão, aos quais não cedeu, e persistiu na profissão. Que a pressão relatada foi do ex-companheiro no sentido de ter que escolher entre a relação e a profissão, *“ou você faz isso ou você faz aquilo”*, e ela disse não à imposição:

eu continuo no caminho que eu quero, porque era uma coisa que eu tinha sonhado muito. O meu salário, eu era uma pessoa independente. Apesar de ter um companheiro, mas eu tinha a minha independência. Então eu não cedia às ameaças dele: *“você deixa o seu trabalho”*, ele usava outras palavras, né? *“ou você fica comigo ou você larga essa merda dessa farda”*. E eu falava não, eu quero o meu trabalho porque é dele que eu sobrevivo, não dependia do dinheiro dele [ex] sabe? Então eu acho que pela minha determinação, né? Me defino assim. Pela minha determinação é que eu me considero guerreira e forte. (Maria Valentina, 2023).

Sobre a forma como os outros a veem, ela disse não saber, que antes dava muita importância para o que as pessoas iam pensar dela, sobre determinadas atitudes que ela tinha; mas que hoje não pensa mais assim e não se preocupa com a opinião dos outros. E ao ser complementada a questão, perguntado o que ela acha que os outros esperam dela, ela diz que acredita que foi um exemplo para a família e para os sobrinhos, porque estão seguindo a mesma carreira que ela. Por isso sente que algumas pessoas da família tem orgulho dela, do que foi profissionalmente falando. Além disso, citou os filhos, que eles também sentem orgulho por tudo que ela pode passar para eles, como o caráter.

Como expectativas e sonhos que tinha para a vida adulta, recordou a aspiração pela carreira profissional trilhada:

eu lembro quando eu era menina, mocinha, eu gostava muito de farda eu não tinha contato com ninguém fardado. Mas eu falava para minha mãe eu queria ter nascido homem para poder ir para o exército. Eu falava para minha mãe assim, sabe? Então era isso ou era a parte de saúde que eu queria, depois eu queria ser enfermeira. No entanto que eu trabalhei 23 anos no hospital, porque eu fui para lá para fazer curso de enfermagem e não deu certo. Depois eu ganhei um segundo curso de enfermagem e eu engravidei de novo e não pude fazer. Eu acho que não era para ser, sabe? (Maria Valentina, 2023)

Ao ser perguntado se tem novos sonhos hoje, eu respondeu positivamente que nunca parou de sonhar, que costuma falar aos filhos que ainda quer fazer uma faculdade, quer voltar a estudar. Ela só não conseguiu definir ainda o quê faria, porque na área da enfermagem já pensou em fazer curso técnico, mas que também pensou em fotografia ou mesmo gastronomia, porque são coisas que gosta bastante de fazer.

Aproveitando o tema, ela foi indagado sobre as habilidades que possui, ou o que sabe fazer bem. A resposta foi plural, pois ela se considera eclética:

gosto de várias coisas, eu gosto de artes, artesanato, enfim, eu gosto de fazer trabalhos manuais. Eu gosto de fazer pintura em tela a óleo, eu gosto de pintar tecido, eu gosto de fazer tricô. Só que tem época, assim, o tricô e o crochê é pouco. Gosto de dançar, sabe. Mas se eu fosse ter um negócio eu já pensei em abrir assim alguma coisa gastronômica ou um barzinho, sabe? Se eu tivesse que abrir alguma coisa seria nessa área aí.

As habilidades de pintar e cozinhar são reforçadas também pelo que os outros dizem que ela sabe fazer bem. Dizem que *“eu pinto muito bem que eu tenho o dom de pintura, da arte, (...) e a minha comida que todo mundo gosta”*.

Para Maria Valentina, ser empreendedora é alguém que abriu um negócio, uma porta, uma empresa, ou outro coisa nesse sentido que gerasse lucro. Quanto a questão de se ver como uma empreendedora, ela inicialmente disse não saber porque até gosta de trabalhar nessa área de vendas, entretanto não gosta de fazer cobranças:

para eu empreender em alguma coisa, teria alguém para fazer a cobrança, trabalhar comigo, porque se fosse para vender a prazo, eu não sei cobrar eu não sei chegar e cobrar sabe como? então teria que ser alguma coisa que fosse assim tipo à vista que tivesse um processo que não tivesse que ir cobrar diretamente da pessoa. Mas até me veria assim como empreendedora. (Maria Valentina, 2023)

Depois disso afirmou que consegue se ver como uma empreendedora e como dona do próprio negócio, talvez na área da gastronomia, e que consegue se ver gerando renda através dele caso fosse algo bem estudado, porque “a parte de gastronomia hoje em dia ela dá lucro, porque é uma coisa que as pessoas procuram. Então se fosse para empreender seria uma coisa que eu tivesse certeza, porque eu penso muito antes de fazer alguma coisa”. Ela disse que pensaria muito se o empreendimento iria efetivamente gerar lucro e não apenas muito trabalho: *“porque tudo lógico que vai ter que ter um esforço. Que nada vem fácil.”*

Como empreendedores na família ela recordou de um sobrinho, o qual trabalhava com a parte de segurança, empresa de vigilância; uma sobrinha que agora é técnica em enfermagem, mas que também tem uma empresa de segurança e vive dessa fonte de renda. E a irmã da entrevistada, a qual é confeitadeira, trabalha sozinha, então não é um negócio grande, mas que permite que consiga o dinheiro suficiente para sobreviver.

Caso abrisse o negócio, Maria Valentina acredita que não haveria limite de até onde chegar. O início do sonho seria conseguir algum lucro, mas que é possível ampliar o negócio e prosperar se trabalhar bem, se tiver qualidade e conseguir bons resultados. Sobre o sentimento que despertaria com essa realização, ela mencionou que *“ficaria bastante feliz se eu conseguisse sabe abrir algum negócio, (...) eu acho que eu ia me sentir mais poderosa, mais empoderada”*. Ela também acredita que teria suporte da família para empreender, principalmente dos filhos.

Num primeiro momento ela não recordou alguma mulher em específico que mudou de condição pelo próprio trabalho/esforço. Mas quando direcionado se recordava de alguma mulher que se destacou nos negócios dela lembrou do nome de uma pessoa que admira, uma amiga de profissão que falava em abrir um salão, e hoje, que está aposentada, tem um salão, então a admira pela persistência. Sobre as áreas de interesse para empreender reforçou a gastronomia e a fotografia, mas lembrou que já foi manicure e cortava o cabelo dos filhos, porém nunca ganhou dinheiro com isso.

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo os resultados apresentados anteriormente de forma individualizada serão aproximados, de forma a permitir comparações e diferenciações. Para tentar facilitar o processo, os dados serão agrupados em algumas categorias de análise. Por se tratar de pesquisa qualitativa, não se buscam regularidades estatísticas, mas sim regularidades analíticas (categorias).

### 5.1 CARACTERIZAÇÃO DAS RESPONDENTES

A primeira parte do roteiro de entrevista foi composto por perguntas mais objetivas sobre a idade, estado civil, trabalho atual e anteriores das participantes, e caso possuísse companheiro ou ex-companheiro, a profissão dele. Também foi feito um levantamento sobre a existência de filhos, quantidade, idade, e se a mulher dispunha de auxílio nos cuidados com os filhos, de modo a permitir que ela desempenhasse alguma atividade profissional.

Os resultados foram de que as participantes são mulheres jovens, 6 delas na idade entre 30 e 39 anos, e outras duas com 56 e 58 anos. Este perfil etário é condizente ao apontado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública no estudo que engloba mulheres de todo o país (FBSP, 2021). Os municípios de residência informados foram São José dos Pinhais, Piraquara, Curitiba e Pinhais. Quanto ao estado civil, quatro informaram estar separadas legalmente ou fisicamente, duas delas disseram já estar em uma nova relação estável, e duas disseram ser viúvas. As duas mulheres que já estão em nova relação fazem parte do grupo que tem dependência financeira.

Seis delas informaram longo período de permanência na relação abusiva, 11, 14, 15, 17, 18 e 22 anos. As duas com menor tempo são a que é empreendedora atualmente e a que já foi dona de negócio, com 8 meses e 5 anos, respectivamente, de relação com o agressor. Esse achado, pelo menos nesse momento, reflete apenas uma característica do grupo participante, não podendo ser motivo de generalização. Mas pode auxiliar na construção de um indicador para avaliação da dependência da mulher, seja emocional ou financeira, e a capacidade de quebrar o ciclo da violência. De qualquer forma o tempo de permanência mostra como é difícil sair da relação abusiva.

A classe social e perfil financeiro das participantes foram variados, o que colabora na compreensão de que todas as mulheres estão expostas. Desde donas de casa (humildes ou não), até empresárias e funcionárias públicas foram vítimas de violência doméstica.

## 5.2 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE DAS MARIAS

A forma como cada umas das Marias contou a própria história e os eventos que mais foram marcantes para elas e que permitiram a elas serem as mulheres que se tornaram e se reconhecem hoje, foi bastante importante para a compreensão da subjetividade delas. Através de algumas frases, palavras, e até mesmo sentimentos expressados, foi possível compreender se elas se percebem como indivíduos fortes, capazes, seguros de si ou o contrário. Desta forma, serão resgatados aqui alguns dos trechos de maior destaque.

O papel de mãe apareceu de forma muito significativa em todas as entrevistas. Os filhos passaram a ser tidos como prioridade para as mulheres e fizeram parte dos seus dilemas internos como um dos fatores mais relevantes quando avaliavam se deveriam ou não permanecer na relação.

O “ser mãe” teve prioridade em relação ao “ser mulher”. Inclusive muitos sonhos pessoais das mulheres foram substituídos por outros que incluíam “*dar bom estudo*” e “*um bom futuro*” para a prole. Também foi possível perceber que a mulher sentiu-se mais segura para desempenhar alguma atividade profissional quando percebia uma estrutura familiar de apoio para ajudá-la nos cuidados e na criação dos filhos.

Nas entrevistas realizadas foi possível perceber que o papel de mãe é a forma como as Marias que possuíam dependência financeira mais se percebiam a partir dos outros. Elas até usaram expressões como “guerreira” para se definirem, mas não sentem que os outros as veem dessa forma. Chamou a atenção também na fala da Maria do Socorro que ela não conseguia se autodefinir e nem tinha noção do que os outros pensavam sobre ela porque sentia que o agressor promoveu um afastamento entre ela e as outras pessoas; e ela ficava quase sempre em casa com as crianças: “*eu nem tenho essa perspectiva do que eles acham porque teve afastamento*”. Ou seja, apesar de ser um caso em que não houve agressão física

contra ela, o prejuízo para a socialização e significação dos outros na construção da própria identidade ficou evidente.

Diferentemente, entre as Marias que não possuíam dependência financeira (poderia haver dependência emocional ou outro motivo para permanência na relação), foi possível perceber a incorporação de elementos e características do papel enquanto profissional na identidade construída. Entre os termos citados encontramos “*boa profissional*”, “*boa empreendedora*”, “*estudante*” e “*futura advogada*” e “*trabalhadora*”. O papel de mãe também se fez presente, mas elas não se veem apenas nesse lugar, ou papel social.

Também foi possível perceber que entre as mulheres entrevistadas, as que pertenciam ao grupo com dependência financeira citaram uma quantidade menor de características, ou se autodefiniram de forma menos abrangente. Já as mulheres do grupo sem dependência financeira conseguiram apontar uma variedade maior e mais abrangente de termos que as definiam. Houve, em duas delas, aparentemente uma postura despreocupada em relação à visão dos outros sobre elas, porém, mesmo assim, em outro momento da entrevista, revelaram alguma percepção a partir do que escutaram dos outros. Bem diferente da entrevistada Maria do Socorro, dependente no aspecto financeiro, a qual nem sabia dizer o que os outros pensavam sobre ela porque o convívio social lhe foi tomado.

Essas características percebidas e autodefinição em relação aos papéis sociais desempenhados estão resumidos no Quadro 4, a seguir:

QUADRO 4 - SÍNTESE DOS TERMOS QUE CARACTERIZAM A IDENTIDADE SOCIALMENTE CONSTRUÍDA DAS MARIAS

Grupo	Marias	Identidade construída/Autodefinição	
		A partir de si mesma; Como se vê/características que diz possuir.	A partir dos outros; Como acredita ser percebida pelos outros.
Dependente Financeiramente	Maria das Dores	Guerreira	Boa mulher e boa mãe
	Maria Esperança	Guerreira	Mãe protetora e cuidadora
	Maria do Céu	Serva de Deus	Carinhosa e paciente com quem cuida
	Maria do Socorro	“ <i>Nem sei quem sou</i> ”	Não sabe (pela falta de convívio)
Independente Financeiramente	Maria Vitória (empreendedora)	Acelerada, correta, pragmática (não gosta de perder tempo), boa mãe, boa empreendedora, boa profissional, cuidadosa com o corpo e com alimentação.	Não sabe (não se importa). Mas disse ser um exemplo para colegas.
	Maria Amélia	Batalhadora, decidida.	Trabalhadora, batalhadora, alegre, humana e muito coração.

	Maria Francisca (empreendedora)	Mãe, estudante, futura advogada, mulher, determinada, alegre, alto astral, amiga, empática.	Forte (mas que eles não percebem que ela é frágil também).
	Maria Valentina	Batalhadora, guerreira, forte, determinada, persistente, perfeccionista, lutadora, vencedora.	Não se importa. Mas mencionou ser vista como boa cozinheira e que tem dom par arte.

Fonte: o autor (2023)

Esses achados parecem corroborar com o estudo de Cramer *et al.* (2012), o qual apontou que fato da mulher ser uma empresária impactou na imagem que os filhos tinham dela, conseguindo percebê-la não só como mãe, mas também representação social que possuía como a de uma profissional. Se separarmos as duas empreendedoras no grupo das que não possuíam dependência financeira (Maria Vitória e Maria Francisca), percebemos que, coincidentemente ou não, são as únicas que apontaram os aspectos profissionais na forma como se identificam. A Maria Amélia apontou uma característica também (trabalhadora), mas a partir do que os outros lhe transmitiam a seu respeito.

É possível ainda fazer outra relação com os achados de Cramer *et al.* (2012), os quais apontaram que a atividade desempenhada por mulheres empresárias contribuiu para a mudança nos papéis que a mulher desempenha na estrutura familiar, fazendo com que o homem participasse mais da criação e educação dos filhos. Podemos inferir que, com base nas entrevistas, se a mulher constrói a sua identidade limitada no papel de mãe e dona de casa, há uma chance maior do companheiro também limitar o papel dela nesse lugar, e contribuir menos nas tarefas do lar e cuidados com os filhos. Nesse sentido podemos apontar que a única entrevistada que mencionou que o ex-marido, e pai da filha, podia ser considerado como apoio na criação dos filhos foi a Maria Vitória (independente financeiramente e empreendedora). Já o ex-marido de Maria do Socorro a acusava de ser a responsável pelo mau comportamento dos filhos, já que ela ficava em casa cuidando deles enquanto ele trabalhava fora.

Ainda no aspecto da importância do papel desempenhado enquanto uma profissional, chamou a atenção na fala de Maria Valentina, o que muitas mulheres vítimas de relações abusivas escutam Brasil à fora, muitas vezes por um ciúme doentio: “*ou você fica comigo ou com o seu trabalho*”. No caso dela a profissão lhe

dava a sensação de independência: “e eu falava não, eu quero o meu trabalho porque é dele que eu sobrevivo, não dependia do dinheiro dele”

Para as Marias independentes no aspecto financeiro, as conquistas profissionais foram motivo de orgulho e de maior significação da representação social do seu papel no trabalho enquanto alguém que é exemplo para os outros:

eu penso assim que eu fui um exemplo né, com a família, com os sobrinhos. É que estão seguindo também a mesma carreira que eu tive. Então eu sinto que algumas pessoas da família tem orgulho de mim, do que eu fui profissionalmente falando. Então eles têm orgulho de mim e claro que isso me faz bem. E os filhos também claro, né? Que tem orgulho daquilo que eu fui e que eu pude passar para eles. (Maria Valentina, 2023)

(...) eu gosto de ser uma boa empreendedora, eu gosto de ser uma boa policial, e eu também gosto de fazer academia. Gosto de cuidar do meu corpo, gosto de cuidar da minha alimentação. (...) os meninos que trabalharam comigo, todos eles por algum motivo ou outro eles começaram a mudar. Vou dar um exemplo pequeno, eu trabalhava com o menino que ele não tomava água, aí eu levava já de cara 3 litros de água para tomar quando trabalhava. Daí ele falou nossa! [Ela respondeu] Você tem que tomar água porque eu vou querer ir no banheiro cada pouco, e se você não tomar água você vai começar a reclamar porque eu tomei. E é importante você tomar água! Daí ele começou a tomar água. Aí ele vendo como eu comia e como eu levava as minhas marmitas ele começou a comer direito também. Aí agora ele emagreceu, e ele falou olha [Maria Vitória] como eu tô emagrecendo, olha aqui ó... Eu me tornei uma referência para alguns colegas de trabalho... olha [Maria Vitória] eu tô emagrecendo, eu tomo água... Eu falo, legal, né? Exemplos arrastam. (Maria Vitória, 2023)

No primeiro relato se percebe o significado dado à profissão, como além de algo que lhe proporcionou renda e independência, mas também o reconhecimento social e familiar. No segundo relato, o ambiente de trabalho deu a oportunidade para que suas qualidades pessoais fossem observadas, copiadas, o que também contribuiu para uma melhora na autoimagem e autoestima.

A diferença percebida nos relatos das Marias com e sem dependência financeira são coerentes com a posição socialmente construída da mulher, enquanto cuidado do lar, apontada por Peinado e Peitean (2019). Por não terem autonomia financeira e limitarem o seu papel social no contexto doméstico, as Marias com dependência financeira reforçam a posição de maior poder e dominação masculina, e encontram maior dificuldade para se afastar dos agressores.

No caso da Maria do Socorro, percebe-se relação com o apontamento de Cheron e Severo (2010). O fato de haver a dependência econômica e forte divisão de papéis entre ele, o provedor, e ela, a responsável pela esfera doméstica,

contribuiu para que a violência praticada por ele se tornasse invisível, até mesmo por controlar o convívio social dela com familiares e amigos.

A existência de violência doméstica nas histórias das Marias sem dependência financeira pode ser explicada pelo que foi mencionado por Vyas *et al.*, (2015). Mulheres ganhando dinheiro, no caso da Maria Amélia chegando a sustentar o agressor por certo tempo, pode ser um fator que desafia as relações assimétricas de poder estabelecidas numa sociedade machista, e o homem-agressor usa da violência para retomar sua posição de domínio.

### 5.3 PERCEPÇÕES SOBRE O EMPREENDEDORISMO

Para as análises deste bloco foram utilizadas as respostas às perguntas da Parte 3 do roteiro de entrevistas, para identificar se as participantes sabem algo sobre o que é empreender e se conseguem se perceber como capazes de empreender. Além disso, as perguntas permitiam que elas refletissem sobre as próprias habilidades e potencial empreendedor.

Pelo que se pode perceber nas falas, de um modo geral todas as entrevistadas tem alguma noção sobre o que é empreender. A única a apresentar dificuldades em definir uma mulher empreendedora foi a Maria do Socorro. A identificação como uma mulher que pode ser empreendedora apareceu nos dois grupos, porém a falta de identificação foi presente apenas no grupo que possuía dependência financeira, nas falas da Maria das Dores e da Maria do Socorro.

Sobre os sentimentos que elas imaginaram sentir caso conseguissem atingir o objetivo com o negócio idealizado, todas apresentaram sentimentos positivos. Chamou a atenção que no grupo com dependência financeira, duas respondentes mencionariam que sentiriam “liberdade”, Maria do Céu e Maria do Socorro. Isto pode ter correspondência com o fato de se sentirem “presas” por depender financeiramente do agressor.

No Quadro 5 apresentamos uma síntese dos achados nas falas sobre as questões que objetivavam avaliar a identidade empreendedora nas respondentes:

QUADRO 5 - SÍNTESE DOS TERMOS QUE CARACTERIZAM A IDENTIDADE EMPREENDEDORA

Grupo	Marias	Identidade empreendedora		
		O que é, características e comportamento de uma empreendedora	Identificação como empreendedora	Sentimento se conseguisse abrir um negócio
Dependente Financeiramente	Maria das Dores	“ser cabeça para o que for fazer”.	Já tentou, mas nunca teve força.	Realizada, ser exemplo.
	Maria Esperança	comunicativa, respeitar as pessoas independente de cor, independente de padrão	Acha que sim (se identifica como comunicativa)	Gratidão e realização, “consegui”.
	Maria do Céu	“é investir para benefícios financeiros”. Não faz ideia de características, nem comportamentos.	Sim, mas acredita que a coragem e a garra.	Feliz e realizada, com liberdade financeira.
	Maria do Socorro	“não me vem nada na cabeça... minha cabeça está vazia” sobre o que é e comportamento. Características: foco, determinação, responsabilidade.	Não, tem insegurança de tudo e pensamento de fracasso.	Liberdade e segurança financeira, satisfação e gratidão.
Independente Financeiramente	Maria Vitória	“tem que saber administrar o negócio, ter vontade, não ter preguiça de trabalhar porque exige muito tempo, muita dedicação e muita administração, seja de tempo ou financeiramente”. Estar atenta com o que tá acontecendo no mercado.	Sim, já é empreendedora.	Utilidade.
	Maria Amélia	Ser inovadora, ter empatia, saber ouvir.	Sim.	Realização e felicidade.
	Maria Francisca	“ela vê saída onde ninguém mais vê nada; empreendedora ela vai, não deu desse jeito, ela tenta de outro jeito, não deu do outro jeito, ela tenta de outro, e assim vai”.	Sim, já foi empreendedora.	Pergunta não foi feita.
	Maria Valentina	“alguém que abriu um negócio, uma porta, uma empresa, ou outro coisa nesse sentido que gerasse lucro”	Sim, mas não sabe cobrar.	Felicidade. Sentir-se poderosa, empoderada.

Fonte: o autor (2023)

O fato de haver mulher empreendedora entre as vítimas entrevistadas mostra que nenhuma mulher está totalmente segura. A violência doméstica atinge todas as classes sociais e todos os perfis. O contraste apresentado entre os perfis das respondentes foi interessante para reforçar a tese de que ela não tem controle sobre o comportamento do agressor. Seja ela dependente ou independente, somente o próprio comportamento está sob o controle da mulher.

Destaca-se a fala de “não ter força para empreender” (Maria da Dores) e a de “ter insegurança de tudo” e do “pensamento de fracasso” (Maria do Socorro) como graves consequências para a subjetividade da mulher após ter sido vítima de violência doméstica. Além de toda a carga negativa destes sentimentos, ainda é possível inferir que o fato da mulher conseguir se imaginar como uma

empreendedora não garante que ela realmente será, mas se ela não consegue se imaginar, é porque não vai ser mesmo.

Nestes casos, para que ela possa mudar essa percepção, faz-se necessário primeiramente trabalhar a subjetividade da mulher, fortalecer a sua autoestima. Primeiro precisa aprender a ser, para depois aprender a fazer empreendedorismo. E o empreendedorismo aparece como um caminho para sair da relação abusiva e gerar renda.

Esses achados corroboram com o estudo de Shahriara e Shepherd (2019), no qual constaram que mulheres em situação de violência doméstica (VD) são menos propensas a empreender. Eles também relacionam a diminuição do potencial empreendedor ao medo do fracasso e à redução da autoeficácia empreendedora percebidos nas mulheres vítimas de VD. No caso desta pesquisa a variável medo do fracasso também apareceu como relevante. Ainda foi possível confirmar o argumento de Shahriara e Shepherd (2019) no caso de Maria do Socorro, no sentido que de havendo o isolamento social como forma de controle por parte do agressor, a mulher em situação de VD deixa de experimentar o *feedback* positivo e/ou incentivo de terceiros para empreender, o que diminuiu a crença na própria capacidade de abrir um negócio.

Como potencial empreendedor, foram avaliadas nas entrevistas a capacidade de reconhecer as próprias habilidades, a capacidade de se perceber capaz de abrir ou possuir o próprio negócio, e a capacidade de perceber as oportunidades de negócio. No geral, todas as respondentes apresentaram boa capacidade de perceber as próprias habilidades e como transformá-las em possíveis oportunidades de negócio.

O que aparece novamente, semelhante ao quadro anterior, é que uma das mulheres que não conseguem se imaginar como empreendedora, também não acredita ter capacidade para abrir um negócio, justamente pelo momento difícil que passa, o medo e a sensação de fracasso que sente. O quadro 6 apresenta uma síntese destes achados dentro das três capacidades incluídas no potencial empreendedor:

QUADRO 6 - SÍNTESE DOS TERMOS QUE CARACTERIZAM O POTENCIAL EMPREENDEDOR

Grupo	Marias	Potencial Empreendedor		
		Habilidades percebidas	Capacidade para abrir negócio	Oportunidades de negócio
Dependente Financeiramente	Maria das Dores	Fazer bolos, docinhos e salgadinhos; fazer unhas.	Sim. Mas não sentia apoio (do ex)	Gastronomia (confeitaria); Salão de beleza.
	Maria Esperança	Ser boa vendedora, boa cozinheira	Sim. Menciona apoio do esposo atual.	Loja de roupas.
	Maria do Céu	Cuidar das pessoas e animais, ler.	Sim, mas teve experiência frustrada, e falta dinheiro. Não tem apoio.	Setor primário: Criação de animais e hortifrutis.
	Maria do Socorro	Gestão financeira e trabalho administrativo.	Não percebe ter. Não teria apoio do ex, mas sim da família.	Salão.
Independente Financeiramente	Maria Vitória	Ser boa empreendedora, boa policial.	Sim, já é empreendedora. O ex apoia.	Distribuidora de bebida e loja de baterias.
	Maria Amélia	Se adaptar ao ambiente, a situação e ao perfil das pessoas. Trabalhar em equipe e a capacidade de organização, de organizar as coisas em planilhas, em pastas. Cozinhar	Sim, mas não tem o dinheiro necessário. Sente apoio só das irmãs. O ex era indiferente.	Terceiro setor (capacitação sobre autismo). Confeitaria ou café.
	Maria Francisca	Adaptabilidade, lidar com pessoas.	Sim, já foi empreendedora. Sente apoio familiar, não do ex.	Atacado de roupas infantis (já teve), escritório advocacia em direito eleitoral (desejo).
	Maria Valentina	Artes, artesanato, trabalhos manuais, pintura em tela a óleo, pintura em tecido, tricô, crochê. Cozinhar. Cortar cabelo e fazer unhas.	Sim. Sente apoio dos filhos.	Gastronomia/Bar.

Fonte: o autor (2023)

Mesmo dizendo se sentir capaz de abrir um negócio, a Maria das Dores apresentou um relato importante sobre como a relação abusiva interferiu no seu potencial empreendedor: *“quando eu tava com meu ex-companheiro que eu sofri as agressões, eu até planejava na frente da minha casa abrir uma lojinha pra mim. (...) Que seria pra fazer esse negócio de unha, assim, sabe? Mas ele me fez desacreditar desse sonho”*.

Avaliando os relatos e a forma como cada uma reagiu à violência sofrida, foi possível perceber que, quando decidiram romper a relação abusiva, quem tinha a própria fonte de renda conseguiu se sentir mais segura e confiante na capacidade de se sustentar. Quem dependia financeiramente aparentemente teve maior prejuízo à subjetividade, e a subjetividade ferida aparece como fator que gera maior dificuldade para ser empreendedora.

## 5.4 OBSERVAÇÕES SOBRE METODOLOGIA DO ENSINO DE EMPREENDEDORISMO

As informações a seguir foram obtidas a partir do quarto bloco de perguntas do roteiro de entrevista e têm por objetivo orientar a organização pedagógica do programa/curso de empreendedorismo.

### 5.4.1 Tecnologias e Metodologias

Todas as mulheres participantes possuem acesso à internet pelo menos por um aparelho de telefone celular, o que permite concluir que a realização do curso na modalidade à distância é possível. Computador foi mencionado por cinco delas. A realização de cursos à distância apareceu mais entre as Marias que não tem dependência financeira.

Com a exceção de uma Maria, que atualmente trabalha e faz faculdade, as demais mencionaram possuir tempo disponível para estudar ou fazer um novo curso sobre empreendedorismo. Quanto à preferência entre assistir aulas de forma presencial, assistir vídeoaulas, ou mesmo fazer leituras para estudar, as respostas foram bastante variadas. Percebeu-se que quando imaginavam fazer alguma tarefa mais prática a preferência era pelo ensino presencial. Quando mencionaram assistir vídeos, na maioria das vezes tratavam-se de vídeos curtos postados em redes sociais (duração de poucos minutos).

O Quadro 7 apresenta um resumo das respostas às questões que pretendiam esclarecer a viabilidade do uso do ensino à distância (ead) e da metodologia *microlearning*:

QUADRO 7 - RESUMO DAS RESPOSTAS SOBRE METODOLOGIAS PARA O ENSINO

Grupo	Marias	Dados para pensar a formatação do programa/curso				
		Curso ead	Tempo livre para estudo	Forma preferida para aprender	Hábito de assistir vídeos	Hábito de ouvir Rádio/podcast
Dependente Financeiramente	Maria das Dores	Nunca fez.	Tem tempo livre, mas está gestante	Depende. Receita prefere ler, decoração de unhas assiste vídeos.	Não tem hábito de ficar focada por muito tempo em vídeos.	Somente músicas.
	Maria Esperança	Nunca fez.	Tem tempo, uma manhã ou uma tarde.	"Depende. Eu acho que qualquer um [ler, assistir	Assiste sobre vendas. Duração de 1h.	Sim.

				vídeo ou aula presencial].		
	Maria do Céu	Nunca fez.	Tem todo tempo livre.	Leitura.	Às vezes assiste vídeos curtos	Não.
	Maria do Socorro	Já fez.	4h por dia.	Não especificou, mas mencionou que o ead é mais difícil para tirar dúvidas.	Assiste vídeos em redes sociais, que duram de 1 a 5min.	Já teve para estudar para concurso, mas não costuma mais.
Independente Financeiramente	Maria Vitória	Já fez.	2h diárias, 20h semanais.	Assistir e escrever.	Assiste vídeos de minutos/ segundos	Não.
	Maria Amélia	Já fez.	Não foi perguntado.	Aula presencial.	Não tem muita paciência. Assiste vídeos de 2min.	Só no carro.
	Maria Francisca	Já fez.	Não possui (já está estudando)	Aula presencial.	Assiste videoaulas, com cerca 1h de duração	Não.
	Maria Valentina	Nunca fez.	Tem tempo livre.	Depende. Acredita que aprende mais em sala de aula.	Assiste nas redes sociais. Não tem paciência para assistir mais de dois ou três minutos, a não ser que o assunto desperte muito interesse.	Gosta para ouvir música.

Fonte: o autor (2023)

#### 5.4.2 O teste com o uso do Storytelling - Histórias de empreendedoras de sucesso

Por fim, o último grupo de perguntas teve por objetivo saber se as mulheres entrevistadas já conheciam histórias de mulheres dos negócios e se elas já serviam de inspiração. Todas as participantes assistiram a pelo menos um dos vídeos curtos sobre mulheres empreendedoras de sucesso. Ao transmitir tais vídeos, procurou-se encaixar uma história semelhante à narrada pela entrevistada, ou que pelo menos se aproximasse com a área de negócios que ela possuía afinidade.

A experiência foi bastante positiva. Alguns trechos das entrevistas podem ilustrar a identificação provocada, e até mesmo, em muitos momentos, a emoção despertada:

Linda história... da primeira eu me identifiquei quando acabou o gás dela e ela pensou em comprar o gás ou fazer mais dinheiro né...já aconteceu isso comigo uma vez. Eu tinha uma cliente marcada e eu tava sem produto... aí eu tava sem produto e a minha neném estava sem leite. Ou eu comprava produto ou eu comprava o leite sabe? E tipo, foi numa fase bem difícil por causa que ela mamava muito. Aí eu pensei, eu vou comprar um produto, e aí com o dinheiro que entrar eu compro o leite. Só que não foi bem assim por causa que eu não tive que comprar [só] um produto, eu tive que comprar mais. E cada unha que eu fazia quando eu comecei a fazer naquele tempo era R\$ 70 que eu cobrava. Em um produto eu pagava 40 só que um produto dava pra fazer umas quatro ou cinco unhas. Então tipo, de 40 ia sobrar R\$ 30. Só que desses R\$ 30 eu precisava de um *PREP* que custava 25. Ia sobrar R\$ 5. Resumindo a história, aí que que eu fiz, foi bem naquela época que o leite tava quase

R\$ 10 a caixinha de leite, sabe? Aí eu falei bem assim, eu vou comprar os produtos seja o que Deus quiser, né? Aí comprei os produtos, fiz a unha da cliente. Aí em vez dela me dar R\$ 70, ela me deu 100. E daí eu falei que eu não tinha troco, que era para ela trocar, né? E daí ela falou que não tinha problema, que eu podia descontar da próxima unha. Então tipo, foi tudo por Deus assim, sabe? (Maria das Dores, 2023)

A Maria do Céu também conseguiu se identificar com a mulher empreendedora após assistir ao vídeo: *“me idêntico com a garra dela. Somos da roça, a luta é igual. Eu na colheita de café e cacau e banana”*. Já a Maria Amélia num primeiro momento, ao pensar no ramo de atividade de empreendedora, disse não ter se identificado com a personagem da história, mas depois de refletir disse que se identificava com a vontade que ela apresentou em ajudar os outros. Maria Vitória se identificou pelo fato da mulher do vídeo pensar na alimentação da filha, o que no caso dela, que é mãe de criança com transtorno do espectro autista, também é uma realidade: *“eu penso muito igual ela. Jamais deixaria a minha filha levar um lanche tão... daquela forma assim, muito industrializado, muita gordura, essas coisas não. Refrigerante, eu fico horrorizada de ver uma criança tomar refrigerante”*.

Maria Valentina se emocionou ao relatar como sua história era parecida com a da criadora da empresa Sodiê doces. Também a Maria Esperança demonstrou bastante empolgação após assistir ao vídeo:

Sim, me identifico sim. Nossa me identifico bastante! Porque lá na minha infância também trabalhei na roça, com a minha mãe. Minha mãe também, super pobre, ela criou a gente trabalhando na roça para os outros. Lavava roupa para os outros. Então trabalhava na roça capinando, matando porco, foi assim que ela criou a gente, eu e meus três irmãos. Então me identifiquei bastante com ela. Ela falou ali que a mãe dela era a terceira geração já que trabalhava na roça, cortava cana. Não foi tanto assim mas a gente também tinha bastante sofrimento, né? E por isso que quando eu consegui meu emprego eu fiquei muito feliz. Para mim foi muito gratificante, sabe? (Maria Valentina, 2023)

Nossa... eu já vi dessa marca. As camisas são lindas e vendo vídeo, a história, nossa meu Deus! Realmente deu muita vontade, a maior vontade ainda, aumentou, né? Porque nada é impossível. E observando a história eu acredito que ela foi uma mulher sábia, determinada, teve a família ao lado e não teve medo né medo de mudar medo de fazer né e eu acho que é isso foi uma mulher sábia, determinada, (Maria Esperança, 2023)

Além dela, outras Marias também mencionaram o possível fator essencial para o sucesso da empreendedora do vídeo: *“Para mim foi o foco e a determinação”* (Maria das Dores); *“persistência, dedicação, foco”* (Maria do Céu); *“porque ela foi lá na escola, viu as crianças levando um monte de comida nada a ver”* (Maria Vitória), ou seja, teve visão de uma nova oportunidade de negócio; *“foi a persistência dela,*

*porque ela teve dificuldade dois anos, ela não teve lucro nenhum, ainda dependia da mãe. Mas ela não desistiu do sonho dela, e ela pensou eu vou conseguir, vou dar tudo de mim, e conseguiu” (Maria Valentina). “Acho que o maior fator, essencial para o sucesso dela, acredito eu que foi determinação né? Ela foi uma mulher determinada” (Maria Esperança).*

Com isso, foi possível perceber que o vídeo narrando a história de uma mulher que teve sucesso nos negócios foi suficiente para que as entrevistadas refletissem e percebessem que o caminho para o sucesso é possível, assim como foi para a personagem. Elas conseguiram extrair uma lição positiva da trajetória de vida assistida.

E sobre sentir maior vontade de empreender após assistir ao vídeo, também foi possível extrair relatos que indicam um resultado positivo da metodologia em provocar motivação: *“Ah, me veio um milhão de ideias na cabeça. Meu Deus! Minha cabeça fica toda...” (Maria Vitória); “sim, me deu vontade de tipo exercer o que quero assim, sabe? De fazer unha ou focar nos doces. E me deu muito mais vontade. Acho que até fiquei eufórica assim” (Maria das Dores). “Reacendeu a chama que tinha em mim. Isso é empreendedor, eu via como forma de viver, ou sobreviver” (Maria do Céu). “Ah sim, é um tipo assim um empurrão né? A gente sente um cutucão assim ó, vai! Você sonha, vai que você consegue. (...). É uma história como essa com certeza te motiva a tentar” (Maria Valentina).*

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como etapa final deste trabalho, serão retomados neste capítulo os aspectos principais da trajetória de pesquisa, e daquilo que se extraiu da experiência de trabalhar com um tema tão complexo, profundo, e presente na realidade de grande parte das famílias brasileiras. Os objetivos traçados serão revisitados do ponto de vista daquilo que efetivamente foi possível concretizar. Serão suscitadas algumas contribuições teóricas e empíricas, limitações encontradas, e apontadas algumas recomendações para novas pesquisas.

O tema não foi a primeira ideia desenvolvida durante o programa de mestrado, mas surgiu de uma demanda profissional e da disponibilidade da orientadora deste acadêmico para auxiliar mulheres em situação de violência através de lições de empreendedorismo. Após a escolha do tema e do aprofundamento no referencial teórico houve muita mudança no aspecto profissional, como por exemplo passar a fazer parte da Câmara Técnica da Patrulha Maria da Penha da Polícia Militar do Paraná, e participar do processo de reformulação de protocolos de atuação e implantação das patrulhas Maria da Penha, num novo modelo de serviço, na capital, região metropolitana de Curitiba e litoral paranaense. Ainda, através de tudo isso foi possível uma maior aproximação e integração com diversas pessoas e instituições que fazem parte da rede de enfrentamento.

Como já exposto, o tema violência doméstica esteve presente na trajetória pessoal e profissional deste pesquisador. Revisitá-lo não foi uma tarefa fácil, mas com certeza foi um desafio muito recompensador, pois, além de estudar, refletir e discutir propostas que podem se tornar políticas públicas efetivas para o enfrentamento à violência de gênero, escrever e analisar os relatos coletados permitiu a sentir como se estivesse dando voz às mulheres que compartilharam sua dor, fé e esperança. Em especial, permitiu homenagear a primeira Maria, a que deu a vida e foi motivo de inspiração deste autor.

A presente pesquisa foi emocionante. Mexeu com as emoções das entrevistadas, das colegas entrevistadoras e também foi emocionante para o próprio pesquisador ao analisar os relatos nas gravações. Apareceu o riso, a lágrima, a lágrima contida e o choro. As histórias sensibilizaram e são apenas um pequeno retrato diante de tamanhas atrocidades que são cometidas contra as mulheres em nossa sociedade. Deveria haver uma condição de paridade nas relações de gênero,

mas foi possível perceber que o quadro ainda está muito longe disso. Essa percepção durante os relatos, somados aos dados apresentados como retrato da violência contra a mulher no Brasil dentro do referencial teórico serviram para verificar a situação atual das mulheres em situação de violência doméstica, que era o primeiro dos objetivos específicos da pesquisa.

Nenhuma das perguntas do roteiro de entrevista abordou diretamente o tema violência doméstica. Entretanto percebeu-se que no relato das mulheres o fenômeno apareceu espontaneamente em vários momentos, mostrando que ele foi extremamente significativo e marcante para a história de vida de cada uma e para a constituição da própria identidade e para o caráter subjetivo com que se percebem no mundo. Algumas das participantes, após deixarem a relação abusiva, conseguiram se perceber positivamente, reconhecendo-se como uma guerreira, mulher forte e batalhadora, por tudo o que passou. Mas também houve quem manteve o sentido negativo, sem nem ao menos saber dizer, por exemplo, quem ela era, ou por demonstrar sensação de fracasso, do medo, da fraqueza. Estas são as que permanecem com a subjetividade ferida. Com isso acredita-se que foi possível analisar os aspectos subjetivos do processo de constituição da identidade de mulheres em situação de violência doméstica, segundo objetivo específico de pesquisa.

A divisão das entrevistas em dois grupos permitiu constatar que o tempo de permanência na relação abusiva foi maior para as participantes que possuíam dependência financeira em relação ao agressor. Esse achado, entretanto reflete apenas uma característica do grupo participante da pesquisa, e não de todas as mulheres em situação de violência na região, até mesmo porque nas pesquisas qualitativas a preocupação não está na representatividade amostral. Mas esse dado pode auxiliar novas pesquisas na construção de um indicador para avaliação da dependência da mulher, seja ela emocional ou financeira, e a capacidade de romper com o ciclo da violência.

O terceiro objetivo específico estabelecido foi o de identificar os sentidos e significados atribuídos pelas participantes da pesquisa no processo de significação da atividade empreendedora e dos papéis sociais representados. Quanto aos papéis sociais desempenhados pelas mulheres participantes da pesquisa, houve destaque para o ser mãe. Principalmente nos relatos das mulheres com dependência financeira, percebeu-se um prejuízo na autoestima da mulher quando o agressor

ataca a atuação dela nesse papel. Quando havia esse tipo de violência moral e psicológica nas histórias das mulheres com dependência financeira, elas não experimentavam a compensação com reforço positivo em relação aos outros papéis sociais que poderiam exercer caso tivessem uma atividade profissional remunerada, como ocorria nos casos das mulheres independentes financeiramente.

Em relação aos sentidos e significados dados à atividade empreendedora, objetivo foi alcançado com o auxílio das perguntas que tratavam da percepção que as mulheres tinham sobre o que era ser uma empreendedora, se ela conseguia se perceber daquela forma, e o que os outros diziam que ela sabia fazer bem. Os resultados mostraram que as mulheres que não dependiam financeiramente, e que já haviam empreendido em algum momento tiveram mais facilidade para se perceber como alguém capaz de abrir um negócio e perceber que tinham características compatíveis com uma mulher empreendedora. Ou seja, se apropriaram daquelas características para a sua identidade e subjetividade.

Os achados desta pesquisa convergem com outros estudos no sentido de que mulheres que dependem financeiramente do agressor tem menor propensão a empreender. Também apareceu em comum com o estudo de Shahriara e Shepherd (2019) o medo do fracasso como fator de diminuição do potencial empreendedor relacionado à dependência financeira. Desta forma, também foi atingido o quarto objetivo específico estabelecido, que era o de comparar o medo do fracasso e o potencial para empreender percebido entre mulheres em situação de violência doméstica com e sem dependência financeira.

Ser empreendedora não livrou as mulheres de sofrerem violência doméstica, até mesmo porque ela não tem domínio sobre a ação do outro-agressor. Mas mudou a forma de enfrentar o problema. A mulher apenas tem o controle sobre o próprio comportamento, então a mudança no caso dela precisa ser interna, começar de dentro para fora. Percebendo que a mulher que depende financeiramente do agressor tem menos propensão a empreender, e com isso, tem mais dificuldade em se sentir capaz de gerar renda e deixar a situação de dependência, permite-nos inferir que, no lado oposto, a mulher que se identifica como empreendedora pode ser mais capaz para quebrar/romper o ciclo da violência.

O problema desta pesquisa foi definido com a questão: como subjetividade e a constituição da identidade de mulheres são afetadas pela vitimização por violência doméstica? E para se responder esta questão foi definido o objetivo geral da

pesquisa, que é o de analisar como a violência doméstica afeta a subjetividade e a constituição da identidade de mulheres em situação de violência.

Como resposta foi possível perceber que a agressão física é só uma face aparente do abuso e da violência. Mas existe uma outra face que fere a subjetividade e a identidade da mulher e causa maior dificuldade para empreender. Esta face também precisa ser mostrada e a ferida precisa ser tratada. Precisa ser recuperada a sensação de ser capaz. A marca e a dor de um olho roxo passa, mas a consequência para a subjetividade e identidade da mulher fere mais e é muito mais permanente. Ela fica por mais tempo ali, machucando, e colabora com a permanência no ciclo.

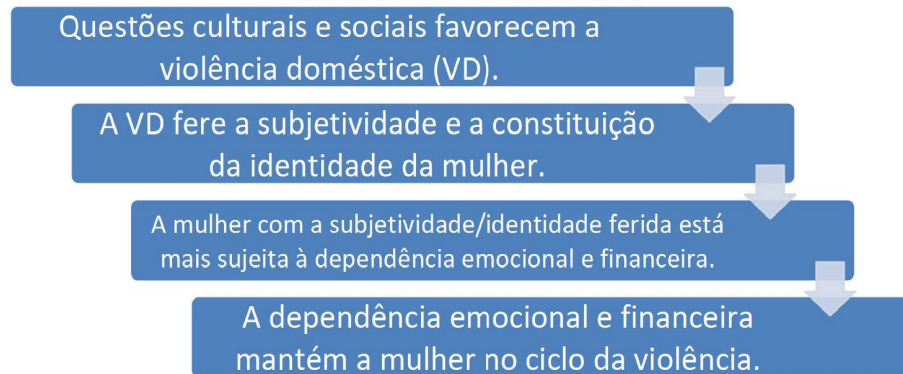
A subjetividade ferida se demonstrou pelo sentimentos de culpa, medo, dependência, insegurança, pelo desgosto da vida (um dos relatos chegou a mencionar tentativa de suicídio), e a sensação de estar sozinha (isolamento, solidão) e não ter força ou coragem. A identidade da mulher foi atingida pela violência quando ela não conseguia se perceber alguém capaz de empreender, ou seja, capaz de abrir um negócio e gerar renda através dele; ou porque ela não conseguia reconhecer nela as características de uma mulher empreendedora. O que mais chamou a atenção foi um dos relatos em que a Maria nem sabia dizer quem ela era, um prejuízo claro na percepção da própria identidade, do ser.

A quebra do ciclo de violência e o rompimento da relação abusiva são tão difíceis que as mulheres podem permanecer por anos em relações abusivas. Colabora com isso o fato da nossa sociedade ser muito tolerante com os abusos. Por exemplo num dos casos relatados, no qual a mãe devolveu a própria filha (Maria das Dores) para as garras do agressor, em benefício de um filho homem que ocuparia aquele espaço na casa.

Na figura 9 é esboçada uma síntese do que se percebeu com a pesquisa, o que pode ser um ensaio para uma futura tese. Sabe-se do contexto social e cultural que mantém o gênero feminino em relações assimétricas de poder, ou seja, numa condição de desequilíbrio com o gênero masculino, o que favorece a ocorrência do fenômeno da violência doméstica (VD). Com os achados desta pesquisa pudemos concluir que a VD afeta negativamente a subjetividade e a constituição da identidade da mulher. Em consequência disso, a mulher em situação de violência se torna mais suscetível à se tornar dependente do agressor, seja financeira, seja emocionalmente, ou mesmo ambas. Por fim, essa dependência contribui para que a mulher

permaneça na relação abusiva, o que se caracteriza com a manutenção do ciclo da violência.

FIGURA 9 - RELAÇÃO PERCEBIDA ENTRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E DEPENDÊNCIA EMOCIONAL E FINANCEIRA:



Fonte: Os autores (Amaral e Fernandes, 2023).

A permanência da manutenção da mulher no ciclo de violência traz consequências inclusive na atividade policial. A Polícia Militar poderia estar prevenindo outros crimes, mas acaba atendendo diversos casos de reincidência. A dificuldade da sociedade em resolver o problema ocasiona retrabalho para as Polícias Militares, Polícias Civas e Guardas Municipais.

Diante disso, além da contribuição teórica apresentada, esta pesquisa tem contribuição social na medida que propõe programas de ensino de empreendedorismo como alternativa para o enfrentamento da violência doméstica, uma vez que pode permitir a geração da própria renda e melhora da autoestima da mulher. Mas não basta ensinar a administrar uma empresa, é necessário ensinar a ser empreendedora para que a mudança comece internamente, na subjetividade ferida da mulher, e lhe devolva a confiança e segurança que lhe foram tomadas.

Como contribuição deste estudo pode ser destacada a visibilidade para as histórias, que são comuns a milhares de brasileiras. Foi possível, ao contá-las, perceber similaridades e entender mais sobre a identidade e subjetividade da mulher enquanto na condição de vítima de violência doméstica e apontar um caminho para ajudá-las através do empreendedorismo.

Outra contribuição foi testar as técnicas de ensino ou metodologias de *storytelling* e *microlearning*. Ao assistirem o vídeo e serem perguntadas sobre as sensações, as participantes relataram sentir identificação com as histórias contadas na maioria dos casos, e puderam visitar ou despertar novos sonhos em relação a abertura de um negócio e geração de renda para terem liberdade financeira.

Como limitações desta pesquisa pode ser apontada a não realização do programa/curso de empreendedorismo, o que faz ser necessária a continuidade do trabalho em pesquisas futuras para realizar efetivamente uma intervenção, testar a proposta e poder apontar os resultados da ação educacional no grupo de mulheres.

Quanto a sugestões para estudos futuros, pode ser apontado um necessário de avanço na discussão sobre os conteúdos que precisariam ser ministrados no programa/curso. Isso para se atingir o objetivo de desenvolver as competências necessárias para empreender e para que as mulheres tivessem uma melhora na autoestima e na própria identidade enquanto alguém capaz de gerar renda.

Diante disso, também vai ser necessário aprofundar estudos na literatura sobre as formas possíveis de se trabalhar a mudança na subjetividade e na identidade das mulheres em situação de violência. Uma ideia seria pesquisar isso através dos conceitos e conteúdos de inteligência emocional de Daniel Goleman.

Muitas são as Marias vítimas do fenômeno da violência doméstica Brasil à fora. Que este trabalho possa contribuir para o resgate delas, apresentando uma ferramenta que possa contribuir na quebra do ciclo da violência doméstica e na conquista da autonomia financeira das vítimas, através do empreendedorismo. Uma Maria livre da violência já terá valido a pena.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J. B. C. de; CÉSAR, E. S. R.; SILVA, V. C. L. da; ESPÍNOLA, L. L.; AZEVEDO, E. B. de; FERREIRA FILHA, M. de O. **Violência doméstica: características sociodemográficas de mulheres cadastradas em uma Unidade de Saúde da Família**. Revista Eletrônica de Enfermagem, Goiânia, Goiás, Brasil, v. 15, n. 2, p. 382–90, 2013. DOI: 10.5216/ree.v15i2.18941. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/18941>. Acesso em: 8 abr. 2022.

ALVAREZ, Francisco Javier Batiza. **La violencia de pareja: Un enemigo silencioso**. Archivos de Criminología, Seguridad Privada y Criminalística. Año 4, vol. VIII enero-julio 2017/Year 4, vol. VIII January-July 2017. p. 144-151. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5813533>. Acesso em: 2 mar. 22.

ALVES, Marissol Mello; ANDRÉ, Claudio Fernando. **Modelo 70 20 10 e o microlearning: alternativas para problemas modernos na educação corporativa**. TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, n. 16, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/teccogs/article/view/49107>. Acesso em 10 jul. 22.

ALVES, William Teixeira. Storytelling *In*: ALCANTARA, Elisa S. F. (Org). **Inovação e Renovação Acadêmica: Guia prático de utilização de metodologias ativas**. Volta Redonda, RJ: Editora FERP, UGB, 2020. p. 56-59 (179 p.). Disponível em: <http://www.ugb.edu.br>. Acesso em: 20 mar. 22.

ANDRADE, CJM; FONSECA, RMGS. **Considerações sobre violência doméstica, gênero, e o trabalho das equipes de saúde da família**. Rev Esc Enferm USP, 2008. 42 (3):591-5. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/W8SCzCKdXp3QCFk7dRDZnbd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 mar. 22.

ARAUJO, Claudia Lorena Juliato. **A sistematização coletiva do conhecimento no ensino do cálculo diferencial e integral: uma alternativa à transmissão-assimilação de conteúdo**. Curitiba. 2022. No prelo.

AZEVEDO, Solange. **A Maria da Penha me transformou num monstro: Quem é, como vive e o que pensa o homem condenado por tentar matar a brasileira que deu nome à lei que combate a violência contra a mulher no País**. Revista Isto é. Natal - RN. 21 jan. 2011. Disponível em: [https://istoe.com.br/121068\\_A+MARIA+DA+PENHA+ME+TRANSFORMOU+NUM+MONSTRO+/](https://istoe.com.br/121068_A+MARIA+DA+PENHA+ME+TRANSFORMOU+NUM+MONSTRO+/). Acesso em 5 jun. 2022.

BLUMER, H. **Symbolic Interactionism: perspective and method**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall. 1969.

BRASIL, República Federativa do. **Lei nº 10.886, de 17 de junho de 2004**. Acrescenta parágrafos ao art. 129 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, criando o tipo especial denominado "Violência Doméstica". Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.886.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.886.htm#art1). Acesso em: 19 jul. 21.

BRASIL, República Federativa do. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006.** Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm#art44](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm#art44)>. Acesso em: 19 jul. 21.

BRASIL, República Federativa do. **Lei Feral nº 13.104, de 9 de março de 2015.** Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm#art1)>. Acesso em: 19 jul. 21.

CARVALHO, Pedro Monteiro de. **O papel de Empreendedor na constituição da Identidade: uma análise dramatúrgica.** Dissertação de Mestrado. Curitiba. 2016.

CERQUEIRA, Daniel *et al.* **Atlas da Violência 2021** — São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021.

CHERON, Cibele ; SEVERO, Elena Erling. **Apanhar ou passar fome? A difícil relação entre dependência financeira e violência em Porto Alegre, RS.** Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: <[http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278279902\\_ARQUIVO\\_Cheron\\_Severo.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278279902_ARQUIVO_Cheron_Severo.pdf)>. Acesso em: 7 abr. 22.

CRAMER, Luciana; CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; ANDRADE, Áurea Lucia Sílvia; BRITO, Mozar José de. **Representações femininas da ação empreendedora: uma análise da trajetória das mulheres no mundo dos negócios.** Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas - REGEPE, v.1, n.1, jan/abril de 2012.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 3. ed. Porto Alegre: Bookman. 2010.

DANTAS PEREIRA, Railma Valéria. **Ronda Maria da Penha: uma análise de sua aplicabilidade no município de Senhor do Bonfim-BA.** 2021. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Brasil: FLACSO Sede Brasil. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10469/17039>>. Acesso em: 19 set. 2022.

DE MELO, Rosana Alves; FERNANDES, Flavia Emília Cavalcante Valença; BRANDÃO, Dálete Andrade. **Operação Ronda Maria da Penha da Polícia Militar da Bahia na proteção de mulheres em situação de violência doméstica.** In: 13º Congresso Internacional Rede Unida. 2018. Disponível em: <<http://conferencia2018.redeunida.org.br/ocs2/index.php/13CRU/13CRU/paper/view/1849>>. Acesso em 18 set. 2022.

DIAS, Isabel Simões. **Competências em educação: conceito e significado pedagógico**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 14, Número 1, Janeiro/Junho de 2010: 73-78. Psicol. Esc. Educ. 14 (1). Jun. 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-85572010000100008>>. Acesso em 9 jul. 22.

DOMENECH, I. S.; ELENA, C. C.; AVI, M. R. **La andragogía de Malcom Knowles: teoría y tecnología de la educación de adultos**. 2015. Tese (Doutorado). Universidad Cardenal Herrera-CE, Elche, Espanha. 2015. Disponível em: <[https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/46713081/La\\_andragogia\\_de\\_Malcom\\_Knowles\\_teoria\\_y\\_tecnologia\\_de\\_la\\_educacion\\_de\\_adultos\\_Tesis\\_Iluminada\\_Sanchez\\_Domenech.pdf?1466621935=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DUniversidad\\_Cardenal\\_Herrera\\_CEU\\_LA\\_ANDR.pdf&Expires=1657159493&Signature=fJZMMUPQ2ZJg5xhzxo1KloPxxHpnABzmgI9XKZRli~9KAnEMLXVBtba9XVEH5nIpsWVt6waQrSnKYHVv2BA4fHWDCQITvZz7nywIz~PCJXsUPAdagGLkT2p9bc-W-IXMj8f5V5dfO0OgnOmESZwBFt2unAL0lxThffMtV1xWYRcOGESxqKKDmYeDNaGFooYVddG2XLfhyJiF3TiK0-WSR1-zpJRKimFmHpi4-Or7tsPpyqxOKI1tDA~EC4qCxWohvwnwQT~z32~-pe3JtNQWPdo4kw32rR-a2jITNj4WSdif2nG3o7INDrD~ZG5zOFAqY78k2xbxGBdg3CwcQ03rrw\\_\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/46713081/La_andragogia_de_Malcom_Knowles_teoria_y_tecnologia_de_la_educacion_de_adultos_Tesis_Iluminada_Sanchez_Domenech.pdf?1466621935=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DUniversidad_Cardenal_Herrera_CEU_LA_ANDR.pdf&Expires=1657159493&Signature=fJZMMUPQ2ZJg5xhzxo1KloPxxHpnABzmgI9XKZRli~9KAnEMLXVBtba9XVEH5nIpsWVt6waQrSnKYHVv2BA4fHWDCQITvZz7nywIz~PCJXsUPAdagGLkT2p9bc-W-IXMj8f5V5dfO0OgnOmESZwBFt2unAL0lxThffMtV1xWYRcOGESxqKKDmYeDNaGFooYVddG2XLfhyJiF3TiK0-WSR1-zpJRKimFmHpi4-Or7tsPpyqxOKI1tDA~EC4qCxWohvwnwQT~z32~-pe3JtNQWPdo4kw32rR-a2jITNj4WSdif2nG3o7INDrD~ZG5zOFAqY78k2xbxGBdg3CwcQ03rrw__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA)>. Acesso em 13 maio 22.

FBSP, Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021**. ISSN 1983-7364; ano 15; 2021. Disponível em: <[www.forumseguranca.org.br](http://www.forumseguranca.org.br)>. Acesso em: 19 jul. 21.

FBSP, Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022**. Disponível em: <[www.forumseguranca.org.br](http://www.forumseguranca.org.br)>. Acesso em: 10 jul. 22.

FERNANDES, Maria da Penha Maia. **Sobrevivi... posso contar**. 2. ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012. Trecho disponível em: <<https://ler.amazon.com.br/kp/embed?linkCode=kpd&asin=B015JSVR2W&tag=ler-livros-20&amazonDeviceType=A2CLFWBIMVSE9N&from=Bookcard&preview=newtab&reshareId=YYTCZR890VNXJ21293HA&reshareChannel=system>> Acesso em: 22 ago. 22.

FERNANDES, William Leal Colaço; MARTINS, João Cubas; BRUN, Sérgio Adelar. Ações de educação empreendedora para fomentar a cultura do empreendedorismo em uma organização pública: o caso da agência de inovação da UFPR. In: GIMENEZ, F. A. P.; BUETTGUEN, J. J.; RUGGI, M. O. (Org). **Empreendedorismo: Ecossistema Empreendedor, Educação, Competências e Inovação Sustentável**. Curitiba: ISAE/FGV, 2018. p. 89-107.

FERREIRA FERNANDES, Jane Mendes. **A construção da identidade de empreendedoras como forma de enfrentamento de violência doméstica**. Projeto de Pesquisa. 2021. 23p.

FERREIRA, Jane Mendes. **A ação da mulher empreendedora sob a perspectiva sócio-histórica de González Rey**. Tese de Doutorado. Universidade Positivo. Curitiba, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.cruzeirosul.edu.br/jspui/handle/123456789/2784>>. Acesso em: 10 fev. 23.

FLEURY, Maria Tereza Leme; FLEURY, Afonso. **Construindo o conceito de competência**. RAC, Rev. adm. contemp. 5 (spe). Edição Especial 2001: 183-196. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1415-65552001000500010>>. Acesso em: 9 jul. 22.

GIMENEZ, Fernando Antônio do Prado. Projeto Eu que Fiz Selecta: os seis Ps do empreendedorismo em ação. In: BUETTGEN, John Jackson; NASCIMENTO, Juliana Oliveira; RUGGI, Maíra Oliveira; CHARVET, Patricia. (Org). **Empreendedorismo, Sustentabilidade e Inovação no Brasil Prêmio Ozires Silva: dez anos reconhecendo ideias de valor**. 1ª Ed. Curitiba: ISAE Escola de Negócios. 2017. p. 153-169.

GIRAFFA, Lúcia Maria. **Novas tecnologias para novas pedagogias**. Vídeo aula 3, parte 1 (36min06s) e parte 2 (38min27s). Pós-graduação em Educação Transformadora: Pedagogias, fundamentos e práticas. PUC-RS. 2021. Disponível em: <<https://salavirtual.pucrs.br/curso/educacao-transformadora-pedagogia-fundamentos-e-praticas-50/conteudo?item=56259>>. Acesso em: 13 maio 22.

GODOI, Alexandre Franco de; FERREIRA, Jeferson Vinhas. **Metodologia Ativa de Aprendizagem para o ensino em Administração: relatos da experiência com a aplicação do *Peer Instruction* em uma instituição de ensino superior**. Revista Eletrônica de Administração (Online) ISSN: 1679-9127, v. 15, n.2, ed. 29, Jul-Dez 2016.

GOMES, A. P. P. F. **Como morre uma mulher?** Configurações da violência letal contra mulheres em Pernambuco. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

GOMES, Nadirlene Pereira; DINIZ, Normélia Maria Freire; CAMARGO, Climene Laura de; Silva, Marieve Pereira da. **Homens e mulheres em vivência de violência conjugal: características socioeconômicas**. Rev Gaúcha Enferm., Porto Alegre (RS) 2012 jun;33(2):109-116. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/HpwYMHqz55BVLQB3MqvRHPH/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 5 dez. 20.

GREEN, Eric P. ; BLATTMAN, Christopher; JAMISON, Julian; ANNAN, Jeannie. **Women's entrepreneurship and intimate partner violence**: A cluster randomized trial of microenterprise assistance and partner participation in post-conflict Uganda. Social Science & Medicine 133 (2015) 177-188. Disponível em: <[www.elsevier.com/locate/socscimed](http://www.elsevier.com/locate/socscimed)>. Acesso em 24 mar. 22.

GUERRA, Leonor Bezerra. **O diálogo entre a neurociência e a educação: da euforia aos desafios e possibilidades**. Disponível em:

<[https://www2.icb.ufmg.br/neuroeduca/arquivo/texto\\_teste.pdf](https://www2.icb.ufmg.br/neuroeduca/arquivo/texto_teste.pdf)>. Acesso em: 5 dez. 20.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; FBSP, Fórum Brasileiro de Segurança Pública (Org.). **Atlas da violência 2019**. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. ISBN 978-85-67450-14-8.

IMP, Instituto Maria da Penha. **Quem é Maria da Penha?**. Disponível em: <<https://www.institutomariadapenha.org.br/quem-e-maria-da-penha.html>> Acesso em: 20 ago. 22.

JAZAR, Fabiola Weinhardt; FERREIRA FERNANDES, Jane Mendes; GIMENEZ, Fernando Antonio Prado. **Sentidos atribuídos à atividade empreendedora por mulheres na área rural: o eu, os meus e o tempo**. Cadernos de Gestão e Empreendedorismo. Rio de Janeiro; v. 8 ; n. 3 ; set. – dez. 2020.

KAWAMURA, Eric Hideo; MELO, Gabriela Aparecida Santiago; CUNHA, Daniel Antônio. **Lei Maria Da Penha Em Paracatu/MG: Reflexões sobre a atuação da Patrulha de Prevenção da Violência Doméstica – 45° BPM/MG**. Anais do 3° Simpósio de TCC, das faculdades FINOM e TecSoma. 2020; 375-403. Disponível em: <<https://finom.edu.br/assets/uploads/cursos/tcc/202102041002311.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2022.

KOERICH, Magda Santos; BACKES, D. S.; SOUSA, F. G. M.; ERDMANN, A. L.; ALBURQUERQUE, G. L. **Pesquisa-ação: ferramenta metodológica para a pesquisa qualitativa**. Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 11, n. 3, p. 717-723, 2009. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fen/article/view/47234/23150>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

MENEGHEL, Stela Nazareth; MUELLER, Betânia; COLLAZIOL, Marcell Emer; QUADROS, Maíra Meneghel de. **Repercussões da Lei Maria da Penha no enfrentamento da violência de gênero**. Ciência & Saúde Coletiva, 18(3):691-700, 2013.

ONU, Organização das Nações Unidas. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. 2015. Traduzido pelo Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio), última edição em 13 de outubro de 2015. Disponível em: <<https://sustainabledevelopment.un.org/>>. Acesso em: 31 maio 21.

OUTWATER, Anne H.; ABRAHAM, Alison G.; ISESELO, Masunga K.; SEKEI, Linda Helgesson; KAZAURA, Method R.; and KILLEWO, Japhet. **Entrepreneurship, beekeeping, and health training to decrease community violence in Dar es Salaam, Tanzania: a pilot study for an intervention trial**. Pilot and Feasibility Studies 7, 183 (2021). BMC. Disponível em: <<https://doi.org/10.1186/s40814-021-00920-1>>. Acesso em: 24 mar. 22.

PADOVEZ, Luciana; CAMARGO, Altair; BORGES, Cândido. O Uso de Metodologias Ativas no ensino de empreendedorismo: a experiência do curso UFG Empreende. In:

GIMENEZ, F. A. P.; BUETTGUEN, J. J.; RUGGI, M. O. (Org). **Empreendedorismo: Ecossistema Empreendedor, Educação, Competências e Inovação Sustentável**. Curitiba: ISAE/FGV, 2018. p. 71-88.

PARANÁ. **Lei nº 19.788, 20 de Dezembro de 2018**. Institui no âmbito do Estado do Paraná as Patrulhas Maria da Penha e dá outras providências. Curitiba, PR: Casa Civil. Disponível em: <<https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=213662&indice=1&totalRegistros=1&dt=29.5.2021.17.8.8.259>>. Acesso em: 23 mar. 22.

PEINADO, Maria Fernanda Regina Lopes; PETEAN, Fabiano Augusto. **Violência doméstica face a dependência financeira da vítima**. XV Jornada de Iniciação Científica e IX Mostra de Iniciação Tecnológica - 2019. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: <<http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/xvjornada/paper/view/1354/1026>>. Acesso em: 5 abr. 22.

PEREIRA, Malila Natascha da Costa; PEREIRA, Maria Zuleide da Costa. **A Violência Doméstica Contra A Mulher**. Espaço do Currículo, v.4, n.1, pp. 22-34, Março a Setembro de 2011. Disponível em: <<https://periodicos3.ufpb.br/index.php/rec/article/view/10540/5827>>. Acesso em: 2 mar. 22.

PIMENTEL, Marcelo Monteiro de Castro. **O diagnóstico da atuação da patrulha de prevenção à violência doméstica na área do 2º Batalhão de Polícia Militar**. 2013. Disponível em: <<http://monografias.fjp.mg.gov.br/handle/123456789/2071>>. Acesso em: 20 set. 2022.

PMPR, Polícia Militar do Paraná. **Diretriz nº 012/2022 - PM/3, de 28 de setembro de 2022**. Política de Prevenção e Repressão à Violência Doméstica da Polícia Militar do Paraná. Curitiba, Paraná, 2022.

RAU, Maria Cristina Trois Dorneles. **A formação lúdica dos professores pedagogos por meio da criação de brinquedoteca: uma possibilidade de transformação da prática pedagógica com o lúdico**. Tese (Doutorado em educação). Curitiba-2021. No prelo.

RIBEIRO, Renato Janine. **O mestrado profissional na política atual da Capes**. RBPG, Brasília, v. 2, n. 4, p. 8-15, jul. 2005. Seção Debates. Disponível em: <<https://aplicweb.feevale.br/site/files/documentos/pdf/32247.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 23.

ROSA, Alaiz Cristina Santa; CAMPOS, Elza Maria. **Violência Doméstica: Por que mulheres renunciam ao processo criminal?** Cadernos da Escola de Educação e Humanidades, Curitiba, v.1 n.10: 27-43. 2015. Disponível em: <<https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernoseducacaoehumanidades/article/view/2113>>. Acesso em 8 abr. 22.

RUAS, R; ANTONELLO, C. S.; BOFF, L. H. **Gestão por competências: Uma contribuição à estratégia das organizações**. Os novos horizontes da gestão - Aprendizagem organizacional e competências. Porto Alegre, 2005. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Roberto-Ruas-2/publication/286444477\\_Aprendizagem\\_Organizacional\\_e\\_Competicencias\\_novos\\_horizontes\\_da\\_Gestao/links/56697cfb08ae430ab4f71f92/Aprendizagem-Organizacional-e-Competencias-novos-horizontes-da-Gestao.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Roberto-Ruas-2/publication/286444477_Aprendizagem_Organizacional_e_Competicencias_novos_horizontes_da_Gestao/links/56697cfb08ae430ab4f71f92/Aprendizagem-Organizacional-e-Competencias-novos-horizontes-da-Gestao.pdf)>. Acesso em 13 maio 22.

SANEMATSU, M. Por que precisamos falar sobre a violência contra a mulher?. In: Instituto Patrícia Galvão (Org.). **Violência doméstica e familiar contra a mulher – Um problema de toda a sociedade**. São Paulo: Paulinas, 2019.

SANTOS, Joyce Duailibe Laignier Barbosa; SANTOS, Cristina Vianna Moreira dos. **Considerações sobre a Rede de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres**. Revista Contexto & Saúde; Editora Unijuí – ISSN 2176-7114 – vol. 20, n. 40, jul./dez. 2020. p. 139-148. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21527/2176-7114.2020.40.139-148>>. Acesso em: 9 jul. 22.

SHAHRIARA, Abu Zafar M.; SHEPHERD, Dean A. **Violence against women and new venture initiation with microcredit: Self-efficacy, fear of failure, and disaster experiences**. Journal of Business Venturing 34 (2019) 105945. Disponível em: <[www.elsevier.com/locate/jbusvent](http://www.elsevier.com/locate/jbusvent)>. Acesso em 24 mar. 22.

SIGNORELLI, Marcos Claudio; AUAD, Daniela; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. **Violência doméstica contra mulheres e a atuação profissional na atenção primária à saúde: um estudo etnográfico em Matinhos, Paraná, Brasil**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 29(6):1230-1240, jun, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/dSNqzct3nLL4Mdxp5ZPnV5h/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 2 mar. 22.

SILVA, Daniele da; SILVA, Renata Limongi França Coelho. **Violência contra as mulheres nos relacionamentos conjugais e a dependência emocional: fator que influencia a permanência na relação**. Revista Multidisciplinar Humanidades & Tecnologia em Revista (FINOM) - ISSN: 1809-1628. Ano XIV, vol. 20- Jan jul. 2020. Disponível em: <[http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM\\_Humanidade\\_Tecnologia/article/view/1008/727](http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/view/1008/727)>. Acesso em 7 abr. 22.

SILVA, Eduardo Robini da. **Ciclo ERSSA e os antecedentes da aprendizagem organizacional: o empreendedorismo por meio do storytelling**. Tese (Doutorado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br>>. Acesso em 10 jul. 22.

SILVA, Luciane Lemos da; COELHO, Elza Berger Salema; CAPONI, Sandra Nomi Cucurullo de. **Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica**. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.11, n.21, p.93-103, jan/abr 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/9SG5zGMVt4VFDZtzbX97MkP/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 5 abr. 22.

SILVA, Maria Carmelita Maia e; BRITO, Ana Maria de; ARAUJO, Alessandra de Lima e ABATH, Marcella de Brito. **Caracterização dos casos de violência física, psicológica, sexual e negligências notificados em Recife, Pernambuco, 2012.** Epidemiol. Serv. Saúde [online]. 2013, vol.22, n.3, pp.403-412. ISSN 1679-4974. Disponível em: <[http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?pid=S1679-49742013000300005&script=sci\\_abstract](http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?pid=S1679-49742013000300005&script=sci_abstract)>. Acesso em 5 abr. 22.

SOUZA, O. A.; ASINELLI-LUZ, A. **Família-escola e as competências socioemocionais 2.** Curitiba: Opet, 2019.

SPANIOL, Marlene Inês. **Patrulhas Maria da Penha: Análise dos avanços e desafios dos dois anos de implantação desta política pública de prevenção à violência de gênero, nos Territórios da Paz, em Porto Alegre.** Violência, Crime e Segurança Pública. Rev. Eletrônica Sistema Penal & Violência. PUCRS. Porto Alegre. Volume 7 – Número 1 – p. 30-48 – janeiro-junho 2015.

SPM/PR, Secretaria de Políticas para as Mulheres / Presidência da República. **Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres.** Brasília, 2011a. Disponível em: <[chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/copy\\_of\\_acervo/outras-referencias/copy2\\_of\\_entenda-a-violencia/pdfs/politica-nacional-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres](chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/copy_of_acervo/outras-referencias/copy2_of_entenda-a-violencia/pdfs/politica-nacional-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres)>. Acesso em: 9 jul 22.

SPM/PR, Secretaria de Políticas para as Mulheres / Presidência da República. **Rede de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres.** Brasília, 2011b. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/rede-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres>>. Acesso em: 9 jul 22.

TIEPPO, Carla. **Uma viagem pelo cérebro: a via rápida para entender a neurociência.** São Paulo, SP: Conectomus, 2019, 252 p. ISBN: 978-65-80549-00-9, p.1. Disponível em: <<https://cdn.awsli.com.br/1001/1001467/arquivos/capitulo1.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 21.

TIEPPO, Carla. **Educação emocional: o papel da neurociência na Aprendizagem.** Vídeo aula 1, parte 3 (36min45s). Pós-graduação em Educação Transformadora: Pedagogias, fundamentos e práticas. PUC-RS. 2020. Disponível em: <<https://salavirtual.pucrs.br/curso/educacao-transformadora-pedagogia-fundamentos-e-praticas-50/conteudo?item=56295>>. Acesso em: 13 maio 22.

TRIPP, David. **Action research: a methodological introduction.** Educação e Pesquisa, 31, 443-466. 2005. Murdoch University. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=en>>. Acesso em 9 maio 22.

UCHOA, Pablo. **Como sobrevivi a duas tentativas de assassinato pelo marido e mudei as leis do Brasil.** Da BBC Brasil em Londres. 22 set. 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37428515>>. Acesso em: 22 ago. 22.

VALENÇA, Marcelo M.; TOSTES, Ana Paula Balthazar. **O Storytelling como ferramenta de aprendizado ativo**. Carta Internacional, v. 14, n. 2, 2019. Disponível em: <<https://www.cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/917>>. Acesso em 10 jul. 22).

VOGT, M. S. L.; ALVES, E. D. **Revisão teórica sobre a educação de adultos para uma aproximação com a andragogia**. Educação, [S. l.], v. 30, n. 2, p. 195–214, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/3746>. Acesso em: 6 jul. 2022.

VYAS, Seema; JANSEN, Henrica AFM; HEISE, Lori; MBWAMBO, Jessie. **Exploring the association between women's access to economic resources and intimate partner violence in Dar es Salaam and Mbeya, Tanzania**. Social Science & Medicine, 146 (2015) 307-315. Disponível em: <[www.elsevier.com/locate/socscimed](http://www.elsevier.com/locate/socscimed)>. Acesso em 24 mar. 22.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil**. 1ª Edição; Brasília – DF – 2015. Disponível em: <[www.mapadaviolencia.org.br](http://www.mapadaviolencia.org.br)>. Acesso em: 20 jul. 21.

WALKER, Lenore E. A. **The battered Woman Syndrome**. Springer Publishing Company. Third edition. 2009. New York. With Research Associates, 2009.

WALKER, Lenore E. A. **The battered Woman Syndrome**. Springer Publishing Company. Fourth edition. 2016. New York. Revised edition of the author's The battered woman syndrome, 2009.

## APÊNDICE I TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: O Resgate de Marias: o ensino de empreendedorismo como forma de enfrentamento à violência doméstica.

Pesquisador responsável: Victor Rodrigo Amaral, e-mail: victor.vramaral@gmail.com

Você está sendo convidada a responder às questões apresentadas no roteiro de entrevista de forma voluntária. Assim, antes de concordar em participar desta pesquisa e responder as questões, é importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. A pesquisa é voluntária e você pode retirar o consentimento a qualquer momento. Se sentir qualquer tipo de desconforto pode deixar de responder a uma ou mais perguntas, conforme preferir. O pesquisador se compromete com o sigilo dos dados coletados e uso exclusivamente para os fins acadêmicos. Também qualquer dúvida poderá ser sanada pela entrevistadora ou pelo pesquisador através do contato acima.

A pesquisa tem por objetivo geral analisar como se constitui a identidade empreendedora de mulheres vítimas de doméstica. Para isso, será realizada uma investigação de cunho qualitativo, que utilizará de entrevistas semi-estruturadas para a coleta de dados. Estas entrevistas serão gravadas para fins de registro e compilação. O nome da participante não será divulgado, não se fazendo necessária a identificação da participante em nenhum momento em que a entrevista estiver sendo gravada.

Assim, ciente do que foi acima descrito, eu, \_\_\_\_\_, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este termo de consentimento, ficando com uma cópia deste documento.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de fevereiro de 2023.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Victor Rodrigo Amaral – Pesquisador

Observação: qualquer dúvida pode ser esclarecida através do contato acima informado.

## APÊNDICE II

### ROTEIRO DE ENTREVISTA E OBSERVAÇÃO

Seguem as perguntas norteadoras para as entrevistas realizadas. Considerando tratar-se de entrevista semi-estruturada, todas as perguntas foram realizadas de forma oportuna e apenas se necessárias. Sempre que a entrevistadora perceber que o item ou questão seguinte já foi atendido em resposta anterior, ele deixa de ser perguntado, para se evitar a repetição e que o processo se torne cansativo à entrevistada.

A entrevistadora iniciará a conversa cumprimentando e agradecendo a disponibilidade de tempo dedicada à entrevista. Logo em seguida, passará a leitura do termo de consentimento livre e esclarecido:

*Você está sendo convidada a responder às questões apresentadas no roteiro de entrevista de forma voluntária. O título do estudo foi definido provisoriamente como “O Resgate de Marias: o ensino de empreendedorismo como forma de enfrentamento à violência doméstica”. O pesquisador responsável se chama Victor Rodrigo Amaral, e a orientadora da pesquisa é a Prof. Dra. Jane Mendes Ferreira Fernandes. A pesquisa está sendo realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação (mestrado profissional) em Gestão de organizações, Liderança e Decisão da Universidade Federal do Paraná.*

*Assim, antes de concordar em participar desta pesquisa e responder as questões, é importante que você compreenda as informações e instruções contidas a seguir:*

- 1) A pesquisa é voluntária e você pode retirar o consentimento a qualquer momento.*
- 2) Se sentir qualquer tipo de desconforto pode deixar de responder a uma ou mais perguntas, conforme preferir.*
- 3) O pesquisador se compromete com o sigilo dos dados coletados e uso exclusivamente para os fins acadêmicos. Não haverá identificação de nenhuma das participantes, e a referência às respostas será feita de forma codificada, utilizando-se de nomes fictícios.*
- 4) Para responder as perguntas, de forma presencial, será utilizada uma sala em local combinado previamente, de modo individual e isolado de público externo. Caso se opte pela entrevista online, será utilizada uma plataforma que permita gravação, e da mesma forma, a entrevistada deve estar em local que permita conversar tranquilamente, evitando-se interferências externas, conforme sua preferência.*
- 5) Qualquer dúvida poderá ser sanada pela entrevistadora ou pelo pesquisador através do contato: [victor.vramaral@gmail.com](mailto:victor.vramaral@gmail.com), telefone (41) 99916-0893.*
- 6) Uma cópia deste termo, caso solicitado, será disponibilizada pelo pesquisador.*

*A pesquisa tem por objetivo geral analisar como se constitui a identidade empreendedora de mulheres em situação de violência doméstica. Para isso, será realizada uma investigação de cunho qualitativo, que utilizará de entrevistas semi-estruturadas para a coleta de dados. Estas entrevistas serão gravadas para fins de registro e compilação. O nome da participante não será divulgado, não se fazendo necessária a identificação da participante em nenhum momento em que a entrevista estiver sendo gravada.*

*Você concorda em participar desta pesquisa nos termos citados?*

Se aceitar, prosseguir com as perguntas, se não aceitar, agradecer e encerrar o contato.

### **1) 1ª Parte: Dados gerais e sociodemográficos**

*1.1 Qual sua idade?*

*1.2 Qual seu estado civil?*

*1.3 Qual cidade reside?*

*1.4 Você tem companheiro(a) ou ex-companheiro(a)?*

*1.4.1 Ele(a) trabalha? No que?*

*1.5 Você trabalha atualmente? No que?*

*1.6 Já teve outros trabalhos anteriormente? Quais?*

*1.6.1 Já trabalhou de casa ou remotamente?*

*1.7 Tem filhos? Quantos/idade?*

*1.7.1 Se tem filhos: Alguém ajuda na criação dos filhos para você trabalhar?*

### **2) 2ª Parte: Autodefinição e história da mulher**

*2.1 Se a sua vida virasse um filme ou um livro, como a sua história seria contada?*

*2.1.1 Quais os eventos mais marcantes da sua vida?*

*2.2 Quem é você? Como você se vê/define? Quais são as suas principais características?*

*2.3 Você considera que a forma como você se vê tem relação com a sua história de vida? Como (pode explicar com exemplos)?*

*2.4 O que você acha que as pessoas pensam e esperam de você?*

*2.5 Quais expectativas você tinha para a sua vida adulta? Quais eram seus maiores sonhos?*

*2.6 Estes sonhos mudaram? Quais são os seus sonhos hoje?*

### **3) 3ª Parte: Percepções sobre empreendedorismo**

- 3.1 *Quais são suas habilidades? O que sabe fazer bem ou tem facilidade, seja trabalho ou lazer?*
- 3.2 *Quais dessas atividades mais gosta de fazer?*
- 3.3 *O que as pessoas costumam falar que você faz bem?*
- 3.4 *Para você o que é ser uma empreendedora?*
- 3.4.1 *Quais características de uma empreendedora?*
- 3.4.2 *Como se comporta uma empreendedora?*
- 3.5 *Você se vê como uma empreendedora?*
- 3.5.1 *Você consegue se imaginar como dona do próprio negócio?*
- 3.5.2 *Você consegue se ver gerando renda através de um negócio? Por que?*
- 3.6 *Na sua família tem alguém que é dono do próprio negócio? Você já teve? Qual tipo de negócio?*
- 3.7 *Você acha que é capaz de abrir um negócio? Se sim, por que? Se não, por que? O que acha que falta pra você?*
- 3.8 *Se abrisse um negócio, onde gostaria de chegar com ele?*
- 3.9 *Como você acha que se sentiria caso conseguisse abrir um negócio?*
- 3.10 *O que seu companheiro(a)/marido ou ex-companheiro(a) acharia caso você tentasse abrir um negócio? Acreditaria em você, apoiaria? Por que?*
- 3.11 *E sua família (pai/ mãe/filhos), o que achariam? Apoiariam? Por que?*

### **4) 4ª Parte: Dados para a viabilização do curso de empreendedorismo**

- 4.1 *Você possui acesso à internet? Por qual meio?*
- 4.2 *Possui Smartphone?*
- 4.3 *Já fez algum curso à distância/online?*
- 4.4 *Teria quanto tempo para dedicar ao estudo na semana?*
- 4.5 *Para aprender alguma coisa, prefere ler, assistir vídeos ou assistir aulas presenciais?*
- 4.6 *Você tem hábito de assistir vídeos na internet?*
- 4.6.1 *Se sim, de qual duração em média são os vídeos?*
- 4.7 *Você tem o hábito de escutar rádio? E conteúdos de áudio (estilo podcast)?*








### **5) 5ª Parte: Testagem para a aplicação da metodologia *storytelling***






- 5.1 *Você admira alguma mulher que mudou de condição de vida? Quem?*

5.2 Você já ouviu alguma história de mulher que se destacou nos negócios ao empreender? Qual?

5.3 Se você fosse empreender, qual área acha que se identificaria mais?

Escolher um vídeo de mulher empreendedora de acordo com as respostas e perfil de cada entrevistada, conforme área de afinidade. Avisar que será apresentado um vídeo de curta duração com história de uma mulher que mudou de vida ao empreender. Mostrar o vídeo ou encaminhar para que seja assistido:

<b>Empreendedora</b>	<b>Empresa</b>	<b>Link da História (Youtube)/tempo</b>	<b>QR CODE</b>
Cleuza Maria da Silva	Sodiê Doces	<a href="https://youtu.be/9IFr7rafADE">https://youtu.be/9IFr7rafADE</a> 7min18s	
Zica Assis e Leila Velez	Instituto Beleza Natural	<a href="https://youtu.be/zYSO6ERGtEE">https://youtu.be/zYSO6ERGtEE</a> 10min57s	
Luzia Costa	Beryllos e Sóbrancelhas (unhas e sobrancelhas)	<a href="https://youtu.be/zwjqhNuFyIs">https://youtu.be/zwjqhNuFyIs</a> 6min57s	
Adelina Hess (Dona Lina) e Sônia Hess	Dudalina (camisaria)	<a href="https://youtu.be/_9WOFs4v-aY">https://youtu.be/_9WOFs4v-aY</a> 6min41s	
Dalva Gimenez Rosa	Dalva Confecções	<a href="https://youtu.be/P0eZliNTk8o">https://youtu.be/P0eZliNTk8o</a> 5min09s	
Lilian Sarturato	Lis Buffet (bolo de pote, coxinha, buffet e eventos)	<a href="https://youtu.be/GGJNDR_F7k0">https://youtu.be/GGJNDR_F7k0</a> 6min48s	
Luíza Helena Trajano	Magazine Luíza	<a href="https://youtu.be/ZCZLxhiQAEs">https://youtu.be/ZCZLxhiQAEs</a> 16min35s	

Elizabete Monteiro	Fábrica de Coxinhas	<a href="https://youtu.be/HlxFINX54Rk">https://youtu.be/HlxFINX54Rk</a> 5min39s	
Larissa de Souza	Snack Saudável	<a href="https://youtu.be/mTCitdOghd8?t=23">https://youtu.be/mTCitdOghd8?t=23</a> 8 3min58s até 6min50s	
Maria Yonaha; Patrícia Helu	Barraca pastel Cepera; Loja Roupas	<a href="https://youtu.be/RwAmsqsj_s">https://youtu.be/RwAmsqsj_s</a> 3min55s	
Maria Eduarda Gabin; Luíza Dai Prá; Larissa Guarda; Andressa de Lima; Valéria Tonietto	Madu Design; #lulumesalva; Aflore floricultura; Mirruá; Arquiteta.	<a href="https://youtu.be/XI7RZdyGDXw">https://youtu.be/XI7RZdyGDXw</a> 14min50s	
Eliane Nóbrega	Demolidora	<a href="https://youtu.be/Twl14tVz6BI">https://youtu.be/Twl14tVz6BI</a> 12min41s	

Após o vídeo, retomar com as perguntas:

5.4 *Observando a história da mulher empreendedora, você se identifica com ela em algum aspecto? Qual?*

5.5 *Depois de ver a história, você acredita que tem potencial para fazer algo semelhante na sua área de interesse?*

5.6 *Para você, qual foi o fator essencial para o sucesso dela?*

5.7 *Após o vídeo, sentiu maior vontade de empreender de alguma forma?*

Concluídas as perguntas, a entrevistadora faz o agradecimento à entrevistada pela contribuição, pergunta se foi tranquilo e se está tudo bem. Depois encerra e se despede.